UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

UNIVER(CIDADE)S:

O ESTUDO DA RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COM A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

MARIANA CRISTINA DA SILVA GOMES

PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
Campus de Presidente Prudente

MARIANA CRISTINA DA SILVA GOMES

UNIVER(CIDADE)S:

O ESTUDO DA RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COM A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

MARIANA CRISTINA DA SILVA GOMES

UNIVER(CIDADE)S:

O ESTUDO DA RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COM A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – FCT/UNESP - câmpus de Presidente Prudente – SP, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio José Catelan

PRESIDENTE PRUDENTE – SP

2019

G633u

Gomes, Mariana Cristina da Silva
UNIVER(CIDADE)S: : O estudo da relação das instituições de ensino superior com a cidade de Presidente Prudente/SP / Mariana Cristina da Silva Gomes. -- Presidente Prudente, 2019
148 p. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Márcio José Catelan

1. Interações Espacias. 2. Ensino Superior. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: UNIVER(CIDADE)S: O ESTUDO DA RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COM A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE / SP

AUTORA: MARIANA CRISTINA DA SILVA GOMES
ORIENTADOR: MÁRCIO JOSÉ CATELAN

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. MÁRCIO JOSÉ CATELAN
Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/UNESP

Prof. Dr. EVERALDO SANTOS MELAZZO
Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/UNESP

Profa. Dra. MARIA JOSE MARTINELLI SILVA CALIXTO
Faculdade de Ciências Humanas / UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Presidente Prudente, 20 de fevereiro de 2019

Dedico a minha mãe Maurina Alves da Silva Gomes
e ao meu pai Luis Carlos Gomes (In memoriam) por me mostrar o
significado da palavra esperança e por não
medirem esforços para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

UBUNTU (s.m.) em xhosa/zulu: lit. "eu sou o que sou, porque nós somos todos"[1]

Amparada nessa filosofia africana eu gostaria de iniciar os meus agradecimentos que serão muitos. Quando me lembro que todo trabalho feito em coletividade gerou resultados incríveis, sinto-me emocionalmente muito bem acolhida pelos amigos que escolhi e aos que me escolheram nessa trajetória onde nossos caminhos se cruzaram. Gratidão a essas amizades que fiz e que ficarão eternamente marcadas na minha memória.

Nesses dois anos de mestrado muita coisa mudou, mudaram-se os espaços, a relação com a universidade, com a cidade, a relação com o tempo e as próprias convicções. O que não mudou foi a perspectiva de que juntos podemos ser muito mais.

Agradeço aos meus pais por prospectarem esse futuro para mim, me incentivar e possibilitar que eu permanecesse mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos. Agradeço a toda a minha família que de braços abertos sempre me recebe de volta, apesar de tanto tempo distante, em especial a minha irmã Amanda Thaisa, por toda a sua força.

Um agradecimento muito especial aos amigos de pesquisa e laboratório, em especial a Jéssica, Agnaldo, Rhafael Borges, Núbia Armond, Márcio Roda, Paulo Zangalli Jr., Nayara, Lindbergh, Priscila Engel, Viviane, Cláudio Smalley, Danilo Alcântara, Gabriel e a Janaína, pessoas com as quais dividi minhas inquietações, tristezas e felicidades e que sempre tiveram energias muito positivas pra compartilhar.

Meus agradecimentos a Elaine e Juliana pessoas com quem construí um lar longe de casa, foram mais que amigas, irmãs que eu escolhi, dividir a rotina da casa. Agradeço também aos membros do Coletivo Mãos Negras da Unesp, coletivo no qual aprendi muito e muito reflete em quem eu sou. Nesse sentido agradeço também ao Comir (Comissão Municipal e Igualdade Racial), presidido pelo Renato Davi pelo apoio e diálogo. Ao Maatumba Musiko, a música sempre me salvou pela amplitude, obrigada a todos por serem parte

[1] *"... na ocepção de ubuntu toda a realidade está integrada. Com efeito, a tradução de ubuntu por "humanismo" não nos oferece toda a dimensão da palavra. Em linhas gerais, "ubu" indica tudo que está ao nosso redor tudo que temos em comum. "Ntu" significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando. (Noguera, 2012, p. 148).*

importante da minha militância e por me mostrar o que já pairava nos meus pensamentos e inquietações.

Aos membros do D.A. (Diretório Acadêmico) e a AEPG (Associação de Estudantes da Pós-Graduação), e consequentemente a todo o M.E.(Movimento Estudantil) e cuja as trajetórias se combinaram e apresentaram uma união além da universidade, esse encontro que ocorreu a partir da greve de 2016 foi importante marco da minha formação.

Um agradecimento muito carinhoso a Natália Pereira de Oliveira, Mariana Rabelo Valença por todos os conselhos, pelos momentos, vocês foram muito importantes pra minha formação pessoal e profissional. Acrescento aqui um agradecimento mais que em especial para Natália que sempre representou para mim um porto seguro, uma pessoa com o coração mais lindo e cujo o mesmo carinho no mesmo nível não serei capaz de retribuir, obrigada por todos os conselhos e conversas e por toda sabedoria compartilhada.

Ao Andrié que veio para iluminar e aos irmãos de coração Bruno Polachini e Amanda Tanaka Klein muito bom crescer com vocês, sempre juntos, sempre compartilhando os momentos de crescimento, de realizações e desapontamento, partes dessa trajetória. E em especial a Rosa Ylê uma amiga que a universidade me deu a oportunidade de conhecer.

Agradeço aos professores do departamento de geografia, aos professores do programa de pós-graduação em geografia, aos funcionários da seção de graduação e de pós-graduação, um agradecimento a todos que fazem esse programa acontecer.

Agradeço especialmente ao meu orientador Márcio José Catelan por todo o apoio e orientação, a habilidade de mudar a vida das pessoas e por acreditar nas pessoas e no meu potencial quando eu, por vezes, hesito em arriscar. Obrigada por ser um educador e levar a missão de ensinar de forma compromissada e respeitosa.

Agradeço à Capes e ao projeto pró-integração pelo apoio, sem o qual não seria possível fazer a pesquisa, nem experimentar o mundo acadêmico.

Ao Gasperr, grupo de pesquisa que me acolheu e ofereceu toda estrutura para que o trabalho fosse feito de forma séria, com conteúdo de qualidade.

Agradeço as instituições de ensino Fatec, Unoeste, Unesp e Toledo, aos coordenadores e aos alunos pelo material cedido e pela disponibilidade. Aos alunos Natalia, Paula, Eilaine, Rosa, Vitor, Paula, Letícia Carli, Mariana e Pablo pelo trabalho em conjunto e todos que apesar da rotina corrida, reservaram um horário da sua disponibilidade e colaboraram para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, agradeço em especial ao Felipe César por toda disposição e incentivo e por ter feito parte de todos os trabalhos de campo e empreitadas. Aprendo todo dia com todos vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Então é melhor falar

tendo em mente que

não esperavam que sobrevivêssemos

(Uma ladainha pela sobrevivência – AUDRE LORDE)

Resumo

Esse trabalho apresenta um panorama geral da discussão sobre Geografia do Ensino superior, defendendo-o enquanto tema de pesquisa na ciência geográfica. O objetivo desse trabalho urge para entender o impacto do ensino superior na cidade e no espaço urbano sem desconsiderar sua importância para o espaço regional. Os conceitos elencados para trabalhar juntamente com o tema de geografia do ensino superior foram as interações espaciais e territoriais uma vez que por elas entendemos os fluxos e o movimento desse processo e o conceito de escala, entendendo sua problematização mas também considerando o mesmo bastante importante para se entender os processos que ocorrem nas cidades brasileiras a partir da análise multiescalar. A metodologia aplicada trata-se de aplicação de questionário e entrevista; trabalho de campo e sistematização dos dados. Por fim, esse trabalho adentrou mais profundamente no tema das relações da cidade de Presidente Prudente com as instituições de ensino superior nelas contidas a fim de verificar as diferentes expressões desta no espaço urbano.

Palavras – chave: Ensino Superior, Interações Espaciais, Escalas, Presidente Prudente.

Abstract

This paper presents an overview of the discussion on Geography of Higher Education, defending it as a topic of research in geographic science. The objective of this work is to understand the impact of higher education in the city and in the urban space without disregarding its importance for the regional space. The concepts listed to work together with the topic of geography of higher education were the spatial and territorial interactions since they understood the flows and the movement of this process and the concept of scale, understanding its problematization but also considering the same quite important for we can understand the processes that occur in Brazilian cities from the multiscalar analysis. The applied methodology deals with the application of questionnaire and interview; field work and data systematization. Finally, this work went deeper into the theme of the relations of the city of Presidente Prudente with the higher education institutions contained therein in order to verify the different expressions of this in the urban space.

Keywords: Higher Education, Space Interactions, Scales, Prudente Presidente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Linha do tempo sobre os marcos do Ensino Superior no Brasil. 1800 – 2010. . 35
Figura 2. Cursos mais procurados no ensino superior no Brasil. 46
Figura 3. Cursos mais procurados na modalidade a distância. 46
Figura 4. Padrões de interações espaciais e sua variabilidade espaço-temporal 85
Figura 5. Padrões de interações espaciais em rede 93

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1. Brasil. Número de matrículas no ensino superior. 1980 – 2013. 40
Gráfico 2. Presidente Prudente. População Urbana e Rural. 1980 – 2016. 49
Gráfico 3. Presidente Prudente. Modalidades de deslocamentos dos estudantes até a universidade. 100
Gráfico 4. Relação dos estudantes com as residências em Presidente Prudente 107
Gráfico 5. Presidente Prudente. Bens dos estudantes que responderam o questionário. 109
Gráfico 6. Presidente Prudente. Respostas dos estudantes sobre o consumo. 109
Gráfico 7. Respostas aos questionários da pesquisa. 138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Número de instituições de ensino superior e população. 1808 - 2018 29
Quadro 2. Pessoas de 15 anos ou mais de idade, analfabetas, total e respectiva distribuição percentual. 33
Quadro 3. Brasil. Total de Matrículas no Ensino Superior por Estado. 1908 – 2016. 37
Quadro 4. São Paulo. Instituições de Ensino Superior por modalidade de ensino. 42
Quadro 5. Presidente Prudente. Instituições do ensino superior pública e o número de matrículas. 50
Quadro 6. Presidente Prudente. Instituições do ensino superior privada e o número de matrículas. 51
Quadro 7. Presidente Prudente. Instituições do ensino superior a distância e o número de matrículas. 52
Quadro 8. Instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de graduação na modalidade presencial. 74

Quadro 9. Presidente Prudente. Os cursos com maior oferta. 78
Quadro 10. Origem dos alunos que responderam os questionários. 2018. 98
Quadro 11. Conceito. Definições de Escala Geográfica. 122
Quadro 12. Tipologia didática das escalas ou níveis. 124
Quadro 13. Respostas dos questionários aplicados aos estudantes da Unesp 132
Quadro 14. Respostas dos questionários aplicados as turmas da Fatec. 134
Quadro 15. Respostas dos questionários aplicados as turmas da Unoeste. 136
Quadro 16. Perspectiva dos estudantes respondente. 139

LISTA DE MAPAS

Mapa 1.Estados Brasileiros com maiores e menores números de matrícula no ensino superior. 39
Mapa 2. Presidente Prudente. Mapa de Localização do município. 47
Mapa 3. Presidente Prudente. Instituições de Ensino Superior Públicas. 56
Mapa 4. Presidente Prudente. Instituições de Ensino Superior Privadas. 60
Mapa 5. Presidente Prudente. Instituições de Ensino Superior à Distância. 73
Mapa 6. Presidente Prudente. Síntese das Instituições de Ensino Superior (Presencial e á distancia) 76
Mapa 7. Presidente Prudente. Área de Influência. 90
Mapa 8. Presidente Prudente. Região Administrativa. 91
Mapa 9. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 1995. 103
Mapa 10. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 2000. 104
Mapa 11. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 2005. 105
Mapa 12. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 2010. 106
Mapa 13. Presidente Prudente. Mapa dos super e hipermercados e as instituições de ensino superior. 111
Mapa 14. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Unesp 131
Mapa 15. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Fatec. 133
Mapa 16. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Unoeste. 135
Mapa 17. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Toledo. 137

Sumário

Introdução 14

Perspectivas Analíticas e percurso metodológico 17

CAPÍTULO 1: A GEOGRAFIA DO ENSINO SUPERIOR: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA COMPREENDER AS RELAÇÕES UNIVERSIDADE – CIDADE 26

1.1. A Geografia do Ensino Superior na cidade 27

1.2. A cidade média de Presidente Prudente – apontamentos históricos-geográficos 47

1.3. Instituições de ensino superior em Presidente Prudente 50

CAPÍTULO 2: O DEBATE CONCEITUAL PARA ENTENDER AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E SUA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DAS INTERAÇÕES ESPACIAIS E TERRITORIAIS 82

2.1. Interações espaciais e territoriais: discussões teóricas a respeito do conceito 83

2.2. Interações espaciais e territoriais em rede 88

2.3. Interações espaciais e territoriais a partir das instituições de ensino superior - apontamentos empíricos 96

CAPÍTULO 3: A ANÁLISE MULTIESCALAR NA PERSPECTIVA DAS INTERAÇÕES ESPACIAIS E TERRITORIAIS GERADAS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR 116

3.1. Os desafios da análise multiescalar: as escalas geográficas 117

3.2. As políticas de escala e questões de escala 126

3. 3. Alcances e sobreposição dos movimentos de escala nas articulações das instituições de ensino superior 129

CONSIDERAÇÕES FINAIS 142

Referências 147

Anexo 160

Introdução

Esta pesquisa tem como fundamento discutir a produção do espaço urbano a partir da perspectiva das interações espaciais e territoriais engendradas através das instituições de ensino superior públicas e privadas localizadas em Presidente Prudente – SP e estabelecer parâmetros de análise para compreender as relações que a cidade e a universidade têm entre si, ou seja, nosso objeto de pesquisa parte das instituições de ensino e de como essas instituições influenciam o espaço urbano, os principais sujeitos são os estudantes e agentes econômicos envolvidos no objeto supracitado.

A análise aqui empreendida pretende demonstrar como as universidades contribuem para o processo de produção do espaço urbano e como exercem um papel importante para a conformação da centralidade intraurbanas e regional. Para o desenvolvimento desta pesquisa apresentamos nesse primeiro capítulo o papel das instituições na modalidade de ensino presencial e a distância para posteriormente identificar se as lógicas locacionais desses estabelecimentos se relacionam com a expansão urbana ou pelo menos a valorização do preço da terra do entorno, bem como a formação de comércio no entorno.

Para verificar os efeitos espaciais das universidades no espaço urbano realizamos questionários e entrevistas com diversos agentes produtores do espaço urbano envolvidos nesse processo, pois esta prática ao mesmo tempo gera e advém das interações espaciais e territoriais que tem relação com o movimento de construção do urbano e da cidade.

O presente trabalho contribui com o debate das cidades médias a partir da análise do consumo e das práticas espaciais e também com o debate das interações espaciais e territoriais decorrentes do estabelecer das instituições de ensino superior. Não se perde de vista o resgate, ainda que breve, do processo histórico de produção da cidade de Presidente Prudente/SP.

A realização desta pesquisa tem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes no Projeto Pró – Integração (Edital nº55/2013) que visa "Estimular e apoiar a realização de projetos conjuntos de pesquisa entre pesquisadores vinculados a diferentes instituições [...]" Por isso, há a realização de pesquisas que abordem essa temática nas cidades de Estados da região nordeste: Campina Grande (PB)

e Caruaru (PE); como também no Estado do Rio de Janeiro: Campos Goytacazes (RJ) e Rezende (RJ).

Para tratar desse tema nos embasamos em duas frentes principais, uma teórica que explica os processos com base em tudo que já foi acumulado e compreendido sobre o tema e a segunda empírica onde visualizamos as possibilidades da aplicabilidade desses estudos no processo que desejamos entender.

No primeiro capítulo é feito uma discussão sobre a geografia do ensino superior e como a história do ensino superior é tratada no Brasil pautando-se, assim, por meio das escalas mais abrangentes para compreender a escala local, e também regional, que vem sendo tratada no caso de Presidente Prudente como uma cidade média e como se deu e se dá o ensino superior nesse contexto geográfico. Nesse capítulo também é possível visualizar uma defesa em prol da Geografia do ensino superior como frente de pesquisa para se entender tais processos com base na proposta de Santos & Silveira (2000).

No capítulo 2, tratamos do debate conceitual que se faz na leitura das instituições de ensino superior a partir das interações espaciais e territoriais, onde nos permitimos divagar sobre o conceito e aprofundar o debate sobre tais questões, alicerçado em todo o acúmulo produzido sobre os conceitos até então. Os dados e informações captados empiricamente veem no sentido de dar elementos para discutir os conceitos aplicados na realidade concreta e nas relações com o espaço.

E, finalmente, o capítulo 3, abarca toda a discussão previamente já fundamentada adicionando as análises multiescalares, discutindo as escalas geográficas e espaciais e apresentando como isso se manifesta no objeto de pesquisa debatido e analisado tratando a escala como perspectiva metodológica para compreendermos a relação cidade-universidade.

A nossa hipótese principal trata-se da ideia de que as instituições de ensino superior juntamente com as necessidades de formação no ensino superior influenciam na produção do espaço urbano e para provar como esses processos se dão elencamos o conceito de interações espaciais e territoriais que nos apresentam o estudo do movimento no espaço-tempo e posteriormente o conceito de escala enquanto metodologia analítica.

Os procedimentos metodológicos são quali-quantitativos e foram feitos a partir da aplicação de questionários, elaboração de roteiro de entrevista e trabalho de campo cuja a perspectiva analítica permitiu a sistematização e análise dos conteúdos apreendidos para a pesquisa.

As instituições de ensino de ensino presencial que colaboraram com a pesquisa foram a Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC), Centro Universitário "Antônio Eufrásio de Toledo" (TOLEDO) e Universidade do Oeste – Paulista (UNOESTE), Com relações as instituições de ensino superior a distância considerações podem ser feitas, as universidades que oferecem modalidades de estudo denominadas EaD (Ensino a Distância) o que intensifica a discussões das redes de informações em complemento ou em contraposição às redes urbanas. Assim, esta dissertação vai apresentar a geografia do ensino superior e sua relação com a produção do espaço urbano e os espaços regionais.

Perspectivas Analíticas e percurso metodológico

Para entender o nosso objeto é importante diferenciar os tipos de instituições de ensino superior que tem licença para ser implantada e colocada em funcionamento no território brasileiro. Segundo as resoluções do Ministério da Educação existe uma categorização e definição de diretrizes para a instalação das diversas formas em que se apresentam as instituições de ensino superior no Brasil, essa categorização é relevante para analisarmos as instituições que capturamos a partir da pesquisa de campo. Entre os tipos de instituições que se tem no Brasil, temos:

A instituição de ensino para ser considerada Universidade, tanto pública quanto particular, é preciso ser uma instituição pluridisciplinar compromissada em formar profissionais e ser estruturada pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão. O tipo de instituição que se coloca como uma universidade especializada seja pública ou privada, deve trabalhar com uma única área de conhecimento desde que seja de excelência em qualidade em todos os setores: discente, docente, funcional e comunidade. Os chamados centros universitários devem ser pluricurricular e devem seguir os mesmos parâmetros de qualidade da universidade especializada "Os seus limites de autonomia são definidos no Plano de Desenvolvimento da Instituição (PDI)" (MONDINI E DOMINGUES, 2005).

As instituições não universitárias são: os CEFETs (Centro Federal de Educação Tecnológica) e CETs (Centro de Educação Técnica), Faculdades Integradas, Faculdades Isoladas e Institutos Superiores de Educação. Os CEFETs e CETs são instituições de ensino superior tanto pública quanto privada diferenciada pela oferta de educação com ênfase em tecnologia, nessa modalidade também podem oferecer ensino técnico e ensino superior.

As chamadas faculdades integradas, são igualmente Instituições de Ensino Superior (IES), públicas ou privadas, com propostas curriculares em mais de uma área do conhecimento. Essas instituições devem ter o regimento unificado e é dirigida por um diretor geral. Podem oferecer cursos em vários níveis sendo eles de graduação, cursos sequenciais e de especialização e programas de pós-graduação (mestrado e doutorado). As faculdades integradas compreendem vários cursos, mas não precisam obrigatoriamente

desenvolver pesquisa e extensão como as universidades. (MONDINI E DOMINGUES, 2005)

As Faculdades isoladas dizem respeito a instituições públicas ou privadas que possuem uma área administrativa isolada, porém são vinculadas a um mantenedor único. Essas instituições são autorizadas para ofertar graduação e especialização e opções de pós-graduação tanto mestrado como doutorado. Outra modalidade chamada de institutos superiores de educação podem ser privadas ou públicas e oferecem cursos de graduação, pós-graduação e especialização.

As instituições privadas são qualificadas inicialmente em duas modalidades: Instituições privadas com fins lucrativos ou particulares em sentido estrito ou Instituições privadas sem fins lucrativos (Comunitárias, Confessionais e Filantrópicas).

As primeiras instituições privadas no Brasil eram confessionais e suas iniciativas se concretizaram a partir do reconhecimento de seu papel enquanto instituição de formação. Segundo Santos & Silveira (2000) esse reconhecimento garantiu uma maior oferta educativa haja vista que a normatização das instituições de ensino superior permitiu que os diplomas dessas instituições fossem reconhecidos enquanto diplomas de nível superior. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 18)

As Instituições privadas confessionais são instituições construídas por engajamento ideológico ou religioso que pode ser criada ou mantida por uma ou um grupo de pessoas. As Instituições Filantrópicas não possuem fins lucrativos e estão ligadas a assistência social, em tese.

Por fim, as instituições privadas com fins lucrativos ou particulares em sentido estrito são instituições organizadas e mantidas por pessoa ou pessoas, física ou jurídica a partir do direito privado. As Instituições privadas sem fins lucrativos dizem respeito a instituições que tem como objetivo uma vocação social, como as Instituições Comunitárias - criada e mantida por pessoa(s) física ou juridicamente "inclusive cooperativas de professores e alunos que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade." (MONDINI E DOMINGUES, 2005)

As descrições citadas acima são as qualificações que as instituições de ensino superior devem seguir para serem definidas, por exemplo, universidades. Ou seja, nem toda

instituição de ensino superior é uma universidade, pois para ser universidade precisam seguir critérios sérios e regulamentares.

Para a apreensão do tema, além das categorias técnicas do Ministério da Educação, utilizaremos também as categorias analíticas de interações espaciais e territoriais e a analise escalar, partindo da apreensão do conceito de cada categoria até a sua aplicação no espaço. A apresentação e o aprofundamento do conceito de interações espaciais e territoriais e das escalas foram importantes para que entendêssemos em qual contexto se encontra o debate conceitual de cada um e a partir deles elencássemos um ponto de partida nas análises que abrangem as instituições de ensino superior.

Na primeira parte da construção teórica da dissertação, organizamos o material bibliográfico necessário para fazer uma leitura do ensino superior e da sua relação com a cidade. O banco de dissertações e teses da Capes viabilizou a comunicação de trabalhos realizados em diversas regiões do Brasil. Como, por exemplo, casos semelhantes nas cidades brasileiras no Sul: Maringá -PR e Toledo – PR; Nordeste: Paus de Ferros -RN, Barreiras – BA, Vitória da Conquista -BA, Fortaleza – CE, Serra Talhada – PE e Campina Grande – PB; Sudeste: Uberlândia – MG, Montes Claros -MG e Viçosa - MG; Centro – oeste: Dourados -MS, Goiânia – GO e Sinop – MT e Norte: Santarém – PA. Bem como, trabalhos da CLACSO: Conselho Latino - americano de Ciências Sociais, onde pudemos encontrar trabalhos de escalas mais abrangentes e conhecer o contexto da discussão no território latino-americano, sem, de forma alguma, desconhecer os trabalhos anteriormente feitos nos demais contextos territoriais. Em nossas referências priorizou-se trabalhos que apresentassem uma análise da implementação e influência das instituições de ensino superior a partir do contexto Sul-americano para retratar as instituições nesta urbanização pós-colonial.

O ponto de partida da nossa análise do que optamos por denominar como Univer(cidade) abrange a relação da produção e da (re)produção do espaço urbano levando em consideração o papel importante no processo educacional que a mesma exerce. Ademais, o debate central desta pesquisa fica restrita a discussão localizacional, econômica e espacial da instituição na cidade e sua situação regional e não da discussão educacional e como esta está organizada sistemicamente no território brasileiro.

Para alcançar as informações contidas nesse trabalho, foram usados como procedimento metodológico: levantamento bibliográfico, análise documental, pesquisas de informação sobre as instituições, busca em banco de dados em órgãos públicos de estatística como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) coletando informações de dados censitários, congregando com informações adicionais (Secretarias e Ministérios), como, por exemplo, o Ministério da Educação.

Também apresentamos as representações cartográficas que vêm nesse primeiro momento no sentido de espacializar o processo estudado, bem como possibilitam a verificação da localização das instituições no contexto da cidade, fatores que colaboram com os fluxos e consequentemente nas análises no/do espaço.

As breves reflexões acerca do ensino superior brasileiro tiveram como base leitura e compreensão de textos voltados a temática. Fizeram parte também desta, o esforço de ler os dados estatísticos lançados no censo do ensino superior e no banco de dados do INEP – Instituto Nacional de estudos e pesquisas educacionais, MEC- Ministério da Educação e censos e relatórios sobre o ensino superior.

A pesquisa foi feita também a partir do objeto de estudo no contexto da cidade média de Presidente Prudente e para isso foi feita a pesquisa sobre a cidade. Para tratar do histórico cidade de Presidente Prudente, ou seja, sua história e urbanização. Foram lidos livros, teses e trabalhos imprescindíveis para entender como esse processo se desenvolveu e quais forças econômicas conspiraram para sua (re)produção de espaço no território que se estabeleceu enquanto município. Houve consulta nos dados coletados, tratados e divulgados no IBGE - Cidades e consulta nos dados do Museu Municipal de Presidente Prudente.

Tivemos como desafio entender como se processam as atividades que elencamos como principais neste estudo para entender a centralidade de Presidente Prudente através da análise das interações espaciais e territoriais e para iniciar esse debate, partimos de um arcabouço teórico-metodológico da Geografia para entender tais processos, já que esta é a ciência que estuda os conteúdos dos processos e as distintas lógicas presentes na produção do espaço.

A discussão que nos propusemos a desenvolver teve como principais conceitos os de interações espaciais e territoriais, rede urbana e escala regional. Nesse sentido os trabalhos lidos e citados vão nessa linha de raciocínio. Para este capítulo foram consultadas as obras clássicas que discutem os conceitos com ênfase nos conceitos de interações espaciais e territoriais, região e redes urbanas. A REGIC – Região de influência do IBGE e a Regionalização Administrativa de São Paulo foram consultadas para explicar a importância dos estudos de caráter regional e as limitações do mesmo ao apresentar uma direção linear de hierarquização das cidades brasileiras.

Os materiais e métodos utilizados para o desenvolvimento desse capítulo foram pensados na lógica da aplicabilidade dos conceitos aos processos que visualizamos no espaço. Para tal foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico a partir de pesquisa em bibliotecas e sites das instituições de ensino superior. Além disso, realizamos a busca por meio dos *sites* de periódicos, como também de livros que abordam o tema e pudessem trazer importantes contribuições ao trabalho.

Para obter os dados empíricos necessários ao aprofundamento da questão que nos propusemos a explicar foram organizados um quadro com todas as instituições de ensino superior em Presidente Prudente para podermos mapear onde localizavam-se as instituições para as missões de trabalho de campo.

Após a identificação e a obtenção de informação das mesmas, fizemos um primeiro contato, onde pudemos explicar para cada uma delas sobre o que se tratava a pesquisa e como as instituições poderiam colaborar com a análise e o tema estudado. Após a resposta das instituições de ensino superior elaboramos ofícios de requerimento dos dados necessários para a pesquisa, o ofício foi enviado ás instituições e solicitavam dados necessários para atingirmos os objetivos da pesquisa, dados esses, como por exemplo, a cidade de origem dos estudantes, dados relacionados ao deslocamento, e as permissões para o trabalho de campo e a abordagem dos alunos e professores dentro do espaço das instituições. O agendamento de datas e as reuniões que tratavam da pesquisa foram acompanhadas e orientadas presencialmente pelo orientador.

Elaboramos questionários para aplicação nas instituições questionário esse que usou como referência o questionário utilizado nas pesquisas do GAsPERR para a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias - ReCiMe. Esse questionário foi discutido e

aperfeiçoado em reunião com o grupo de orientação do Professor Dr. Márcio José Catelan e orientandos e foi aplicado em formato teste para a turma XI de Arquitetura e Urbanismo entre março a setembro de 2016. O questionário é resultado das reuniões de orientação, das discussões levantadas pelos colegas do grupo de pesquisa e das contribuições da aplicação-teste.

Para aplicação de questionário foram estipulados 150 alunos em cada instituição, nossas primeiras empreitadas eram aplicar aos terceiros anos, porém as instituições vetaram alguns acessos, o que dificultou o nosso filtro de aplicação. Foram aplicados o total de 600 questionários com estudantes das instituições que permitiram o desenvolvimento da pesquisa. É relevante mencionar a colaboração da gestão das universidades Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo - Fatec, a Faculdade de Ciência e Tecnologia "Universidade Estadual Paulista" câmpus de Presidente Prudente - Unesp, Universidade do Oeste Paulista - Unoeste e Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo – Toledo.

Para a efetiva realização das aplicações foram mobilizadas equipes com a participação dos membros do grupo de pesquisa GAsPERR e alunos de graduação do curso de geografia da instituição de ensino superior Unesp. Os questionários foram aplicados em sua maioria em setembro, outubro e novembro de 2017, e uma parte pós-recesso das instituições de ensino em fevereiro, março e abril de 2018.

Os questionários foram aplicados a partir de papel impresso, aplicativo específico e Google Forms, todos sistematizados e armazenados na última plataforma referida. Para a sistematização dos dados foi feito sua sistematização via Google Forms.

As análises desse material coletado se deram a partir do armazenamento de informações, dados e leituras desses dados, organização e sistematização que foram dispostos de forma padronizada e disponibilizado em blocos temáticos de organização no intuito de que essa técnica possibilitasse a leitura e compreensão do objeto de estudo e dos produtos gerados a partir desse acúmulo de materiais teóricos e empíricos coletados no campo.

Os roteiros de entrevistas (abaixo) foram pensados para consultar os agentes que elencamos como principais influenciadores no que se ensejou estudar e por isso são eles:

agentes bem informados – gestores das instituições, agentes bem informados – poder público e agentes bem informados – agentes econômicos e por fim, coleta de história oral com os professores. O roteiro de entrevista tem como referência os roteiros utilizados pelos membros do GAsPERR para a pesquisa com modificações e elaboração de questões que elucidasse a proposta do trabalho e nos fornecesse conteúdo para atingir os objetivos da pesquisa.

No que se refere às entrevistas, foram realizadas 10 entrevistas entre professores das instituições e agentes bem informados dos estabelecimentos próximos às IES. As entrevistas foram feitas nos estabelecimentos próximos as instituições, gravadas com as devidas autorizações e transcritas para possibilitar a implementação ao texto. Também buscamos em entrevistas na Plataforma de Gerenciamento da Informação (PGI) da ReCiMe informações a partir de notícias já realizadas que pudéssemos incorporar nas análises das entrevistas com os agentes imobiliários.

As coletas feitas a partir dos entrevistados são incorporadas ao longo do trabalho momento esse em que podemos visualizar e atestar as relações das instituições de ensino superior e a cidade bem como a visão de quem compartilha do espaço colaborando para atender às necessidades dos estudantes no entorno das instituições e produzindo espaço urbano.

Os campos foram realizados respeitando um raio de análise que estabelecemos previamente esse raio corresponde a análise dos conteúdos urbanos do entorno em até 1 km e meio da universidade. Essa coleta foi feita *in loco* a partir das idas a campo nas instituições e se baseia em andar sobre as ruas e avenidas adjacentes até o retorno às instituições de ensino superior.

Foi feito um primeiro mapeamento da localização das instituições para posterior visita, nesse arquivo podemos ver as datas das missões para cada instituição de ensino superior bem como a sua localização. O campo relacionado a captura de registros fotográficos e verificação *in loco* das unidades e instituições já supramencionadas. As verificações consistiram em campo por toda a cidade sendo de grande importância pois instituições de ensino superior que não constavam em pesquisas bibliográficas e na captura de dados secundários, foram observadas em campo.

As análises e sistematização dos dados foram feitos a partir de mapas de localização, mapas de fluxos, tabelas e gráficos que elucidem o desdobramento das interações espaciais e territoriais a partir dos arranjos da rede urbana buscando encontrar relações que possam fomentar a nossa discussão e a apresentação dos resultados.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconcluso em permanente movimento na História.

PAULO FREIRE – A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA



CAPÍTULO 1: A GEOGRAFIA DO ENSINO SUPERIOR: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA COMPREENDER AS RELAÇÕES UNIVERSIDADE – CIDADE

1.1. A Geografia do Ensino Superior na cidade

Segundo Santos e Silveira (2000) os primeiros centros urbanos, sua economia e os centros educacionais estão intrinsicamente ligados a história dos processos de instalação das primeiras escolas e primeiras instituições de ensino superior. Nesse sentido podemos observar essas dinâmicas no seu processo de implementação na cidade. Segundo Santos e Silveira existe uma seletividade geográfica que explica tais processos, como podemos ver na seguinte afirmação:

> Esse país de fachada urbana determinou, outrossim, uma extrema seletividade geográfica do ensino, cuja tendência à difusão vai-se concretizar mais tarde. Os albores do século XIX viram nascer as primeiras manifestações formais do ensino superior no país, depois dos longos séculos de uma oferta limitada ao ensino primário e secundário, onde o papel principal correspondeu, certamente, aos colégios jesuítas. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 15)

Essa seletividade geográfica no século XIX diz respeito a instalação de instituições de ensino, majoritariamente nas áreas litorâneas como, por exemplo, Bahia, Rio de Janeiro, Olinda e Recife entre outros, com os cursos de "Medicina, Direito, Engenharia, Farmácia, Música e Agronomia". (Ibidem, p. 15-16)

Para explicitar esse momento histórico-geográfico do ensino superior no Brasil, Santos e Silveira (2000) tratam a geografia do Ensino Superior através do conceito de território numa análise sobre o ensino superior no território brasileiro que tem como base os dados do IBGE nos períodos de 1908 a 1996. Os mesmos pontuam por meio daquele trabalho que "[...] não é uma análise de um pedagogo, mas o estudo geográfico do fenômeno da Educação Superior no Brasil, ou em outras palavras, a sua territorialização." (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 11).

Nosso trabalho traz muitos elementos para discutir o ensino superior brasileiro que será analisado nesse contexto histórico, mas que envolve urbanização, processos históricos e divisão internacional do trabalho, análise ao qual os autores vão denominar de "geografia educacional" ou "geografia do ensino". Em defesa dessa temática é que nos debruçaremos nesse capítulo. No entanto, primeiro organizaremos no tempo e no espaço o processo de implantação das instituições de ensino superior.

Para entender a geografia do ensino superior é preciso iniciar a discussão ao aparecimento das universidades no Brasil, que se deu "durante a permanência da família real portuguesa no Brasil" que diferentemente de outros países colonizadores "desincentivou como também proibiu que tais instituições fossem criadas no Brasil" possibilitando apenas que as escolas jesuítas disponibilizassem cursos de teologia e filosofia apenas para filhos de colonos, senhores de engenho, de gado entre outros membros da aristocracia. (ROMANELLI, 1978; CUNHA, 2000, p. 152)

Fernandes (1966), Romanelli (1978), Cunha (2000), Durham (2003), Morosini (2005) entre outros, nos apresentam o panorama de como foi a trajetória do ensino superior na história do Brasil. Durham (2003) coloca que inicialmente as universidades figuravam sob o controle da família real portuguesa e que a sua descentralização só foi possível a partir da proclamação da República e da implementação da nova constituição.

Em termos institucionais, podemos visualizar que as primeiras instituições de ensino superior na categoria universidade datam de 1808 a 1821, a primeira organização desse ensino em Universidade, por determinação do Governo Federal" Uma das primeiras universidades criadas foram a Universidade de Manaus (1909) e a de São Paulo (1911) e a Universidade do Paraná em 1912. (ROMANELLI, 1978; CUNHA, 2000)

Em 1808 concentravam-se a população estudantil em 3 instituições de ensino, em 1889 haviam 24 e 1908 já somavam-se 28 (ver quadro 1), esse aumento se deu a partir da criação de instituições de iniciativa privada e de instituições públicas de ensino superior. Sobre tal Durham (2003) coloca que:

> Entre 1889 e 1918, foram criadas 56 novas escolas superiores, na sua maioria privadas. Havia, de um lado, instituições católicas, empenhadas em oferecer uma alternativa confessional ao ensino público e, de outro, iniciativas de elites locais que buscavam dotar os seus estados de estabelecimentos de ensino superior. (DURHAM, 2003)

Esse sistema se manteve até a década de 1930, porém na década de 1920, os movimentos de migração, o êxodo rural e a crescente urbanização de cidades ainda que até então pouco dinâmicas revelaram transformações relevantes, tanto em contingente populacional quanto na demanda que essa despendia. O movimento de êxodo rural e aumento populacional não só exigia a criação de instituições de ensino superior como também uma reforma profunda em "todo o sistema de ensino superior, substituindo as

escolas autônomas por grandes universidades, com espaço para o desenvolvimento das ciências básicas e da pesquisa, além da formação profissional". (DURHAM, 2013)

Quadro 1. Número de instituições de ensino superior e população. 1808 - 2018

Ano	**Número de instituições de ensino superior**	**População**
1808	3	4.051.000
1889	24	14.333.915
1908	28	17.438.434
1952	470	51.944.397
1990	920	146.825.475
2008	2.252	189.605.799
2018	2.625	209.185.962

Fonte: INEP 2018; IBGE, 2018. Elaboração da autora.

A Reforma do Ensino Secundário e do Ensino Superior de 1931, ocorrida no Governo Vargas (decreto 19.851 em 11 de abril de 1931) estabeleceu leis e diretrizes de como deveria funcionar as universidades públicas e privadas e como deveriam direcionar cada função desde os discentes, a equipe docente e as funções administrativas. Nesse mesmo momento histórico vemos a criação do Ministério da Educação cujo o principal objetivo era a integração do planejamento global da educação e a fundação das universidades pelo governo federal. (PILLETI, 1991)

No censo do ensino superior em 1935 quando a população brasileira totalizava 41.560.147, o número total de alunos era de 34.174, sendo que 50% desse total correspondia à população estudantil do Estado do Rio de Janeiro. Outro importante marco no avanço da inserção do ensino superior foi em meados da década de 1950 quando houve a votação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, "prevista na Constituição de 1946, que reorganizou o sistema político após a derrubada do Estado Novo". A transição desse período também foi marcada pela participação popular com "princípios educacionais democráticos". (PILETTI, 1991; DURHAM, 2003)

A interiorização do ensino superior no Brasil acontece a partir da integração em 1950 a partir das linhas ferroviárias e rodoviárias que "permitiram às cidades beneficiárias aumentar o comando sobre o espaço regional". Também atribui-se a isso, o aumento do número de instituições que tem relação com a urbanização e das novas relações com a cidade a partir da tecnificação/mecanização do campo e o êxodo rural. Esse novo contexto reforçava a "necessidade de formação de professores, a expansão da área da saúde, e a força que, agora ganhava o comércio exterior e interior, confluindo para a criação de novos cursos" (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p.17-18;115-116)

Nesta mesma década (1950), o número de instituições do ensino superior aumenta bruscamente, pois em 1908 somavam-se o total de 28 instituições de ensino superior e em 1952 essas já totalizam 470 instituições de ensino superior, o que consequentemente culminou no aumento significativo no número de matrículas. A análise dos dados desse período nos mostra que os índices de maior inserção no ensino superior aparecem com mais evidencias nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul, respectivamente. (Ver quadro 3)

Outro período que marcou do ponto de vista do ensino superior no Brasil foi no Regime Militar que durou de 1964 até 1985, pois, por meio de pressões populares, foi estabelecida a reforma universitária. Segundo Cunha (2000)

> A reforma universitária do ensino empreendida em 1968 nos marcos das leis 5.540 e 5.539 (estatuto do magistério superior federal) bem como dos documentos legais que as antecederam, propiciaram condições institucionais para a efetiva criação das instituições universitárias no Brasil, onde até então existiam somente faculdades isoladas ou ligadas por lações mais simbólicos do que propriamente acadêmicos.[...] Sem desconsiderar as danosas consequências que a ditadura militar (1964 – 82) teve na vida acadêmica, não é possível deixar de levar em conta o fato de que foi nesse período que o processo tardio de formação da universidade brasileira recebeu o maior impulso. (CUNHA, 2000, p. 178)

Cunha (2000) afirma que nesse mesmo período ocorreram perseguições a alunos e professores, reitores e servidores administrativos, além do controle policial ação que encontrou resistência com uma parte dos estudantes organizados contra o regime ditatorial e as medidas antidemocráticas por estas tomadas. É nesse período também que os professores e as agências de pesquisas constroem novos câmpus e laboratórios e a pesquisa ganha impulso no Brasil.

Segundo Santos e Silveira (2000) com relação aos cursos na década de 1960 foi marcada como uma

> Época de generalização de uma demanda de cultura industrial, as engenharias sobressaem, mostrando uma especialização dos cursos. Novos saberes técnicos desenham o retrato das ofertas e demandas de ensino universitário. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 24)

Na década de 1970, podemos observar o aumento de investimentos nas rodovias e o fretamento de cargas, vemos o emergir também as demandas de novas qualificações que compreendam e lidem com esse aprimoramento do meio-técnico.

> Os intercâmbios aumentam e em decorrência, também aumenta o terciário, pois há maior necessidade de organização dos serviços públicos e privados, de transportes e de bancos. Gesta-se, a um só tempo, uma grande especialização territorial, com a tendência à concentração e centralização de bens e serviços mais "nobres", em alguns pontos do Sudeste e do Sul. Como o aparato produtivo se torna dependente de recursos nacionais – incluído a população – são menos utilizados, o terciário e a urbanização tendem a aumentar. Trata-se, certamente, de uma internacionalização dos processos da produção. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 28)

No que diz respeito a esse período, Durham (2003) coloca que

> Nestes 15 anos, o alunado passou de 41.000 para 95.000 estudantes. Tratava-se de um ajustamento à demanda crescente dos setores médios em expansão, que resultou do processo de desenvolvimento urbano-industrial. Foi nesta época que a rede de universidades federais se formou, que foi criada a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (a primeira de uma série de universidades católicas), que o sistema universitário estadual paulista se expandiu e que surgiram todas as instituições menores, estaduais e municipais, em todas as regiões do país. Entre 1946 e 1960 foram criadas 18 universidades públicas e 10 particulares. (DURHAM, 2013)

A década de 1980 foi um período de crise e de transição política e econômica. Politicamente, é caracterizada pelo longo e gradual processo de redemocratização que se iniciou com um declínio da repressão política, seguido da eleição de um presidente civil pelo Congresso em 1985 que resultou por redigir uma nova Constituição em 1988. (PILETTI, 1991; DURHAM, 2003)

Notamos, portanto, no final dos anos 1980, uma nova inflexão no setor privado. Até este período, as universidades privadas eram predominantemente confessionais ou comunitárias, sem fins lucrativos e tendiam a se assemelhar às universidades públicas. O movimento de expansão das universidades particulares, que ocorre a partir de 1985, se dá

graças à pressão do setor voltado para o ensino de massa, de finalidades lucrativas. (DURHAM, 2003; CUNHA, 2000; SANTOS & SILVEIRA, 2000)

A partir dos anos 90 vemos a intensificação da internacionalização que dará origem as relações que hoje compreendemos como globalização. O processo de globalização trouxe consigo o encurtamento das distâncias, o emergir do sistema financeiro global entre outras mudanças que vão alterar socioeconomicamente a divisão internacional do trabalho. No Brasil, nesse período foram mais de 300 instituições implantadas no território entre as instituições públicas e particulares. E nesse contexto

> Há certamente, seletividade na expansão desse meio-técnico-científico-informacional, com reforço de algumas regiões e o enfraquecimento relativo de outras. A divisão social e territorial do trabalho amplia-se e torna-se mais complexa. Em todo o caso, a demanda por qualificações específicas aumenta em todas as regiões, enquanto a oferta parece acompanhar as especializações produtivas dos lugares. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 34)

Na década de 1990 "[...] havia 920 instituições de ensino superior no Brasil, das quais 711 eram particulares e 209 públicas. A proporção permanecia, pois 77,28% das instituições eram privadas." (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p.45). Para entendermos, mais recentemente os processos pelos quais passaram o ensino superior brasileiro para que o mesmo tivesse o desempenho que hoje é observado e relatado aqui, passaremos, brevemente, às análises de gestão dos Governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003), Governo Lula (2004 – 2011), Governo Dilma (2012 – 2015) e a sua relação com o ensino superior.

No Governo Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003), podemos observar uma maior organização e os primeiros esforços de alfabetização da população brasileira, marcadamente nos anos finais do Governo FHC, como aponta Durham (2003). No entanto, não podemos afirmar o mesmo pois segundo o PNAD-IBGE 1996 – 2006 o número de alfabetos na categoria "Tabela 2.2 - Pessoas de 15 anos ou mais de idade, analfabetas, total e respectiva distribuição percentual" podemos observar os seguintes índices. (Quadro 2)

Quadro 3. Pessoas de 15 anos ou mais de idade, analfabetas, total e respectiva distribuição percentual.

1996	**15 a 24 anos**	**25 a 39 anos**	**40 a 59 anos**	**60 a 64 anos**	**65 anos ou mais**
	12,4	21,1	34,6	8,5	23,4
2006	**15 a 24 anos**	**25 a 39 anos**	**40 a 59 anos**	**60 a 64 anos**	**65 anos ou mais**
	5,8	19,0	36,4	9,4	29,4

Fonte: PNAD, 1996 – 2006.

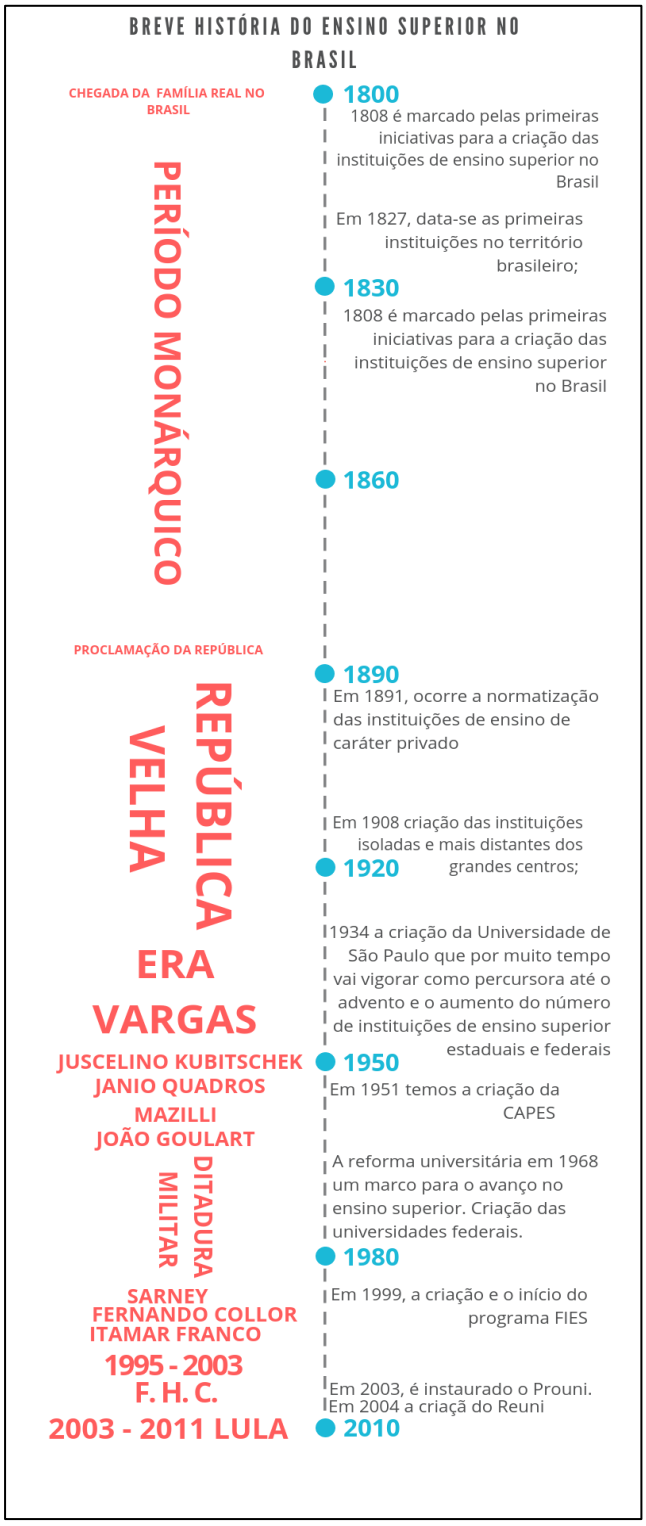
A partir dos anos 2000 as implantações das universidades vão tornar as interações espaciais heterárquicas devido a sua expressiva expansão e também ao espalhamento das instituições de ensino superior no território brasileiro. No período de 2004 – 2011 que diz respeito ao Governo Luís Inácio da Silva, o Relatório Educação para todos no Brasil (2000 – 2015) vai apresentar as linhas segundo as quais esse governo democratizou e expandiu o ensino superior a partir de políticas públicas de educação, tanto no setor público, quanto no setor privado, a partir da criação das universidades federais e de programas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o Programa Universidade para Todos (Prouni), e aprimorou o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Nesse governo, o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) foi aprimorado e dividido por categorias e modalidades, bem como acompanhou a inclusão no sistema financeiro de camadas que antes não tinham acesso para financiar cursos de graduação. Esse mesmo processo gerou a diminuição no número de estudantes na cidade de Presidente Prudente devido as instituições de ensino implantadas nas cidades pequenas do entorno e em diversas cidades pequenas do interior do Brasil.

O Prouni diz respeito a uma modalidade de acesso que considera o aluno bolsista de instituição de ensino superior a partir da pontuação obtida através do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), disponibilizando a partir desse mecanismo a garantia de uma porcentagem de desconto na mensalidade ou a total isenção do pagamento da mensalidade em IES privada.

O Reuni foi responsável pela criação de diversas Instituições de Ensino Superior pública no interior do território brasileiro e é responsável por mais de 50% dos trabalhos encontrados nesse tema de pesquisa que aqui tentamos desenvolver e que envolvem a

importância da universidade no desenvolvimento urbano e regional de cidades afastadas dos grandes centros. (ALMEIDA, 2011; OLIVEIRA, 2010; SIQUEIRA, 2015; PESSOA, 2014, entre outros). Vejamos na Figura 1 a linha do tempo que sistematiza os momentos históricos do ensino superior no Brasil.

Figura 1. Linha do tempo sobre os marcos do Ensino Superior no Brasil. 1800 – 2010.



Organização: GOMES, M. C. S. Elaboração: GOMES, M. C. S. 2018[2]

[2] A linha do tempo foi feita com base na duração dos anos de governo e olhando por esse lado é possível perceber que nos anos de 2003 a 2013 foi feito muito mais pela educação brasileira que em todos os anos em que o Brasil viveu sob a monarquia ou na ditadura.

No Governo Dilma Rousseff (2012 – 2016) o que se observou foi a continuidade dos programas de acesso ao ensino superior e a maioria dos autores [3] da temática concordam que esse foi o ápice da democratização do acesso ao ensino superior na história do Brasil.

Segundo o Relatório Educação para todos (versão preliminar)[4]

> Quando da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien (1990), o Brasil tinha diante de si inúmeros desafios – o principal deles, sem desmerecer os demais, estava associado à expansão do acesso ao ensino fundamental. As reformas dos anos 90 do século XX estão associadas a esta meta. Por isso mesmo, tratam da organização da educação brasileiras em moldes para assegurar seu melhor financiamento. [...] O período mais recente, ainda em curso, corresponde a um momento de abertura de oportunidades a segmentos até então excluídos da atenção e do foco das políticas públicas. Os anos 2000 configuram-se, assim, como aqueles da inclusão. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014)

Lembrando que foi acordado na cidade de Dakar (capital do Senegal) em 2000 um plano de metas de melhoria da educação brasileira, plano que inclui o ensino superior tanto em qualidade quanto em quantidade.

Como podemos ver e o quadro 3 nos reafirma, nota-se que após 1970 houveram os primeiros esforços em firmar iniciativas de acesso aos níveis fundamental e médio, bem como uma maior preocupação na alfabetização da população brasileira como um todo levando, assim, posteriormente a maiores números de matriculados no ensino superior, considerando que na década anterior havia um altíssimo grau de analfabetismo.

Podemos observar o aumento número de matrículas no decorrer dos censos do ensino superior, sendo que por meio dos dados é possível perceber que o país nunca havia experimentado um número tão elevado de matrículas como em 2016, verificando um maior índice de alfabetização da população brasileira mesmo havendo um declínio no número de matrículas em alguns estados com relação ao ano/censo anterior, ainda corresponde ao maior número absoluto total de pessoas matriculadas no ensino superior.

[3]Mota (2006); Dantas & Clementino (2014); Santana (2012); Gusmão (2009); Gentil & Lacerda (2016); entre outros.

[4] Relatório preliminar do Ministério da Educação. Educação para Todos – 2014.

Quadro 4. Brasil. Total de Matrículas no Ensino Superior por Estado. 1908 – 2016.

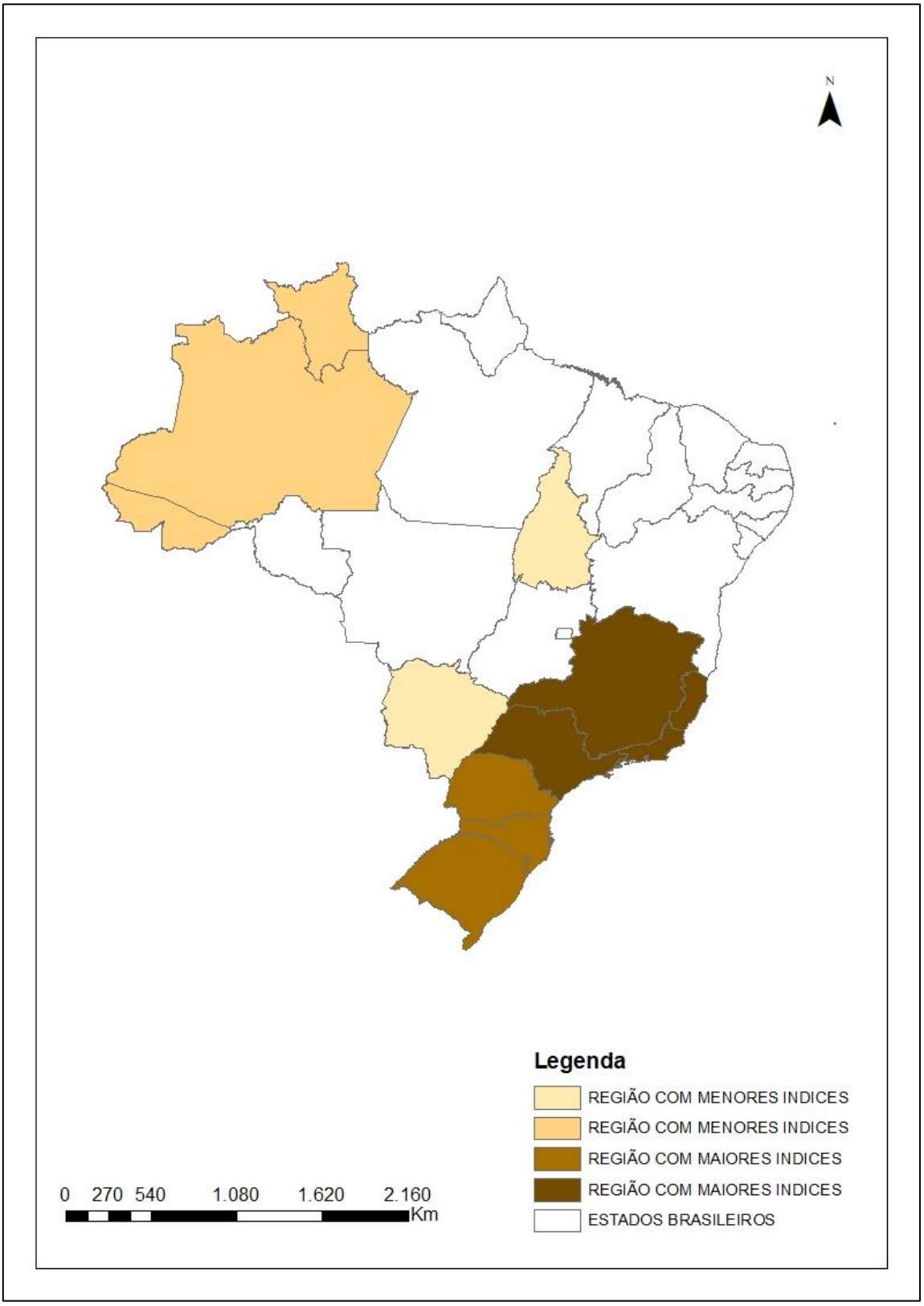
Ano	1908	1935	1945	1960	1970	1980	1990	2000	2010	2016
AC	-	-	-	-	431	1.437	3.089	4.498	29.951	26.404
AL	-	266	192	987	3.440	11.941	14.172	22.651	78.983	77.738
AP	-	-	-	-	-	-	627	4.348	22.020	35.759
AM	-	187	118	288	3.359	7.428	9.545	30.982	119.984	140.867
BA	899	2.165	1.631	3.557	17.509	41.125	46.291	89.191	328.601	327.672
CE	115	591	473	1.995	10.144	39.475	37.904	56.717	161.104	257.827
DF	-	-	-	-	10.784	29.198	32.186	67.250	177.101	185.114
ES	-	222	48	964	7.091	16.057	18.701	44.286	122.520	120.882
GO	5	84	97	1.361	8.970	23.202	35.301	72.769	191.593	204.345
MA	-	121	86	601	4.939	8.664	10.993	27.008	103.764	135.673
MT	-	227	-	167	4.215	5.632	12.432	42.681	113.291	128.643
MS	-	-	-	-	-	8.985	18.012	42.304	97.311	88.421
MG	475	4.498	2.814	9.090	61.415	130.683	145.683	239.456	660.537	668.051
PA	81	472	377	1.252	6.908	20.591	31.464	46.440	142.054	148.736
PB	-	37	44	1.074	7.398	33.198	33.014	42.636	94.684	136.216
PR	-	1.458	1.805	6.441	28.436	66.269	99.604	186.113	396.896	384.632
PE	639	1.774	1.868	5.237	22.846	55.409	68.843	86.011	208.482	231.323
PI	-	65	64	296	996	6.327	9342	31.117	87.649	100.272
RJ	3.072	13.880	8.553	22.412	88.262	236.160	210.358	295.993	561.113	571.155
RN	-	-	17	517	3.974	15.674	17.040	38.836	91.636	105.633
RS	373	2.089	2.255	10.060	54.826	136.522	140.172	238.263	413.095	391.468
RO	-	-	-	-	-	-	4.381	15.651	52.038	49.123
RR	-	-	-	-	-	-	829	4.006	20.678	19.839
SC	-	59	61	641	8.404	26.965	47.926	118.059	258.480	232.948
SP	1.076	5.979	6.254	25.915	205.555	236.160	505.685	818.304	1.613.776	1.660.777
SE	-	-	-	347	1.495	6.788	9.573	19.542	63.948	72.014
TO	-	-	-	-	-	-	1.886	9.133	64.236	52.751

Total	6.730	34.174	26.757	93.202	561.397	1.163.890	1.567.043	2.696.245	6.277.535	6.556.299

Fonte: Santos & Silveira (2000) e INEP (2000, 2010 e 2016)

Como podemos observar em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Espírito Santos (ES) e Minas Gerais (MG) são os Estados com o maior número de população matriculada no ensino superior, seguido por Rio Grande do Sul (RS), Paraná (PR), Santa Catarina (SC), resultando em um maior número de estudantes matriculados no Sul e Sudeste regiões com os maiores números de matrícula. As regiões com menores índices de matrícula fazem parte da região Norte, os Estado de Roraima (RR), Acre (AC) e Amazonas (AM), logo depois aparecem os Estados do Centro – Oeste, Tocantins (TO), e Mato Grosso do Sul (MS). Podemos observar como progressivamente aumentaram – as matrículas no Ensino Superior por Estado no Brasil. (Quadro 3 e no Mapa 1)

Mapa 1.Estados Brasileiros com maiores e menores números de matrícula no ensino superior.

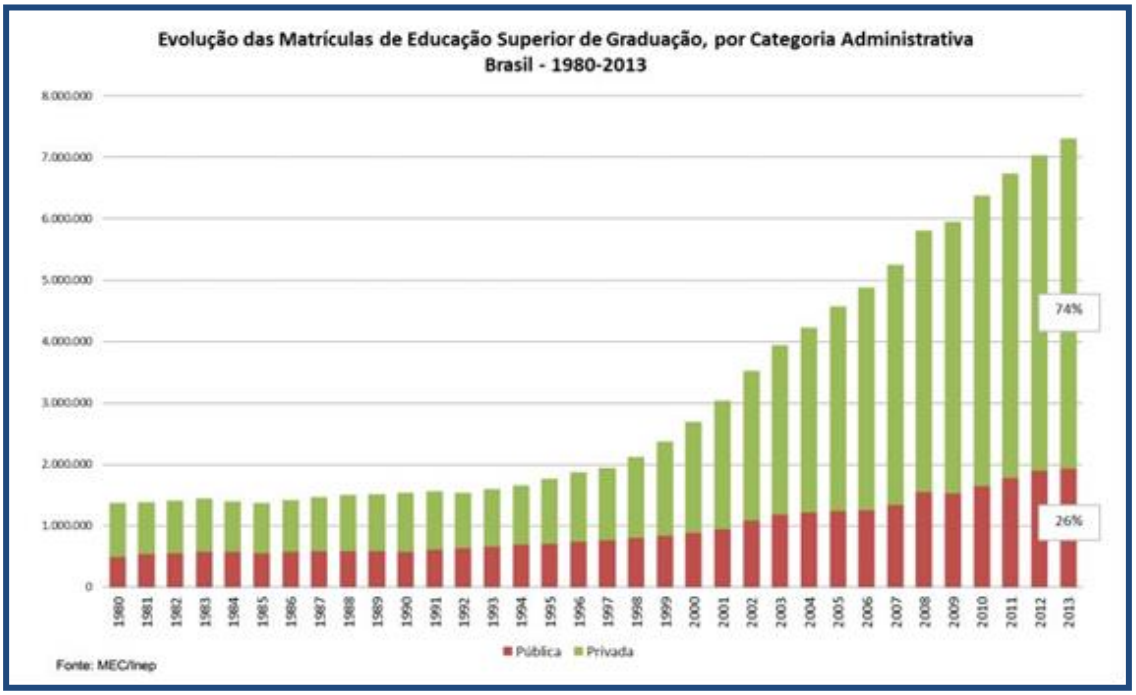


Fonte: Santos & Silveira (2000) e INEP (2000, 2010 e 2016)

Assim, como Santos e Silveira (2000, p. 24 a 26), fizemos aqui uma análise geográfica e espacial e distribuímos os números das matrículas em seus respectivos Estados (Mapa 1). No que diz respeito às matrículas podemos afirmar que há uma predominância regional do número de matrículas e consequentemente do acesso, que refletem no recorte econômico e histórico de desenvolvimento do país visto em outros índices.

Se paramos por um momento para analisar esses números de matrícula entre as IES privadas e as IES públicas podemos visualizar, no gráfico 1, que houve um intenso investimento na implementação de instituições de ensino superior pública tanto no âmbito estadual quanto federal, os números de universidades federais construídas são maiores na última década que em qualquer momento da história da educação no território brasileiro (barra vermelha) e um aumento exponencial das matrículas em instituições de ensino superior privada em decorrência das políticas de inserção no ensino superior via Prouni e Fies a partir do ENEM (barra verde). Por esse motivo podemos ver o aumento do número de população estudante que aumentou nos últimos anos (Tabela 1).

Gráfico 1. Brasil. Número de matrículas no ensino superior. 1980 – 2013.



Fonte: MEC/INEP, 2015.

Tabela 1. Brasil. População brasileira e população estudantil segundo o censo do ensino superior. 1980 – 2016.

Ano	Censo (pop.)	Censo Ensino Superior	Índice
1980	119. 002. 706	1.163.890	0,9%
1991	146. 825. 475	1.567.043	1,0%
2000	169.799.170	2.696.245	1,5%
2010	190.755.799	6.277.535	3,2%
2016	207.700.000[5]	6.556.299	3,1%

Fonte: Censos (1980, 1991, 2000, 2010, 2016) e INEP, 2017.

Os incentivos de acesso ao ensino superior público também forneceram um critério de arrancada do setor privado, uma vez que o ensino público não comporta a demanda de estudantes a partir dos seus processos de seleção. Para captar essa demanda a "participação das IES privadas passou de 58,4% em 1994 para 70,8% em 2003, com fortes movimentos e incentivos públicos para continuar crescendo, como a "publicização" de vagas na rede privada autorizada por Medida Provisória [...]" (MOTA, 2006, p. 251). Isso explica o maior número de matrículas na rede privada se comparada à rede pública.

A bibliografia encontrada sobre o ensino superior em si, demostram pela escassez e a falta de diversidade na análise do conteúdo que se trata de um tema novo, com uma produção científica pouco explorada, porém que aumentou significantemente nos últimos dez anos. Corroborando Teramatsu[6] (2015) quando o autor coloca que "Até os anos 1970, a bibliografia sobre o ensino superior no Brasil era reduzida e dispersa, sendo que o interesse sobre este tema cresce a partir do fim desta década. " (TERAMATSU, 2015, p. 4.057)

No Estado de São Paulo as instituições de ensino superior são inúmeras e sua participação no número de estudantes no ensino superior é expressivo como podemos ver

[5] Estimativa para 2017, segundo IBGE. *Link:* https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017.html

[6] TERAMATSU (2015) refere-se as primeiras décadas dos anos 2000.

no quadro 4. Veja abaixo as instituições de ensino superior do Estado de São Paulo por modalidade de ensino:

Quadro 5. São Paulo. Instituições de Ensino Superior por modalidade de ensino.

Universidades Particulares	UNITAU - Universidade de Taubaté, USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Universidades Públicas	USP - Universidade de São Paulo, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, UNESP - Universidade Estadual Paulista, UNIVESP - Universidade Virtual do Estado de São Paulo, UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo UFABC - Universidade Federal do ABC
Institutos e Academias	IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo **Militares:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) Campus Sertãozinho ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica AFA - Academia da Força Aérea
Faculdades, Escolas e Institutos	AESA - Anhanguera Educacional, FACAMP - Faculdades de Campinas, FACIC - Faculdade de Ciências Humanas de Cruzeiro, FACMIL - Faculdade de Administração de São José do Rio Preto, FADI - Faculdade de Direito de Sorocaba, FADISC - Faculdades Integradas de São Carlos, FALS - Faculdade do Litoral Sul Paulista, FAM - Faculdade de Americana, FIAP - Faculdade de Informática e Administração Paulista, FIRB - Faculdades Integradas Rio Branco FIT - Faculdade Impacta Tecnologia, FMS - Faculdade Mario Schenberg, FNC - Faculdade Nossa Cidade, FOC - Faculdades Oswaldo Cruz, ISES - Faculdade Sumaré, JAPI - Faculdade Japi, SLMANDIC - Faculdade de Odontologia e Centro de Pesquisas Odontológicas São Leopoldo Mandic, TECMED - Faculdade de Tecnologia Tecmed, BANDTEC - Faculdade de Tecnologia Bandeirantes, FLAMINGO - Faculdade Flamingo
Faculdades	FAMEMA - Faculdade de Medicina de Marília, FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, FATEC - Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo **Militares** APMBB - Academia de Polícia Militar do Barro Branco
Centros Universitários	UNIFAE - Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino, Uni-FACEF - Centro Universitário de Franca, CUFSA - Centro Universitário Fundação Santo André
Centros Universitários/Universidades	CEUNSP - Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, FCDA - Faculdade Drummond

	ITE - Centro Universitário de Bauru, UAM - Universidade Anhembi Morumbi, UBC - Universidade Braz Cubas, UMC - Universidade de Mogi das Cruzes, UNG - Universidade Guarulhos, UniABC - Universidade do Grande ABC, UNIBAN - Universidade Bandeirante de São Paulo, UNIBERO - Centro Universitário Anhanguera de São Paulo, UNICSUL - Universidade Cruzeiro do Sul, UNISEB - Centro Universitário Estácio, UniSEB -São Paulo, UNIFRAN - Universidade de Franca, UNIMAR - Universidade de Marília, UNINOVE - Universidade Nove de Julho, UNIP - Universidade Paulista, UNIMES - Universidade Metropolitana de Santos, UNISANTA - Universidade Santa Cecília, UNISO - Universidade de Sorocaba, USJT - Universidade São Judas Tadeu
Escolas, Faculdades e Institutos	FACCAMP - Faculdade de Campo Limpo Paulista, EEP/FUMEP - Escola de Engenharia de Piracicaba, ESEFIC - Escola Superior de Cruzeiro "Prefeito Hamilton Vieira Mendes", ESEFJ - Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, FITO - Fundação Instituto Tecnológico de Osasco, FATEB - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui, FDF - Faculdade de Direito de Franca, FDSBC - Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, FAIBI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga, FFCL - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, FMABC - Faculdade de Medicina do ABC, FMJ - Faculdade de Medicina de Jundiaí, FMPFM - Faculdade Municipal Professor Franco Montoro de Mogi Guaçu FAI - Faculdades Adamantinenses Integradas, FAFEM - Faculdades da Fundação de Ensino de Mococa, FUNEC - Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul, IESF - Instituto de Ensino Superior da Fupesp, IMMES - Instituto Matonense Municipal de Ensino Superior, IMESB - Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro Victório Cardassi, IMES Catanduva - Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva, IMESSM - Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, IMESA - Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis FEA - Fundação Educacional Araçatuba
Comunitárias e/ou Filantrópicas (Sem fins lucrativos) **Universidades**	MACK - Universidade Presbiteriana Mackenzie, PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-Campinas - Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP, antigamente), UMESP - Universidade Metodista de São Paulo, UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, UNIARA - Universidade de Araraquara, UNICEP - Centro Universitário Central Paulista, UNIFAI - Centro Universitário Assunção, UNIFEB - Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos, UNIFEOB - Centro Universitário Octávio Bastos, UNIFIEO - Centro Universitário

	FIEO, UNILAGO - União das Faculdades dos Grandes Lagos, UNIMONTE - Centro Universitário Monte Serrat, UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNORP - Centro Universitário do Norte Paulista, UNIRP - Centro Universitário de Rio Preto, UNIVEM - Centro Universitário Eurípedes de Marília, BSP - Business School São Paulo, FGV - Fundação Getúlio Vargas, FATEC - Faculdade de Teologia e Ciências, FECAP - Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESAGS - Escola Superior de Administração e Gestão, IMT - Instituto Mauá de Tecnologia, FCL - Faculdade Cásper Líbero, FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, Insper - Instituto de Ensino e Pesquisa, IMT - Instituto Mauá de Tecnologia, FESPSP - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, FRB - Faculdades Integradas Rio Branco, DOMPEDRO - Faculdades Integradas Dom Pedro II, FIO - Faculdades Integradas de Ourinhos, FIRB - Faculdades Integradas Rio Branco, FTML - Faculdade de Teologia Metodista Livre, FTT - Faculdade de Tecnologia Termomecânica, FAPCOM - Faculdade Paulus de Comunicação e Tecnologia, UCESP - Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo UniSãoPaulo - Instituto São Paulo de Formação e Especialização Profissional, FAZP - Faculdade Zumbi dos Palmares, FEF - Fundação Educacional de Fernandópolis, FCMSCSP - Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Segundo, o relatório do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos do Ensino Superior no Estado de São Paulo, que produziu um Mapa do Ensino Superior no Estado de São Paulo o "O Estado de São Paulo concentra 1,5 milhão de alunos matriculados (27,2% do total) em cursos presenciais das redes privada e pública do ensino superior. " (SEMESP, 2012)

O mesmo relatório apresenta os cursos mais procurados na modalidade a presença e na modalidade a distância:

Figura 2. Cursos mais procurados no ensino superior no Brasil.

Curso	Matrículas	Concluintes	Ingressantes
Administração	633.495	102.761	197.512
Direito	624.224	80.850	180.622
Enfermagem	210.664	36.984	61.626
Pedagogia	203.696	44.629	73.744
Ciências contábeis	182.179	28.399	60.958
Psicologia	115.809	15.269	37.391
Formação de professor de educação física	93.301	19.199	31.854
Fisioterapia	89.118	14.870	27.627
Farmácia	80.224	12.711	23.051
Gestão de pessoal / recursos humanos	80.018	18.918	43.598
Sistemas de informação	76.181	10.801	24.328
Engenharia civil	70.282	3.454	34.457
Engenharia de produção	69.096	5.375	27.498
Publicidade e propaganda	62.274	11.170	18.937
Medicina	62.258	6.806	11.103
Arquitetura e urbanismo	57.134	5.049	20.385
Serviço social	52.848	9.287	16.581
Nutrição	50.471	7.882	16.162
Gestão logística	48.385	11.765	25.682
Comunicação social	43.011	7.192	15.049

Fonte Sindata / Semesp Base: Censo INEP

Os cursos indicados em vermelho se referem à modalidade de cursos tecnológicos de nível superior.

Figura 3. Cursos mais procurados na modalidade a distância.

EAD		Tecnológicos	
Cursos	Matrículas	Cursos	Matrículas
Pedagogia	239.679	Gestão de pessoal / recursos humanos	69.095
Administração	106.594	Gestão logística	46.679
Serviço social	56.815	Análise e desenvolvimento de sistemas	33.395
Competências gerenciais	45.848	Mercadologia	28.331
Ciências contábeis	35.878	Administração de redes	25.811

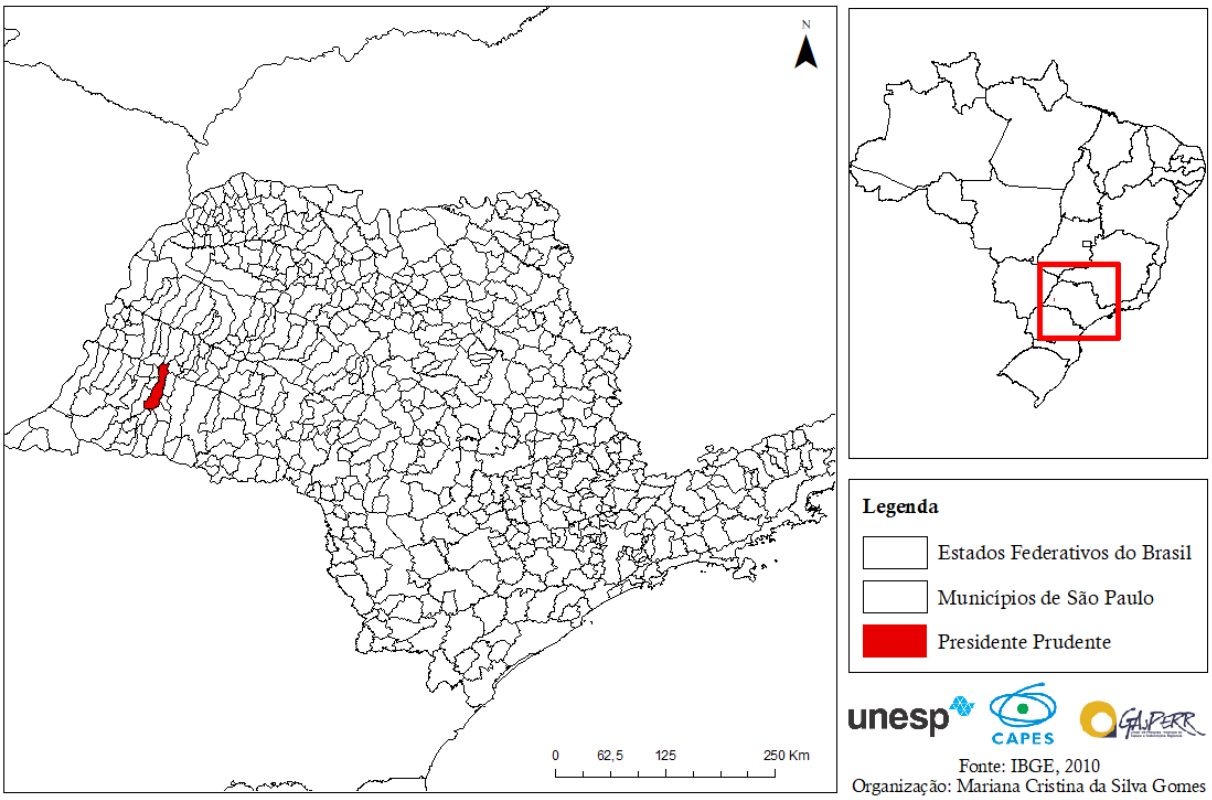
Fonte Sindata / Semesp Base: Censo INEP

Após essa breve contextualização do ensino superior no Brasil, vejamos como esse processo se dá no recorte territorial escolhido para fomentar esse debate e como isso se manifesta no espaço urbano e nas relações intraurbanas a partir da análise aplicada a cidade de Presidente Prudente.

1.2. A cidade média de Presidente Prudente – apontamentos históricos-geográficos

Para entendermos a importância da educação e do ensino superior para a economia e as interações territoriais e espaciais na cidade, faremos uma breve contextualização da cidade e da sua ocupação e urbanização. A localização geográfica do município de Presidente Prudente, corresponde a região oeste do Estado de São Paulo (Mapa 1), segundo o censo de 2010, a população é de 207.610 mil habitantes e a população estimada para 2017 é de 225.271 mil habitantes.

Mapa 2. Presidente Prudente. Mapa de Localização do município.



A implantação de núcleos urbanos para a venda de terras agrícolas foi o que tornou possível o processo de urbanização na cidade de Presidente Prudente/SP a priori caracterizado por meio de extermínio dos povos originários e da ocupação via coronelismo, como os já conhecidos casos de alto número de terras griladas nesta porção do território. Presidente Prudente passou por diversas fases de mudanças no processo de ocupação. Como apresentam Abreu (1972) e Sposito (1983) logo no início desse processo a terra já foi tomada como meio para se avançar na ocupação do território

> Aproveitando a confusão e as dificuldades nas legislações, começaram a aparecer naqueles últimos anos do Império, no Sertão do Paranapanema, os grileiros. Eles não tinham intenção de ocupar e explorar a terra, mas apenas de especular com ela. (ABREU, 1972, p. 27)
> Os primeiros moradores da área foram os índios coroados. Estes foram seguidos pelos chamados desbravadores da região, dos quais José Teodoro de Souza foi pioneiro, pois em 1856 se apossou de grande faixa de terra nos Sertões do Paranapanema. (SPOSITO, 1983, p.34)

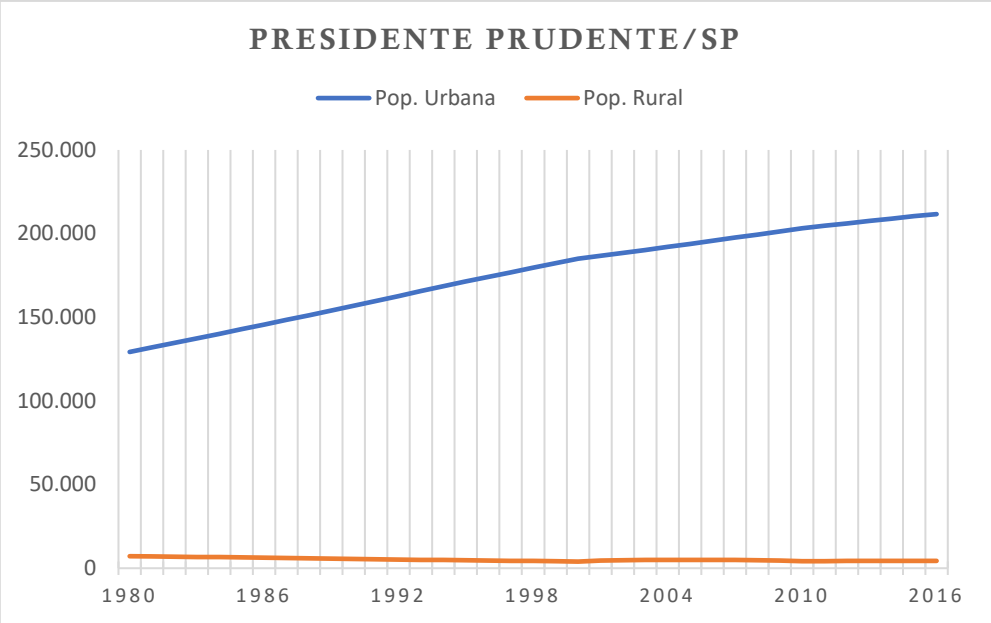
A ocupação efetivamente se deu a partir do avanço da cafeicultura e a grande porção de terra para o seu cultivo e manejo. A estrada de ferro, implantada em 1919, garantia a logística bem como influenciava na ocupação e loteamento do município que é emancipado em 1917. O núcleo urbano se deu no entorno da linha férrea e inicialmente eram duas vilas, de um lado, as terras do Coronel Goulart e do outro as terras sob responsabilidade administrativa e mobiliária do Coronel Marcondes. Esses foram os primeiros agentes imobiliários pelo loteamento e expansão territorial da cidade.

Sobre os empreendimentos pioneiros em Presidente Prudente, Abreu (1972) coloca que "[...] Era preciso um centro de ligação entre o sertão e o mundo povoado [...], um local de abastecimento de gêneros e instrumental para trabalho, [...] escola, farmácia, médico e hospital. As décadas de 20 e 30 datam a instalação dos primeiros aparelhos de infraestrutura da cidade. De 30 a 50 vemos o desenvolvimento econômico e crescimento ao longo da ferrovia e nos anos 60 a perda desse mesmo mecanismo. Em 60 e 70 a concentração urbana deixa de se realizar e vemos a expansão urbana da cidade bem como a formação de policentralidade no espaço urbano. (SPOSITO, 1983; ABREU, 1972)

Sobre o parcelamento da terra, segundo Sposito "Até os primeiros anos da década de 70, os incorporadores eram os próprios proprietários fundiários que se responsabilizaram pelo empreendimento de transformação do solo urbano". (SPOSITO, 1983)

Segundo o IBGE cidades, a partir de 1980 e de forma tardia são implantados os galpões e iniciativas industriais, porém, essas indústrias não se mantiveram devido a obsolescência dos meios de produção, a dificuldade em escoar e da difícil competitividade com o mercado internacional. No Gráfico 2, podemos observar o aumento da população urbana em detrimento da estagnação da população rural.

Gráfico 2. Presidente Prudente. População Urbana e Rural. 1980 – 2016.



Fonte: SEADE. Informação dos Municípios Paulistas. 2016.

A população continuou migrando e ocupando a cidade, isso porque Presidente Prudente a partir do fim da década de 1980, e mais intensamente na década de 1990, manteve-se como um centro de oferecimento de variedade em comércio e serviços. A cidade de Presidente Prudente/SP, foi pioneira em diversos aspectos e principalmente no oferecimento de serviços especializados o que desencadeou desde a sua fundação uma grande abrangência, influência e importância regional.

Sob tais aspectos que apresentamos na história desta cidade, podemos considerar que Presidente Prudente pode ser compreendida como cidade média, sobretudo pelo modo como as lógicas e dinâmicas dos capitais nacionais e internacionais começam a se implantar remexendo, também, nas dinâmicas do capital local que passou a interatuar em relação de competividade como é o caso dos super e hipermercados, dos *shopping centers*, que na cidade atualmente são dois, e também estabelecimentos comerciais e de serviços, de saúde e de educação como é o caso das universidades, pública e privadas[7].

[7] Ler os trabalhos do Grupo de Estudo Produção do Espaço Urbano e Redefinições Regionais e Recime – Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias.

1.3. Instituições de ensino superior em Presidente Prudente

Em 2016 as instituições de ensino superior presenciais e a distância em Presidente Prudente estão contabilizadas em 15 instituições de ensino superior, podemos ver as instituições de ensino públicas no quadro 5, as instituições de ensino privadas no quadro 6 e as instituições de ensino a distância presentes na cidade no quadro 7. No que se refere ao início das atividades na cidade temos a Universidade Estadual Paulista - Unesp – que surge em de 1959, em seguida a Universidade Antônio Eufrásio de Toledo em 1961 e a Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE em 1972.

No quadro 5 podemos ver as duas instituições públicas presentes na cidade, ambas apresentam o entorno bastante distinto, a primeira apresentada no quadro conta com um entorno bem servido de supermercados e um shopping, as casas do entorno possuem um perfil residencial e a presença de repúblicas estudantis é bastante frequente. A segunda é bem inserida em um bairro cujo o perfil das casas é em sua maioria residenciais de padrão familiar.

Quadro 6. Presidente Prudente. Instituições do ensino superior pública e o número de matrículas.

Instituições Públicas	Ano de fundação	Número de matrículas	MODALIDADE
Universidade Estadual Paulista (Unesp)	meados de 1950	3.013	PRESENCIAL
Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec)	2007	734	PRESENCIAL

Fonte: Sítios Eletrônicos. Organizado por: Mariana Cristina da Silva Gomes, 2018.

As instituições de ensino superior privadas que oferecem o ensino presencial são: Toledo, Unoeste e Uniesp (Quadro 6). O entorno dessas instituições é bastante diverso. A Toledo está inserida em um contexto urbano de interação integrada ao cotidiano da cidade, já os estudantes da Unoeste apresentam uma rotina distinta as demais, o entorno é formado de residências estudantis, tanto o campus 1 quanto o campus 2, além dos equipamentos

comerciais presentes próximos a universidade. A Uniesp é localizada em área periférica da cidade não sendo possível verificar uma quantidade de residências ou imóveis ligados a instituição, condomínios fechados fazem parte da paisagem próximas a instituição.

Quadro 7. Presidente Prudente. Instituições do ensino superior privada e o número de matrículas.

Instituições Privadas	Ano de fundação	Número de matrículas	MODALIDADE
Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo (Toledo)	1961	2.414	PRESENCIAL
Universidade do Oeste Paulista (Unoeste)	1972	16.333	PRESENCIAL
União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas (Uniesp)	2000	2.203	PRESENCIAL

Fonte: Sítios Eletrônicos. Organizado por: Mariana Cristina da Silva Gomes, 2018.

As instituições de ensino superior privadas que oferecem o ensino a distância e estão distribuídos enquanto polos na cidade são: Claretiano, Metodista de São Paulo (Unimetodista), Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), Universidade Norte do Paraná (Unopar), Cruzeiro do Sul, Centro Universitário de Maringá (Unicesumar), Anhanguera Educacional, Uninter, Uningá e Laureatte (Quadro 7). As instituições em Ead são presentes no centro da cidade facilmente confundidas com um prédio comercial comum, as que não ficam nessa área da cidade, estão em sua maioria localizadas próximas as principais vias de acesso da cidade.

Quadro 8. Presidente Prudente. Instituições do ensino superior a distância e o número de matrículas[8].

Instituições	Ano de fundação	Número de matrículas	MODALIDADE
Claretiano	1849	23.778	EAD
Metodista de São Paulo (Unimetodista)	1938	27.500	EAD
Universidade Cidade de São Paulo (Unicid)	1972	11.959	EAD
Universidade Norte do Paraná (Unopar)	1972	353.432	EAD
Cruzeiro do Sul	1972	53.000	EAD
Centro Universitário de Maringá (Unicesumar)	1990	57.622	EAD
Anhanguera Educacional	1994	152.816	EAD
Uninter	1996	150.000	EAD
Uningá	1999	150.000	EAD
Laureatte	1999	80.000	EAD

Fonte: Sítios Eletrônicos. Organizado por: Mariana Cristina da Silva Gomes, 2018.

Essa quantidade de instituições de ensino superior se confirma por meio da divisão do trabalho que a explica e é explicada por ela e tem mobilizado uma gama considerável de jovens e adultos a migrarem para cidades onde se encontram as possibilidades de maior qualificação profissional, mobilidade essa que se intensificou nas últimas décadas como demostraremos a diante.

[8] Os dados relativos as universidades em EaD correspondem ao total geral de alunos dessas instituições, o número de alunos por polo não se encontra acessível em nenhuma plataforma.

Nos quadros abaixo podemos apreender um resumo da história de implementação de cada instituição juntamente com os cursos oferecidos. Os mapas apresentam a localização de cada instituição por modalidade e especificidade. As instituições de ensino superior estão agrupadas por públicas e não públicas (privadas), presenciais e a distância. Nos mapas 3, 4 e 5 observamos a localização dos conjuntos de instituições classificadas e agrupadas juntamente com todo o histórico coletado.

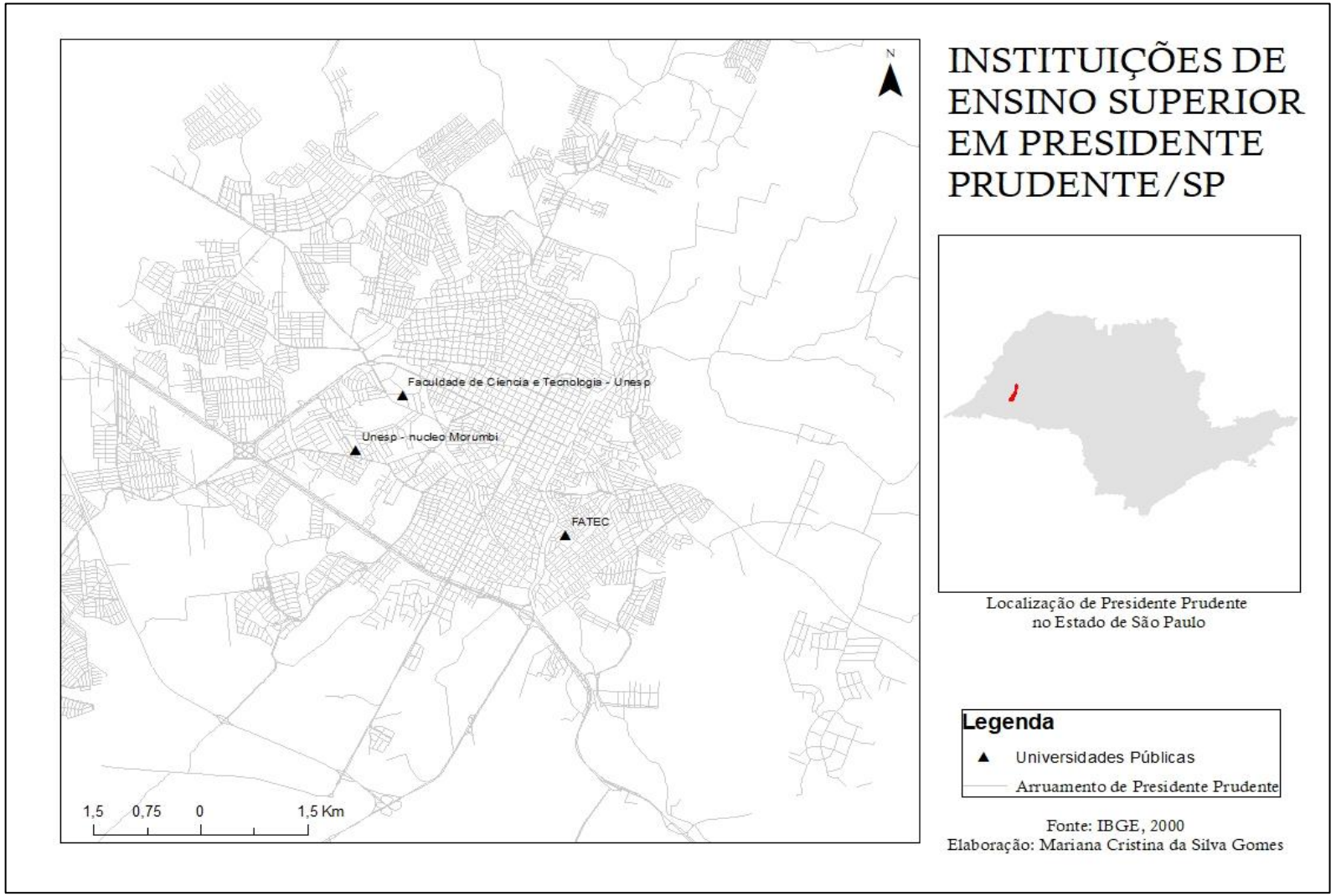
O quadro 8 faz parte da sistematização dos cursos oferecidos na modalidade presencial cujo o objetivo é sinalizar ofertas de cursos devido a demanda local e regional. No Mapa 6 podemos observar a localização de todas as instituições na cidade como um todo, colaborando para uma análise mais completa.

Instituições de Ensino Superior Públicas	Histórico e cursos
	A UNESP, inicialmente como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente foi fundada em meados de 1950, no entanto com início do funcionamento somente no ano de 1959. Foi incorporada em 1976 pelo governo do Estado de São Paulo à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" ocasião na qual a universidade tornou-se o Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais (IPEA). Desde 1989 o câmpus de Presidente Prudente foi renomeado por Faculdade de Ciência e Tecnologia, por congregar diferentes cursos e por ser um câmpus. Os primeiros cursos oferecidos foram Geografia e Pedagogia. Posteriormente, foram oferecidas as licenciaturas em Matemática e Ciências. Os cursos de graduação oferecidos por essa instituição são: Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Pedagogia; Ciência da Computação, Engenharia Ambiental, Engenharia Cartográfica, Estatística, Física, Matemática, Química; Educação Física, Fisioterapia

	Em Presidente Prudente, a instituição tem a sede no Centro Educacional e um núcleo descentralizado no Jardim Morumbi. (Mapa 3)
	A FATEC - Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo é uma instituição pública estadual, sua história inicial remonta os anos finais da década de 60, quando então governador de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré nessa ocasião instituiu um grupo de trabalho "que estudaria a viabilidade de implantação gradativa de uma rede de cursos superiores de tecnologia com duração de dois a três anos". Em 1970 o projeto foi aprovado dando início à construção dessas unidades. Em Presidente Prudente, a unidade tem pouco mais de 10 anos, sendo posta em funcionamento em 2007. Cursos: Agronegócio, Eventos, Gestão Empresarial (Presencial), Gestão Empresarial (EaD), Análise e Desenvolvimento de Sistemas. (Mapa 3)

Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Mapa 3. Presidente Prudente. Instituições de Ensino Superior Públicas.



Instituições de Ensino Superior Privadas (presencial)

Instituições de Ensino Superior Privadas	Histórico e cursos
	O Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo, comumente conhecida como TOLEDO, é uma instituição privada mantida pela família de seus fundadores Dr. Antônio Eufrásio de Toledo e Milton Pennacchi em 1961. Os cursos oferecidos são: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Marketing, Serviço Social. Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Engenharia de Produção Gestão Financeira, Sistemas de Informação, Sistemas para internet. (Mapa 4)



A UNIESP - União das Instituições Educacionais de São Paulo é uma instituição de iniciativa privada criada por um grupo no ramo do ensino superior em 1999. Em Presidente Prudente a unidade atende pelo nome de FAPEPE – Faculdade de Presidente Prudente e está localizada no Jardim Aeroporto (Mapa 5).

Cursos: Administração, Design de Moda, Direito, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Secretariado Executivo, Serviço Social, Turismo, Ciências Contábeis, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Sistema de Informação, Enfermagem e Psicologia. (Mapa 4)



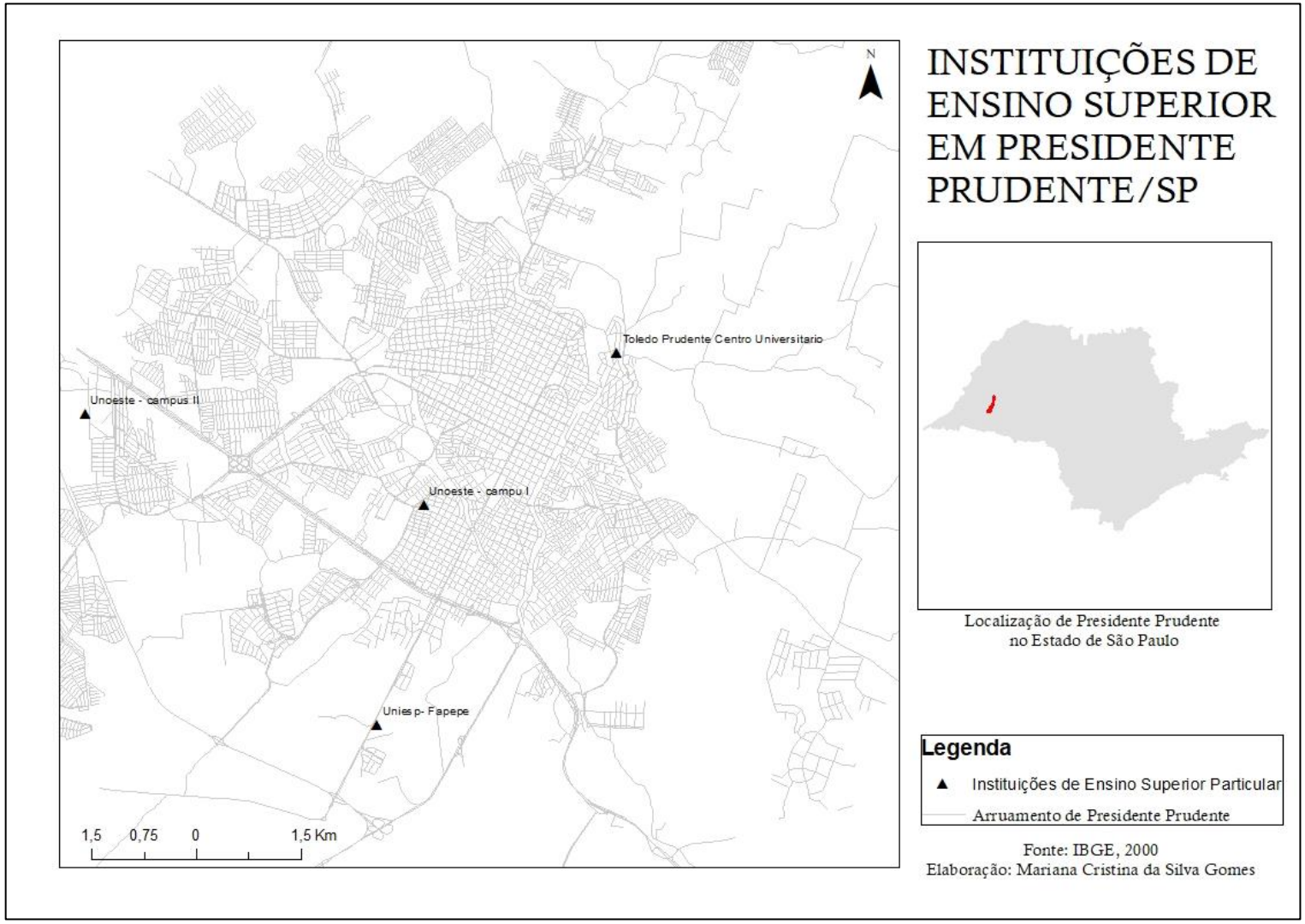
A UNOESTE, uma instituição privada, fundada na cidade de Presidente Prudente em 1972 a partir das ações empresariais da Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec), idealizada e mantida por vários sócios e pelos professores Agripino de Oliveira Lima Filho e Ana Cardoso Maia de Oliveira Lima. Como destaca o grupo, o intuito era "[...] suprir a carência de ensino superior em Presidente Prudente (SP) e região". (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, 2015)

Esta universidade possui dois câmpus, um primeiro localizado próximo ao Jardim Bongiovani e o câmpus 2 localizado na Cidade Universitária (Ver Mapa 5).

A Unoeste oferece 64 opções de curso de graduação na modalidade presencial e 8 a distância. (Mapa 4)

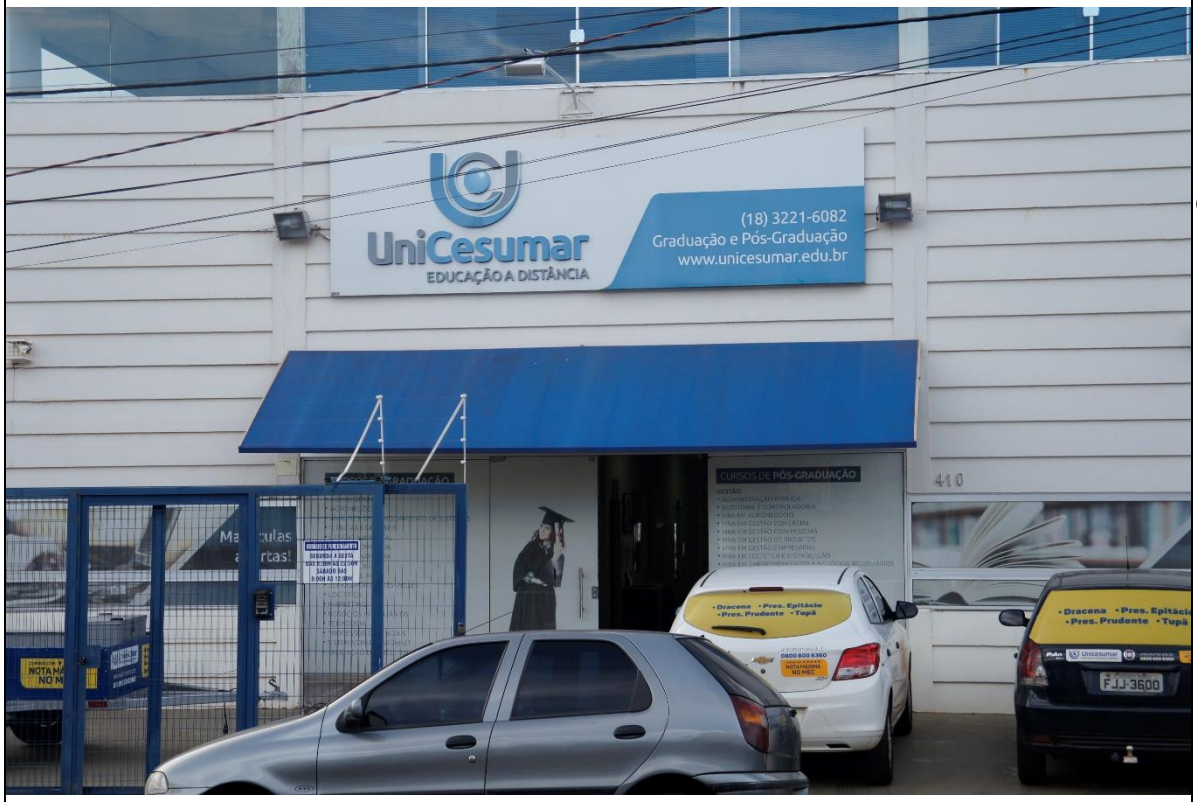
Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Mapa 4. Presidente Prudente. Instituições de Ensino Superior Privadas.



Instituições de Ensino á distancia	Histórico e cursos
	A Instituição Cruzeiro do Sul surge em 1972, no entanto só é reconhecida como universidade em 1993. O ano de 1997 é marcado como o "Início das pesquisas em Educação a Distância e a utilização das novas tecnologias da informação no ensino". Em 1998 são feitos os "Primeiros testes com Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), como AulaNet e WebCT". Em 2000 é datado a "Implantação do Núcleo de Educação a Distância (Nead)." Em 2002 "Início das primeiras dependências on-line (DP On-line)." Em 2003 data o "Início da utilização de ambientes virtuais no ensino de pós-graduação, com Blackboard e a "Implantação do Eclass, ambiente de aprendizagem virtual, desenvolvido na Universidade Cruzeiro do Sul.". Em 2004 acontece a "Redefinição da missão institucional" e em 2005, iniciam-se as "Oferta de cursos de Educação a Distância para professores" e o "Início do processo de credenciamento institucional para a oferta de cursos

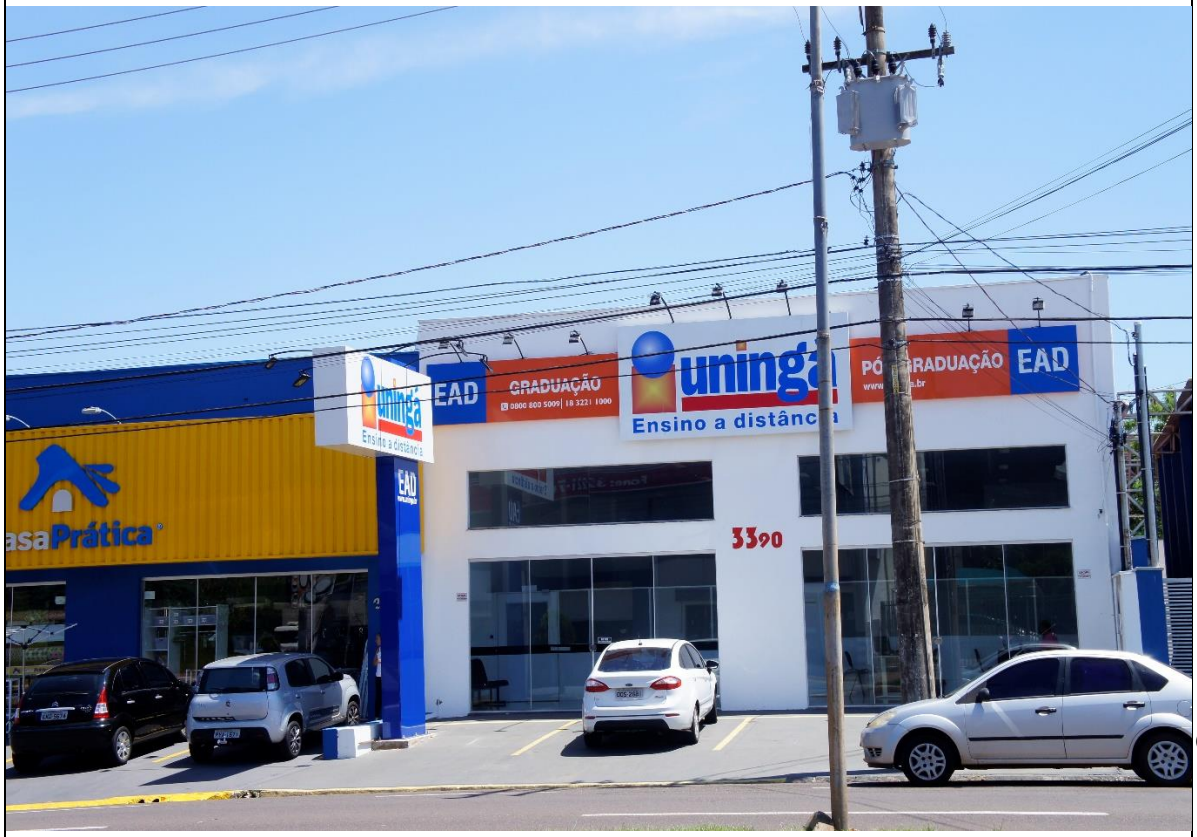
	on-line.”. Em 2006 a “Implantação da Universidade Cruzeiro do Sul Câmpus Virtual” e em 2012 é elaborada a “Autorização do MEC para oferta de cursos de graduação a distância.” Em 2017 a Cruzeiro do Sul realiza a “Inauguração do câmpus Paulista, com 15 mil m² e capacidade para atender sete mil estudantes”. A Cruzeiro do Sul oferece 34 opções de curso de graduação em Presidente Prudente na modalidade a distância. (Mapa 5)



A instituição UNICESUMAR – Universidade/Centro Universitário de Maringá é uma instituição privada, foi implantada em 1990 e se expandiu para outros centros e cidade com mais intensidade em 2002. Os cursos oferecidos são: Administração, Agronegócio, Ciências Econômicas, Design de Interiores, Design de Moda, , Geografia, Gestão Ambiental, Gestão Comercial, Gestão da Qualidade, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão das Organizações do Terceiro Setor, Gestão de Cooperativas, Gestão de Lojas e Pontos de Venda, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Financeira, Gestão Hospitalar, Gestão Pública, História, Letras - Português/Inglês, Logística, Marketing, Pedagogia, Processos Gerenciais, Secretariado, Serviço Social, , Teologia e Design de Produto. Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção, Engenharia de Software, Matemática, Negócios Imobiliários, Sistemas para Internet. Educação Física, Gastronomia, Segurança no

	Trabalho. Em Presidente Prudente a unidade-polo oferecem cursos na modalidade a distância. (Mapa 5)
	A instituição de ensino superior ANHANGUERA - A Anhanguera Educacional é uma instituição de ensino superior de cunho privado com fins lucrativos e foi criada a partir da fusão de diversas instituições e associações ligadas a redes de ensino. Inicialmente esse processo de fusão formou a base de três instituições em sociedades educacionais: Sociedade Educacional de Leme, Sociedade Educacional de Jundiaí e Sociedade Educacional de Matão. Dessas três instituições surgiu a Anhanguera Educacional, hoje definida como a sociedade mantenedora das unidades educacionais, faculdades, centros universitários e universidades que compõem o grupo. E, desde 2004, novos cursos e unidades são automaticamente integrados à Anhanguera. (ANHANGUERA, 2017) São oferecidos 25 cursos.

	Em Presidente Prudente a instituição oferece um polo de assistência apenas na modalidade à distância (Mapa 5).
	A Uninter surge primeiramente, como Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão, o IBPEX em 1996, com o objetivo de oferecer aos professores do ensino básico opções de cursos de pós-graduação. Em 2000, o instituto converte-se em 6universidade e inicia as opções de cursos de Graduação. Em 2012 se funde em um grupo entre duas universidades e se torna nacionalmente conhecida como Uninter. Em Presidente Prudente a instituição oferece cursos em Ensino à distância, o câmpus sede localiza-se em Curitiba. Possui 500 polos de apoio no território brasileiro. Cursos à distância: Pedagogia, Letras, Logística, Administração, entre outros. Engenharia de Produção e Engenharia Elétrica, Educação Física Bacharelado, entre outros. (Mapa 5)



A Uningá, também conhecida como Centro Universitário do Paraná. Funcionando desde o fim da década 1999 é uma instituição que se expande oferecendo cursos na modalidade à distância e possui sua sede em Maringá no Estado do Paraná.

Cursos à distância: Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Comércio Exterior, Design de Interiores, Design de Moda, Design Gráfico, Economia, Publicidade e Propaganda, Secretariado, Serviço Social, Pedagogia, Tecnologia em Eventos, Tecnologia em Hotelaria, Jornalismo, Letras – Português/Inglês, Logística, Marketing, Gestão Ambiental, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Agronegócio, Gestão Financeira, Gestão Hospitalar, Jogos Digitais. Engenharia de Produção, Processo Gerenciais, Sistemas Elétricos, Negócios Imobiliários, Engenharia elétrica, Engenharia Mecatrônica, Engenharia Civil. Segurança do Trabalho, Nutrição, Biologia – Bacharelado, Biologia – Licenciatura, Estética e Cosmética, Farmácia, Fonoaudiologia,

	Educação Física – Bacharelado, Educação Física - Licenciatura. (Mapa 5)
	A Faculdade LAUREATTE - A Laureate International Universities foi criada em 2004 como evolução da empresa Sylvan Learning Systems, que era fornecedora de serviços de apoio educacional para estudantes do ensino fundamental e do ensino médio desde 1999. Hoje, a Laureate é uma das maiores redes de educação superior do mundo e está presente em 28 países. São 80 instituições que se responsabilizam pela educação superior nas modalidades presencial e a distância, atendendo mais de um milhão de estudantes. (LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES, 2017). Oferece 37 cursos de Graduação: Em Presidente Prudente a instituição possuí um polo para atendimento, sendo todos os cursos na modalidade a distância. (Mapa 5)



A UNOPAR - Universidade do Norte do Paraná é uma instituição privada que iniciou suas atividades enquanto tal no norte do Paraná no ano de 1972. O primeiro curso autorizado para a instituição foi o curso de Odontologia. Com polo de apoio presencial em Presidente Prudente a Unopar faz parte do número de instituições que tem como foco a expansão a partir do ensino em EaD (Ensino a Distância).

Os dados da instituição não disponibilizam os cursos oferecidos pelo polo de Presidente Prudente, no entanto o câmpus oferece a informação de que se trata de um centro de pós-graduação em odontologia. (Mapa 5)



A Instituição de ensino superior UNICID - Universidade Cidade de São Paulo, é uma instituição privada que iniciou suas atividades no ano 1972

quando a instituição foi criada por um grupo de educadores liderados pelo professor Remo Rinaldi. Nesta época, ainda éramos conhecidos como Faculdade da Zona Leste de São Paulo (FZL). Fomos os primeiros a instalar o ensino superior no bairro paulistano do Tatuapé, na zona leste da cidade. (UNICID, 2017)

No polo da instituição, situado em Presidente Prudente são oferecidos apenas cursos de Pós-Graduação na modalidade à distância.

Cursos de pós-graduação: Administração e Negócios, Direito, Educação Biológicas e Saúde. (Mapa 5)

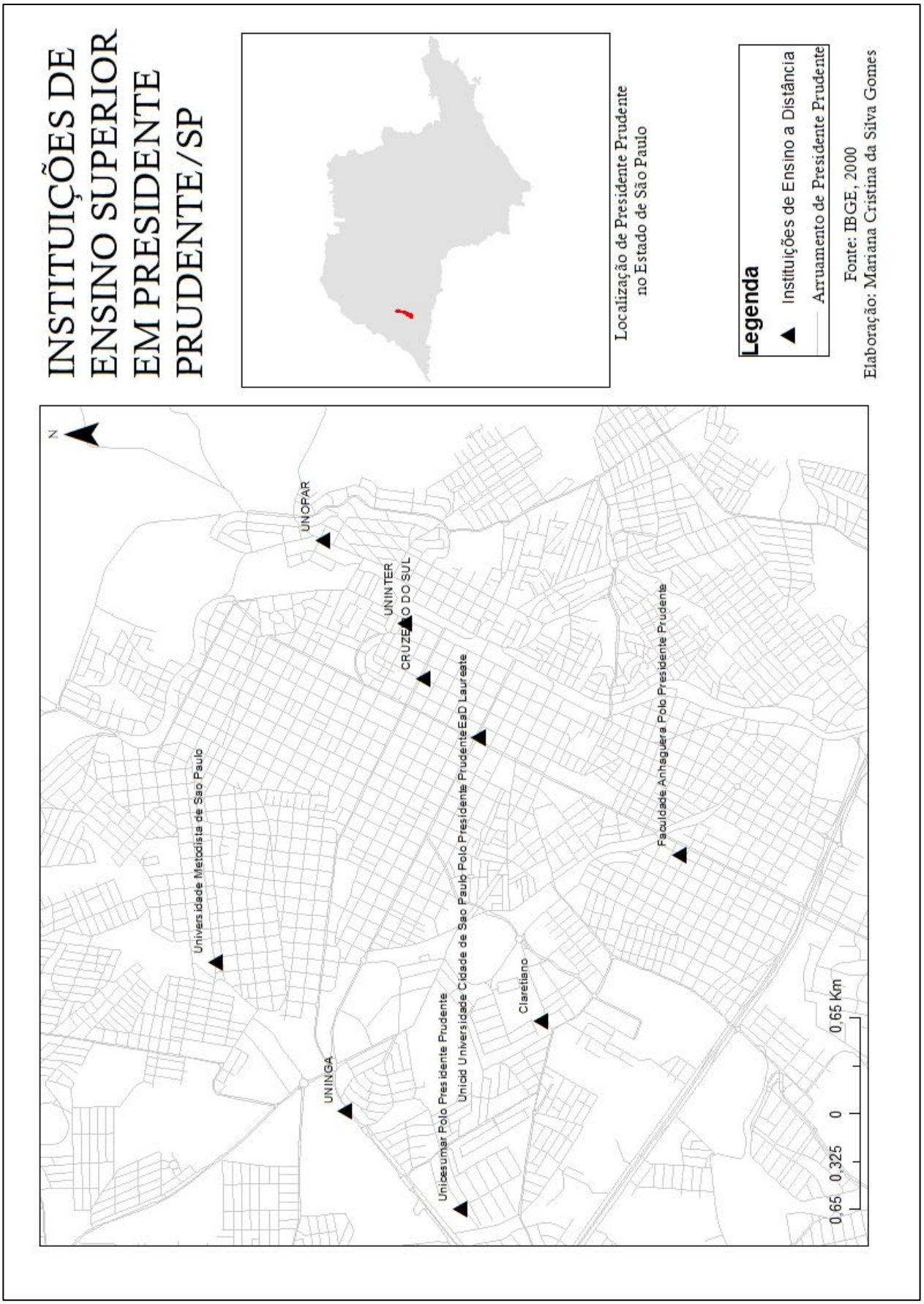


A Universidade Claretiano possui esse nome pois é uma instituição superior de caráter confessional religioso faz parte de uma congregação que iniciou seus trabalhos em 1849. O polo desta instituição presente em Presidente Prudente oferece cursos que são em EaD, esses são: Artes Visuais, Filosofia, Geografia, História – Licenciatura, Letras - Português / Inglês, Música, Pedagogia, Direito, Serviços Jurídicos e Notariais, Tecnólogo Teologia e Filosofia, Filosofia - Bacharelado Teologia, Tecnologia Agronegócio, Gestão Ambiental, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão de Franquias Gestão de Micro e Pequenas Empresas, Gestão Financeira, Gestão Pública, Logística, Processos Gerenciais, Recursos Humanos, Secretariado, Gestão, Administração, Biblioteconomia, Relações Internacionais, Ciência da Computação – Licenciatura, Matemática, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Saúde, Gerontologia,

	Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Licenciatura em Educação Física, Educação Física – Bacharelado, Biologia – Licenciatura, Gastronomia. (Mapa 5)
	A Universidade Metodista é uma instituição privada que surgiu a partir da implantação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em São Bernardo do Campo, em 1938. Um exemplo de instituição privada confessional. Sendo o polo em Presidente Prudente de Educação a Distância. Atualmente (2016) a instituição oferece os cursos de: Administração, Ciências Sociais, Comércio Exterior, Gestão Ambiental, Gestão Comercial, Gestão Hospitalar, Gestão Portuária, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Seguros, Gestão Financeira, Gestão Pública, Letras - Língua Estrangeira, Letras - Língua Portuguesa, Letras - Português / Espanhol, Logística, Logística, Marketing, Pedagogia , Processos Gerenciais, Segurança Pública, Teologia, Análise e

Fonte: Trabalho de Campo, 2017	Desenvolvimento de Sistemas, Ciências Contábeis, Matemática, Ciências Biológicas. (Mapa 5)

Mapa 5. Presidente Prudente. Instituições de Ensino Superior à Distância.



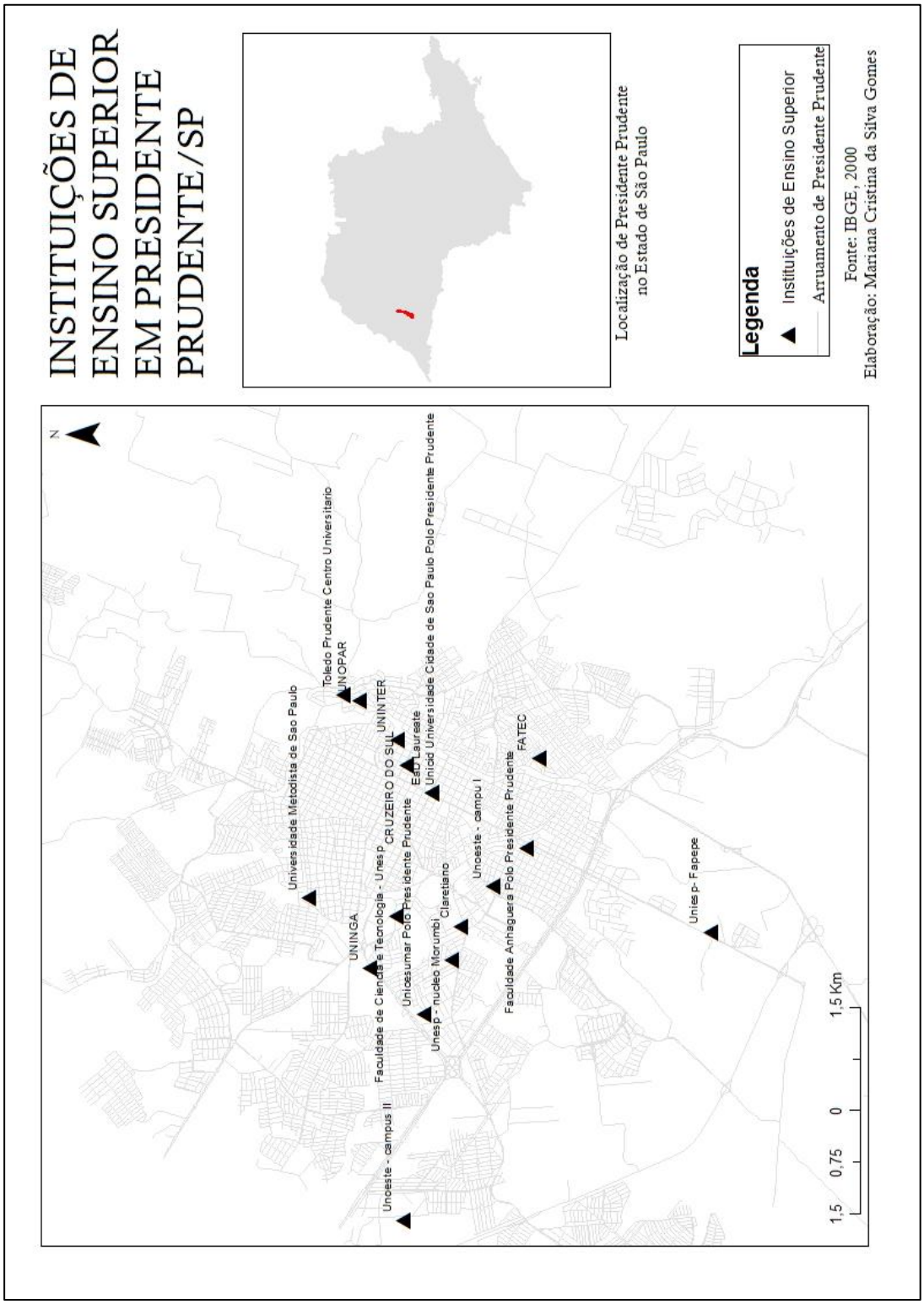
Quadro 9. Instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de graduação na modalidade presencial.[9]

IES	Graduação
UNESP	Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Pedagogia Ciência da Computação, Engenharia Ambiental, Engenharia Cartográfica, Estatística, Física Matemática, Química. Educação Física, Fisioterapia
UNOESTE	Administração, Agronegócio, Agronomia, Alimentos, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais – Licenciatura, Comunicação Social: Jornalismo, Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, Construção de Edifícios, Design, Design de Interiores, Design de Moda, Design Gráfico, Direito, Filosofia – Licenciatura, Fotografia, Geografia – Licenciatura, Gestão Comercial, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Financeira, História – Licenciatura, Letras: Português/Inglês, Marketing, Música – Bacharelado, Música – Licenciatura, Pedagogia, Turismo com Ênfase em Hotelaria. Ciência da Computação, Ciências Contábeis, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Física – Licenciatura, Jogos Digitais, Matemática – Licenciatura, Produção Multimídia, Produção Sucroalcooleira, Química – Bacharelado, Química – Licenciatura, Redes de Computadores, Relações Públicas, Secretariado, , Sistemas de Informação, Sistemas para Internet. Biomedicina, Ciências Biológicas – Bacharelado, Ciências Biológicas – Licenciatura, Educação Física – Bacharelado, Educação Física – Licenciatura, Enfermagem, Estética e Cosmética, Farmácia, Fisioterapia,

[9] Delimitado por três cores as áreas de humanas, exatas e biológica: Ciências humanas em vermelho, ciências exatas em azul e ciências biológicas em verde.

	Fonoaudiologia, Gastronomia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Radiologia, Psicologia, Segurança no Trabalho. Á distância: Administração, Gestão da Qualidade, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Financeira, Logística, Marketing, Pedagogia, Processos Gerenciais
TOLEDO	Administração, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Economia, Gestão Financeira, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Marketing, Serviço Social, Sistemas de Informação, Sistemas para internet
UNIESP	Administração, Design de Moda, Direito, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Secretariado Executivo, Serviço Social, Turismo. Ciências Contábeis, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Sistema de Informação Enfermagem, Psicologia
FATEC	Agronegócio, Eventos, Gestão Empresarial, Gestão Empresarial Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Mapa 6. Presidente Prudente. Síntese das Instituições de Ensino Superior (Presencial e á distancia)[10]



[10] Trata-se de 15 instituições de ensino superior e 2 câmpus descentralizados da mesma instituição como é o caso do câmpus 2 da Unoeste e do Núcleo Morumbi da Unesp.

O histórico, o mapeamento e a sistematização dos cursos presenciais das instituições de ensino superior nos ajuda a entender qual a importância desses equipamentos para a cidade de Presidente Prudente e qual relação pode ser extraída dessa implantação que abriga 15 instituições de ensino superior e 17 estabelecimentos de IES.

O que esse trabalho científico demostra é justamente que a busca pela qualificação via mercado de trabalho tem um rebatimento na produção do espaço, tanto no que diz respeito a uma nova segmentação de demanda via mercado imobiliário, comércio local, lazer noturno, entre outros, quanto das mudanças que podem ser verificadas no padrão de localização desses centros de ensino superior aqui priorizados por meio da análise no que tange às instituições de ensino superior (públicas e privadas).

Com relação as instituições de ensino que oferecem ensino presencial vemos uma relação de mobilidade e deslocamento dos municípios vizinhos (de até aproximadamente 100km de distância) que dispõem de transporte para diariamente tanto concedidos pelas prefeituras municipais quanto aos ônibus fretados pelos estudantes, cujo o objetivo é deslocar os estudantes em direção aos centros universitários. Santos e Silveira (2000) já verificavam o deslocamento diário de cidades do entorno, quando colocaram que

> Resultado puro e simples do poder aquisitivo, a acessibilidade imposta pela lógica do mercado pode, porém, ser modificada por uma ação pública destinada a atenuar as compartimentações. É o exemplo daqueles municípios que, visando garantir o deslocamento dos alunos para a universidade, organizam e financiam um serviço exclusivo de ônibus. São as ações empreendidas em algumas cidades do Paraná, de Mato Grosso do Sul e de São Paulo. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 35)

A respeito do alto número de instituições de ensino superior privada na modalidade em EaD (a distância) instaladas em Presidente Prudente, podemos encontrar a seguinte assertiva no Mapa do Ensino Superior no Estado de São Paulo

> A rede privada de ensino superior no Estado de São Paulo registrou, entre os anos de 2009 e 2010, um crescimento de 14,9% no número de matrículas em cursos a distância (EAD). Os destaques foram as Regiões Administrativas de São José dos Campos, Registro, Bauru

> e Presidente Prudente, com um crescimento de 55,9%, 43,4%, 42,2% e 40,5%, respectivamente. Em 2010, somadas as instituições públicas e privadas, a modalidade EAD atingiu a marca de 154 mil matrículas, 149 mil das quais (96,6%) concentraram-se no setor privado. (SEMESP, 2012)

Como apresentado acima as instituições tem suas origens em diferentes localidades, no entanto, se encontram estabelecidas, seja suas sedes ou polos/campis na cidade de Presidente Prudente.

Com o auxílio do quadro 9, podemos observar que os cursos com o maior número de oferta, ou seja, os cursos que mais comparecem nas instituições de ensino superior de Presidente Prudente são, os cursos de Gestão, de Engenharia e relacionadas às áreas de exatas e humanas aplicadas como é o exemplo de cursos voltados aos serviços administrativos e de finanças (Quadro 9). Essa demanda corresponde ao setor que tem maior peso econômico no PIB da cidade, o setor de serviços e administração[11].

Quadro 10. Presidente Prudente. Os cursos com maior oferta.

Curso	Nº de oferta
Gestão	49
Engenharia (GERAL)	24
Administrativo	13
Letras	13
Sistemas de informação/para internet	11
Pedagogia	10
Ciências Contábeis	9
Design	8
Matemática	8

Fonte: Campo, 2017.

No âmbito do espaço urbano, encontramos na obra de Lima & Ribeiro (2003) onde avaliam os primeiros 17 anos da existência da universidade UNESP já pontuam

[11] Setores econômicos por participação no PIB – Presidente Prudente: Agropecuária - 27.501,66; Indústria - 1.019.042,78; Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social - 4.485.834,27. (IBGE – CIDADES)

os problemas engendrados a partir da primeira instalação predial quando se construiu um prédio novo em um bairro afastado para a expansão do câmpus.

Segundo as autoras sobre o terreno onde atualmente localiza-se a FCT/UNESP as autoras afirmam que nos primeiros anos de funcionamento "[...] Além de ser um local muito afastado da cidade, não havia asfalto, nem ruas abertas" (LIMA & RIBEIRO, 2013, p. 113). Esse ponto assim como tantos outros presentes nessa obra já nos dá pista para a importância de se verificar os processos territoriais e de ocupação do solo do entorno da Universidade, 56 anos após sua fundação, o bairro onde se localiza e os adjacentes a universidade concentram uma quantia considerável de edificações residenciais e comerciais.

Como observado a partir das características da constituição histórica destas universidades, podemos apontar elementos pelos quais a cidade de Presidente Prudente passou a partir da instalação destas instituições de ensino superior, tais como: 1. Nuances na rápida reestruturação urbana (SOJA, 1993) e das cidades (SPOSITO, 2004), alterações essas que se materializaram no espaço, tanto pelo processo de desenvolvimento da infraestrutura dessas instituições, quanto pelo incentivo para o acesso do ensino superior, que nos últimos anos foi impulsionado por políticas públicas; 2. Outro elemento que pode ser tomado como um recurso metodológico é a articulação entre a cidade e seu espaço regional, centralizado pela presença desta universidade.

Elencamos abaixo alguns trabalhos que fazem parte do esboço teórico metodológico utilizado para entender e dar visibilidade a essa relação entre cidade e universidade. Como é o caso de Almeida & Souza (2010) e Moreno (2013) com a universidade federal e o ensino superior na cidade de Dourados.

Amorim (2012) vai entender a lógica de ocupação das instituições do ensino superior a partir do território usado, Araújo (2012) vai tratar das instituições de ensino em geral para entender a sua influência na cidade de Campina Grande.

Camacho & Soares (2012) com o caso da aglomeração urbana no entorno de Uberlândia e o desenvolvimento regional através do oferecimento desses serviços e Carvalho (2014) vai avaliar a partir da cidade de Santarém – PA.

Dantas (2014) vai trabalhar a influência do ensino superior em Pau de Ferros no desenvolvimento da cidade e Freire (2016) vai procurar entender o impacto das cidades médias no nordeste brasileiro. Gaspar (2011) e as considerações feitas a partir de Araguaína – TO.

Gusmão (2009) faz a análise sobre Vitória da Conquista a partir dos fluxos e fixos, na teoria Miltoniana e Haiashida (2014) traz a contribuição com o caso de Quixadá. Holanda (2016) e os desdobramentos do ensino superior em Fortaleza, Honório (2012) e as considerações feitas a partir de Viçosa.

Miralles-Guasch (2010) com a Universidade Autônoma de Barcelona, Mota (2007) traz a proposta de entender o entorno a partir das mudanças no mercado imobiliário com a Universidade Estadual de Maringá e demais aspectos do ensino superior na cidade de Maringá.

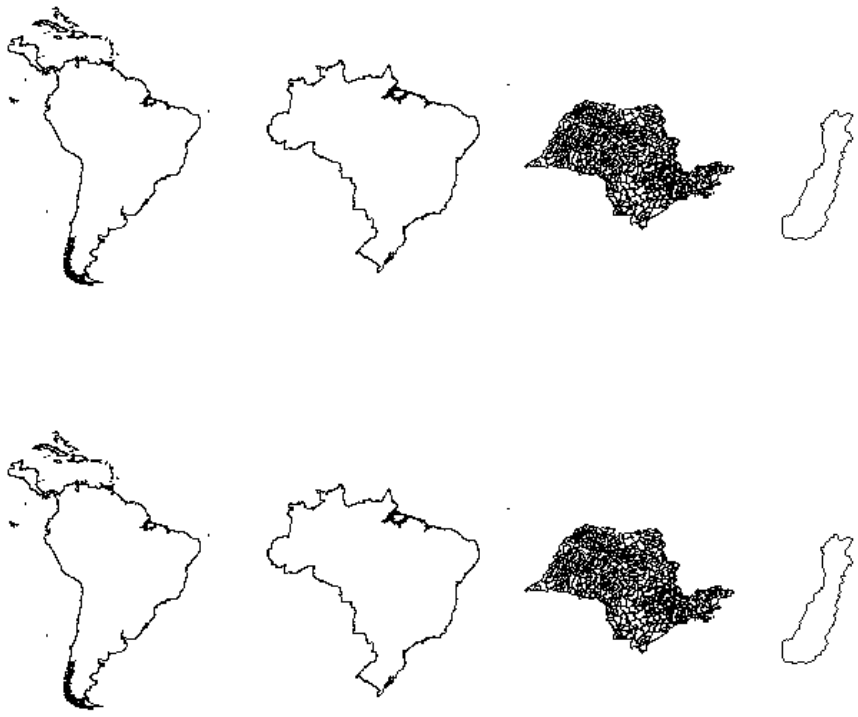
Moura (2015) analisa a relação da cidade com a universidade através com o estudo sobre Sinop – MT, Sanfeliu (2011) em relação a universidade de Lleida; Santana & Marengo (2012) e seus trabalhos sobre a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e sua influência regional.

Santos (2015) colabora como estudo a partir das universidades a partir da análise da cidade de Montes Claros – MG, Siebeger (2010) traz a luz o caso de Bolonha, Souza Filho (2009) concentra esforços no caso de Serra Talhada e Vanella (2007) traz apontamentos importantes a partir da Universidade de Tucumán.

Não distante de todo contexto histórico sobre ensino superior no Brasil, já explorado na primeira parte deste capítulo, vemos que em Presidente Prudente existe uma centralidade regional formada por equipamentos públicos e privados como são as instituições de ensino superior fatores esses que aprofundaremos no capítulo 2. Para seguirmos por esse pensamento é necessário clarificar os conceitos que consideramos primordiais para entendermos a realidade posta e a produção do espaço, a urbanização e as redes de cidades a partir da perspectiva das interações espaciais e territoriais bem como os referenciais elencados para o estudo desse processo e é sobre estes que se trata o próximo capítulo.

Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o "maior". Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão de que sou consciente atesta de um lado minha ignorância, me abre de outro o caminho para conhecer.

PAULO FREIRE – A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA



CAPÍTULO 2: O DEBATE CONCEITUAL PARA ENTENDER AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E SUA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DAS INTERAÇÕES ESPACIAIS E TERRITORIAIS

2.1. Interações espaciais e territoriais: discussões teóricas a respeito do conceito

A palavra interação, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, vem da junção das palavras Inter + Ação, um substantivo feminino e sua definição mais simples é "Ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca". É importante trazer a definição do termo pois quando é pesquisado a palavra interação são encontrados muitos trabalhos advindos de áreas como física e a química, uma vez que o uso do termo é corriqueiro para calcular o uso das substâncias ou a interação dos elementos. É utilizado também para se entender a "ação mútua entre duas partículas ou dois corpos"[12]. Neste contexto, podemos afirmar que só é interação quando relacionado ao movimento e à articulação, nunca como fato isolado.

A apropriação do termo para estudos geográficos tem uma história bastante recente, mas que merece ser recordada. Segundo as pesquisas bibliográficas esse termo associado à geografia surge nos Estados Unidos no movimento da Geografia Teorético - Quantitativo onde o foco era a análise espacial dos fenômenos e relacionados ao Geoprocessamento. O termo migra para o Brasil a partir da obra *Geography as Spatial Interaction* de Edward Ullman (1974) que foi base para o pensamento de Corrêa quem vai sistematizar as relações através da sua intensidade espaço-temporal retirando o termo dos estudos de física relacionados à gravidade. Ullman vai estabelecer o início dos estudos com relação ao raio de interação entre os espaços, no qual buscou-se "medir e classificar interações territoriais como os fluxos de pessoas e mercadorias entre cidades ou regiões". (ULLMAN *apud* CATELAN, 2013)

Cheptulin (1982), Correa (1996, 1997 e 2006) e Camagni (1993) também foram os autores que deram sequência ao uso do conceito, o primeiro o posicionou como categoria de análise de movimento, o segundo, a partir da escola de Chicago, aprofundou o estudo a partir do conceito com relação a cidade e a rede urbana verificando as interações espaciais através da análise das interações a partir dos fluxos

[12] Definições encontradas em pesquisa no portal de teses da capes.
Link. http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/.

telefônicos entre outros meios, e o terceiro incorporou o conceito para explicar a economia urbana aplicando, assim, conteúdo advindos da economia ao conceito.

Ao tratar de processos espaciais, Corrêa (1996) vai colocar que interações são "como fluxo de capital, migrações diárias entre local de residência e local de trabalho, e deslocamento de consumidores, que permitem integrar essas diferentes partes". (Corrêa, 1996, p. 122)

Sobre essa questão o autor salienta que

> Entre processos sociais, de um lado, e organização espacial de outro, aparece um elemento mediador, que viabiliza que os processos sociais originem forma, movimento e conteúdo sobre o espaço. Este elemento viabilizador constitui-se em conjunto de forças que atuam ao longo do tempo e que permitem localizações, relocalizações e permanências das atividades e população sobre o espaço urbano. (CORRÊA, 1996, p. 122)

Corrêa (1997), no livro intitulado Explorações Geográficas Castro *et al* (1997), que escreve que

> As interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamento de pessoas, mercadoria, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência da ocorrência e, conforme a distância e direção, caracteriza-se por diversos propósitos e se realiza através de diversos meios e velocidade. (CORRÊA, 1997, p. 279)

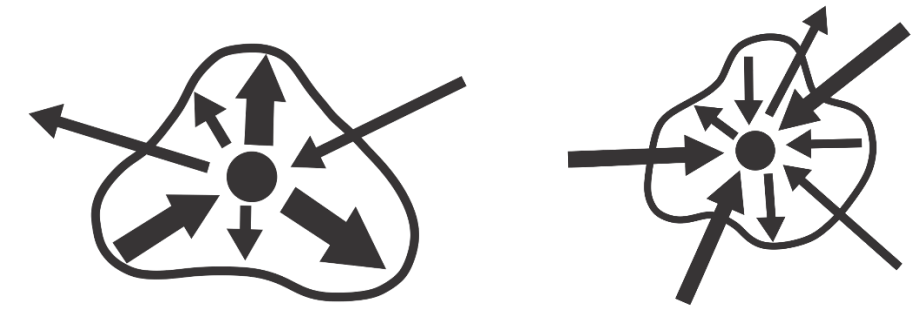
Mas não só isso uma vez que

> As interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço. No que se refere à existência e reprodução social, as interações espaciais refletem as diferenças de lugares face às necessidades historicamente identificadas. No que concernem às transformações, as interações espaciais caracterizam-se, preponderantemente, por uma assimetria, isto é, por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento de outro, ampliando as diferenças já existentes, isto é, transformando os lugares. (CORRÊA, 1997, p. 280)

Para explicar a origem do conceito o autor vai demonstrar como a teoria das localidades centrais trabalhada pela Escola de Chicago, baseada nos estudos de Walter Christaller, produziam padrões espaciais estruturados por meio das interações espaciais e que era usado para medir a variabilidade espaço temporal de diversos estudos sobre a rede urbana e a rede de cidade.

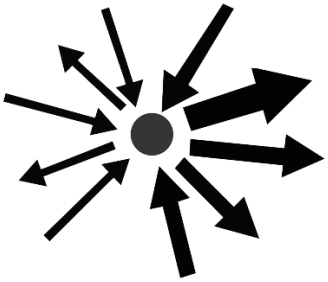
As classificações eram definidas entre Interações Fortemente Regionais, Interações Fortemente Extra – regionais, Interações Influenciadas pela Direção, Interações Descontínuas no Tempo (CORRÊA, 1997). No esquema abaixo (figura 4) é possível verificar padrões de comportamento espacial dos consumidores, o alcance espacial máximo e o alcance espacial mínimo e a mobilidade.

Figura 4. Padrões de interações espaciais e sua variabilidade espaço-temporal

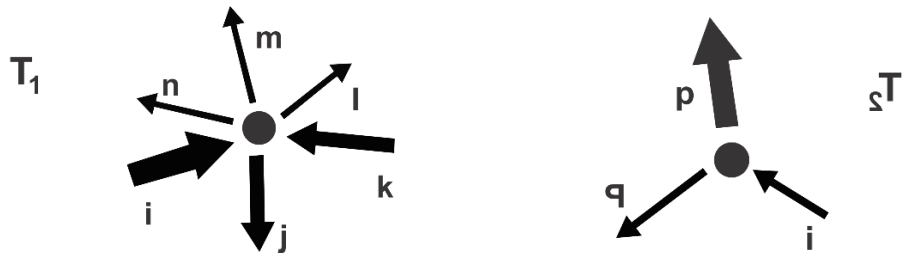


INTERAÇÕES FORTEMENTE REGIONAIS

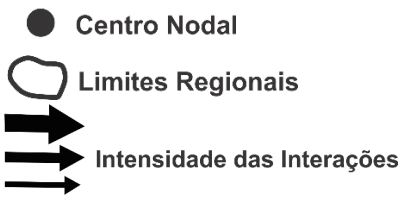
INTERAÇÕES FORTEMENTE EXTRAREGIONAIS



INTERAÇÕES INFLUENCIADAS PELA DIREÇÃO



INTERAÇÕES DESCONTÍNUAS NO TEMPO



Extraído de: CORRÊA, 1997.

Os padrões são importantes para averiguarmos que o estudo das interações partiu das relações estabelecidas entre o centro nodal, os limites regionais e a intensidades dessas interações, sendo um processo de reflexão necessário para entendermos as interações espaciais e territoriais no espaço e no tempo.

Nas propostas de arranjos e modelos dos fluxos Corrêa vai trazer a questão da hierarquia da rede urbana por meio da ideia de interações espaciais sempre atrelado a esse processo. As interações espaciais são compreendidas em um contexto como o da Revolução Industrial por meio da qual decorreram muitas mudanças que transformaram radicalmente a produção do espaço geográfico, sobretudo com consolidação do processo de urbanização. Por isso, Corrêa escreve que "neste momento, as interações espaciais são viabilizadas através dos fluxos de informações e recursos financeiros via telefonia, fax, contatos face a face e através da telemática". (Corrêa, 1997, p. 289)

Ao tratar do conceito de interação espacial Catelan (2013) escreve que

> Podemos vincular o conceito de interações aos processos de transformações da realidade espacial, que resultam das articulações entre os agentes que produzem o espaço. Neste contexto, não estamos tratando somente dos processos que se estabelecem no espaço, como também daqueles que produzem e são o espaço. (CATELAN, 2013, p. 39)

Para apreendermos a importância do conceito o autor estabelece a noção de movimento trazida para a discussão por Cheptulin para explicar onde surgem as possibilidades de uso do conceito para a apreensão dos processos.

Segundo Catelan,

> O espaço, o tempo e o movimento são categorias de análise que possibilitam apreender a reprodução social. [...] As interações espaciais urbanas dependem destas categorias para acontecerem no espaço, tanto nas cidades, como nas redes. (CATELAN, 2013, p. 39-40)

Este autor contruibui ao compreender que as interações espaciais devem ser lidas como uma dimensão analítica dos processos escalares articulados pelas forças que produzem o espaço, mas não apenas isso. Para detalharmos o que o autor trata por esse sentido mais amplo, o mesmo escreve que

> O conceito de interações pode se referir tanto ao territorial, aos fluxos que conectam de um ponto ao outro, como também pode ser

> tomado no âmbito de uma perspectiva analítica mais ampla do espaço em rede e da sociedade em movimento. (CATELAN, 2013, p. 46)

Estabelecendo dois caminhos para a compreensão das interações espaciais no contexto urbano o autor propõe uma ampliação do modo como podemos tomar o conceito de interação espacial cuja proposta tem como fundamento a redefinição clara entre o conceito e o termo. O autor considerou que as interações espaciais só podem se expressar no âmbito de uma perspectiva analítica ampla, de cunho essencialmente teórica baseada na categoria movimento e na relação espaço-temporal. Neste sentido, a dimensão quantitativa, a dos fluxos, seriam então consideradas como interações territoriais. Como destacou o autor

> As interações territoriais urbanas são os fluxos e os meios materiais como as cidades se inter-relacionam no âmbito das redes, devido às ações de seus agentes. São aquelas interações que reforçam a contribuição de uma base territorial, mais bem observadas nas escalas local e regional, mas que estão com força, também, nas escalas nacional e global.
>
> As interações espaciais urbanas também se referem às primeiras, mas, além disso, são o movimento pelo qual o processo de urbanização é produzido, determinado pelos interesses de agentes e forças capitalistas especializadas. Resultam desse processo as cidades e as redes urbanas. (CATELAN, 2013, p. 62)

Bomtempo (2011), Cocco (2011), Lira (2016), Gomes (2016), Buriti (2016) e Ribeiro (2016) são autores que também trabalham esse conceito e contribuem para a sua interpretação, sendo que Bomtempo e também Buriti trabalharam o conceito juntamente com a dinâmica territorial, Cocco o atrelou aos transportes; Lira trabalhou com a relação econômica do conceito articulado à indústria no Brasil; Gomes faz a relação das cidades pequenas e a rede urbana a partir das interações espaciais e, por fim, Ribeiro que compreendeu o conceito de interações espaciais por meio da rede urbana do nordeste do Pará.

2.2. Interações espaciais e territoriais em rede

A discussão de interações espaciais e territoriais abordada por Corrêa (1996) ultrapassa a escala da cidade e trabalha a rede urbana. Neste subtópico poderemos discorrer sobre a abordagem feita para esse conceito aplicado as redes urbanas. Para a compreensão das relações por meio do paradigma da hierarquia urbana inúmeras foram as tentativas de se entender essa dinâmica que foi regionalizada e institucionalizada pelos órgãos responsáveis como, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a partir das Regiões de Influência das cidades (IBGE – REGIC).

No primeiro estudo da REGIC (1987) utilizou-se da teoria de Christaller[13] para a análise da rede urbana. Os índices foram compostos por cinco níveis de classificação: Metrópole Regional, Centro submetropolitano, Capital regional, Capital sub-regional, centro de zona e, por fim, os municípios subordinados.

Para a realização dessa pesquisa em 2007, podemos ver a utilização de metodologia da escola de Chicago com mesclas da teoria das localidades centrais de Christaller colocando que:

> A pesquisa da rede urbana foi retomada em 1978, e seus resultados publicados como *Regiões de influência das cidades*, em 1987. Este novo estudo tomou como base conceitual a teoria das localidades centrais, centros urbanos cuja centralidade decorre do papel de distribuição de bens e serviços para a população (CHRISTALLER, 1966). Segundo esta teoria, a frequência da demanda acarreta padrões de localização diferenciados: bens e serviços de consumo frequente podem ser oferecidos por centros acessíveis a uma população próxima, e têm mercado mínimo e alcance espacial reduzidos. Os bens e serviços de uso mais raro, por outro lado, têm mercado mínimo e alcance espacial maiores, e tendem a localizar-se em um menor número de centros urbanos de hierarquia mais elevada. (REGIC/IBGE, 2007, p. 129)

Para a análise das regiões de maior influência, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estabeleceu a seguinte metodologia:

> A metodologia adotada foi aquela proposta por Michel Rochefort (ROCHEFORT 1961,1965; ROCHEFORT; HAUTREUX, 1963) para análise da rede urbana francesa, em trabalhos que buscavam identificar os centros polarizadores da rede urbana, a dimensão da área de influência desses centros e os fluxos que se estabeleciam

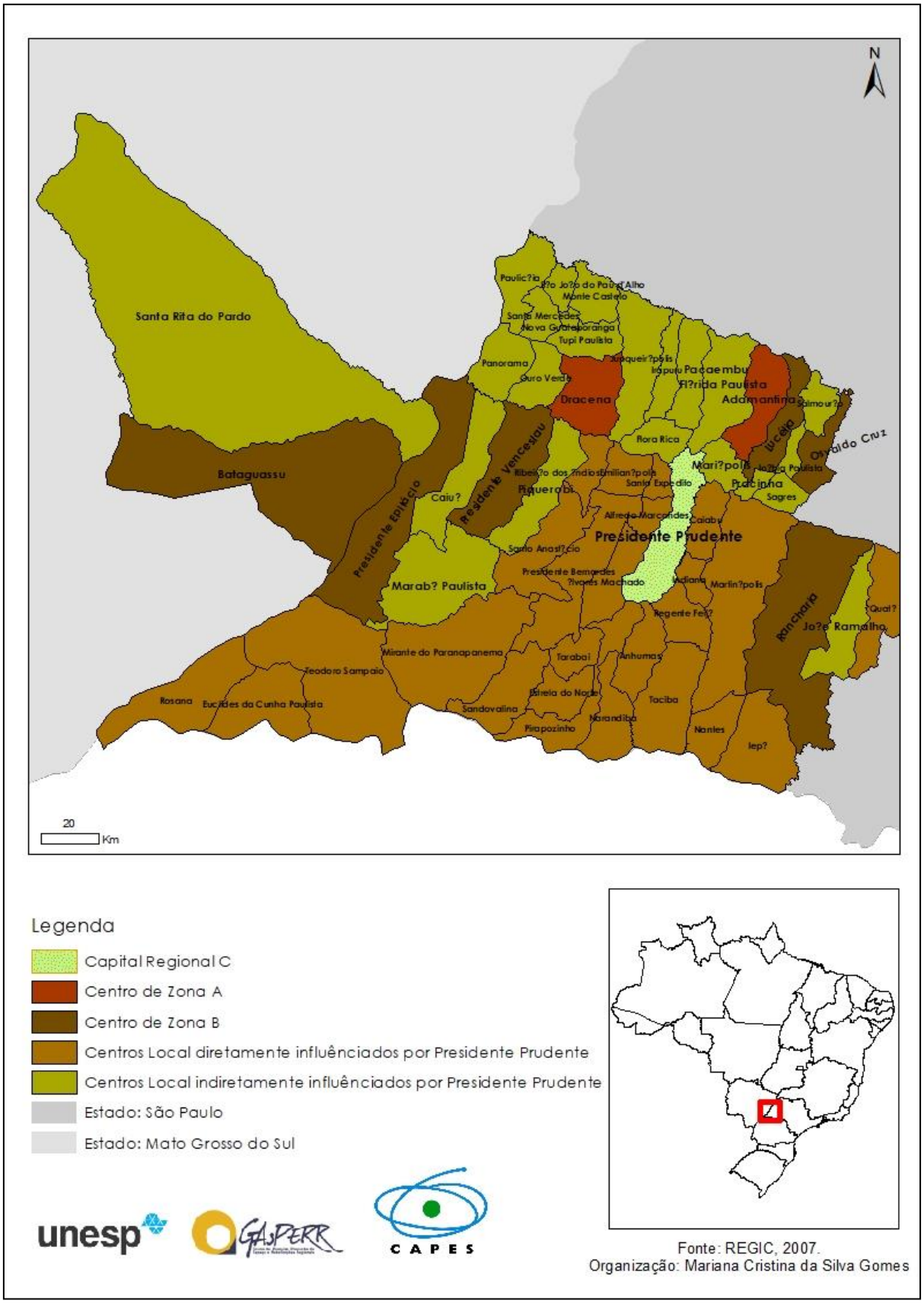
[13] CHRISTALLER, Walter. Central places in Southern Germany. Prentice-Hall/ Englewood Cliffs, 1966. 230p.

> nessas áreas, a partir da análise da distribuição de bens (produtos industriais) e de serviços (serviços ligados ao capital; de administração e direção; de educação; de saúde; de divulgação) de forma complementar. (REGIC/IBGE, 2007, p. 219).

Para essa análise atualizada o IBGE (2007) utilizou-se de nove índices para a mensuração da rede urbana, tais como, Metrópole, Capital Regional A, Capital Regional B, Capital Regional C, Capital Subregional A, Capital Subregional B, Centro de Zona A, Centro de Zona B e Centro Local.

Se aplicados às nossas pesquisas podemos ver o seguinte mapa (mapa 7) sobre a região de influência da cidade de Presidente Prudente que figura como Capital Regional C com 29 cidades na chamada "Centro local diretamente influenciados por Presidente Prudente"; 6 cidades "Centro de Zona B"; Duas cidades como "centros de zona A" e 21 cidade como "Centro local indiretamente influenciado por Presidente Prudente".

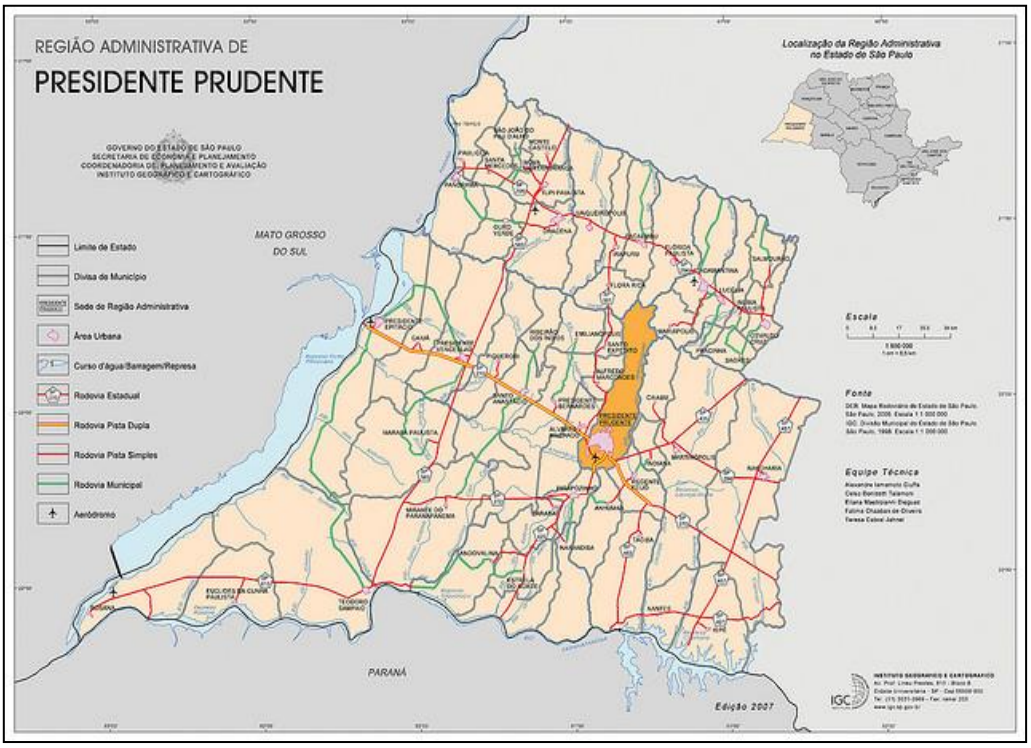
Mapa 7. Presidente Prudente. Área de Influência.



Sposito & Silva (2013) ao estudarem a Região Administrativa de Presidente Prudente vão apresentar as principais características dessa região que "[...] é composta por 52 núcleos urbanos de pequeno porte e somente uma cidade de porte superior, ou seja, Presidente Prudente." (ibidem, p.54)

Entre outros aspectos destacados pelos autores também podem ser pontuadas como o Produto Interno Bruto (PIB), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) os municípios constantes na região, e a importante análise crítica sobre a Décima Região Administrativa de Presidente Prudente (Mapa 8).

Mapa 8. Presidente Prudente. Região Administrativa.



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de São Paulo (IGC), 2016.

No entanto, a caracterização da nossa área de estudo torna-se um desafio, pois apesar das propostas de regionalizações estabelecidas pela Região de Influência da cidade (REGIC) e pelas Regiões Administrativas (R.As) serem pontos de partida no planejamento e nas ações oriundos de políticas públicas.

Para Corrêa (1996) o reconhecimento das redes e das articulações são

> a realização da mais-valia, base para o processo de acumulação capitalista, se concretiza no mercado distribuidor, isto é, onde se verifica o ato da distribuição de produtos para o consumo final, e que no capitalismo este mercado distribuidor organiza-se em um

> territorialmente amplo, complexo e diferenciado sistema de distribuição, isto é a rede de localidades centrais, pode-se afirmar que esta rede constitui-se em uma estrutura territorial necessária ao processo de acumulação capitalista. (CORRÊA, 1996, p. 20)

Por isso, ao se tratar de redes urbanas podemos admitir que a análise permite uma reflexão a partir das múltiplas escalas compreendendo além da região. Segundo Corrêa (1989b) a rede é constituída do "conjunto de centros urbanos articulados entre si". (CORRÊA, 1989b, p.8). Quando tratamos de rede urbana sempre é considerado os papéis de uma cidade ou de um conjunto de cidades em interrelação, ou seja, em diferentes escalas.

Para entender o contexto em que é levado em consideração a rede urbana concordamos com Corrêa (1996) na seguinte afirmação:

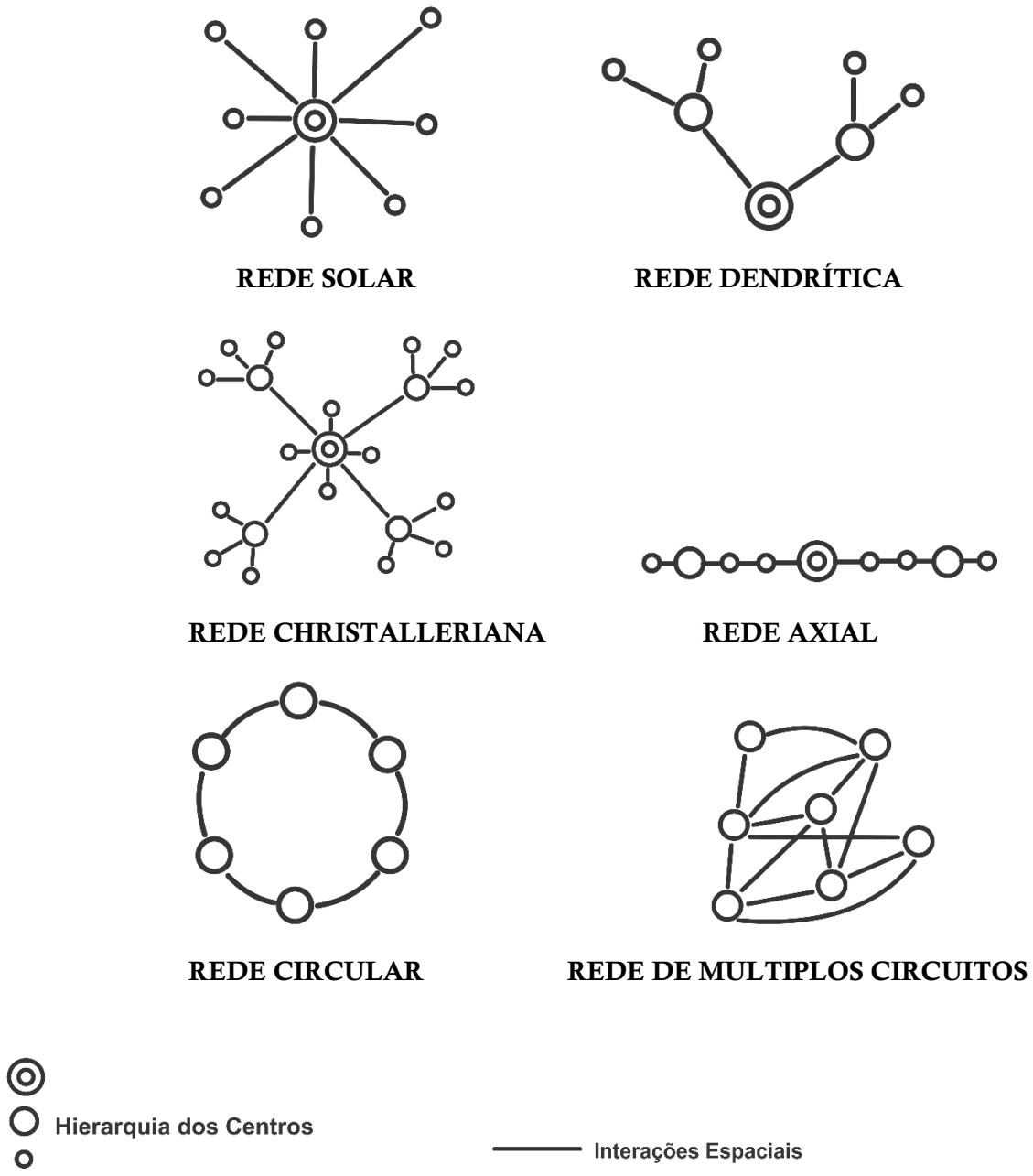
> Entendemos que para haver rede urbana três condições mínimas devem ser satisfeitas. Primeiramente trata-se de uma sociedade vivendo em economia de mercado, com transações comerciais envolvendo bens produzidos localmente e bem produzidos externamente. Isto pressupõe uma mínima divisão territorial do trabalho. Em segundo lugar deve haver pontos fixos no espaço onde, de modo permanente ou temporário, as transações serão realizadas. Esses pontos fixos, por outro lado, tendem a apresentar outras atividades que garantem a possibilidade das transações serem realizadas. Em terceiro lugar deve haver um mínimo de interações entre esses pontos fixos, interações que refletem e ratificam uma diferenciação hierárquica e/ou em termos de especialização produtiva entre eles. (Corrêa, 1996, p. 94)

E também que

> O tipo de rede a que nos referimos, a rede urbana, é um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, **através das interações sociais especializadas**, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução. Em razão desigual espaço-temporalidade dos processos sociais, da qual a rede urbana é simultaneamente um reflexo e uma condição, verifica-se a existência de diversos tipos de redes urbanas de acordo com o padrão espacial, a complexidade funcional dos centros e o grau de articulação interna e externa de cada rede. (CORRÊA,1996, p.93, *grifo nosso*)

Se na figura 5 o autor tratou das interações entre cidades e seus limites regionais, o padrão das redes na figura 4 diz respeito da relação espacial em rede, colaborando assim com a construção de um conceito para a análise geográfica.

Figura 5. Padrões de interações espaciais em rede



Extraído de: CORRÊA, 1997.

Corrêa (1996) acrescenta que essa mesma hierarquia estabelecida a partir dos padrões já não é suficiente para entender os processos das relações entre cidades. Segundo o autor a situação é a de que "A posição de cada hierarquia urbana não é mais suficiente para descrever explicar a sua importância na rede de cidades." (CORRÊA, 1996, p. 99)

Catelan (2013) contribui para essa discussão trazendo a questão das relações heterárquicas e colocando que a heterarquia não é excludente da hierarquia, mas que é um complemento a partir de conceito para pensar as interações cada vez mais complexas das cidades em rede e em multiplas escalas e que "... as articulações na cidades revelam a heterarquia urbana". (CATELAN, 2013, p. 73, *grifo do autor*)

Ao estudar as cidades médias de Bauru, Marília e Presidente Prudente o autor conclui que

> [...] há nelas articulações de múltiplas escalas, sendo que a partir da observação das funções e dos papéis que elas desempenham podemos identificar a coexistência da estruturação hierárquica e das articulações heterárquicas. (CATELAN, 2013, p. 76)

Nesse sentido, compreendemos as cidades médias a partir desta perspectiva o autor chegou a uma análise de complementação do padrão hierárquico. A análise do espaço em rede contribui também para a compreensão da ideia de heterarquia urbana no sentido de propor um par dialético à compreensão da estruturação e das articulações no e do espaço. No que se refere ao padrão em rede o

> [...] conceito de interações pode-se referir tanto ao territorial, aos fluxos que conectam um ponto a o outro, como também pode ser tomado no âmbito de uma perspectiva analítica mais ampla do espaço em rede e da sociedade em movimento. (CATELAN, 2013, p. 46)

Para tal análise, Catelan (2012) propõe

> a validação do termo "heterarquia urbana" que valoriza a estruturação hierárquica da rede no que se refere a sua funcionalidade mas que reconhece neste processo que as funções e esses papéis das cidades médias na rede urbana são frutos do processo de articulação entre escalas geográficas. Sendo assim, a hierarquia urbana não explica, mas apenas resulta das articulações econômicas. (CATELAN, 2013, p. 79)

Na aplicação da discussão das interações espaciais e territoriais em múltiplas escalas a partir da análise das relações das Instituições de ensino superior na cidade e na rede urbana podemos observar processos distintos no que diz respeito a aplicabilidade dos conceitos no objeto estudado. A partir da coleta in loco e análises do trabalho de campo, podemos observar que na cidade há um processo espacial diferenciado uma vez que ao redor das instituições, em sua maioria há a presença de residências de estudantes e também a presença de estudantes que deslocam-se diariamente de uma cidade a outra para frequentar as instituições culminando em

que a cidade receba egressos de diferentes localidades permitindo a articulação de diferentes cidades e colaborando para a presença de relações hierárquicas e heterárquicas.

Se considerados estes aspectos no momento de compreensão das lógicas espaciais engendradas a partir das interações espaciais e territoriais das cidades médias, podemos observar que há uma redefinição espacial a partir desse espaços, que antes dotados de funções específicas ganham diferentes fluxos e intencionalidades que marcam o movimento de análise das demais escalas, sejam elas a partir de ações de políticas públicas no âmbito regional e administrativo das cidades ou de agentes de diversos ramos da economia como, por exemplo, os agentes imobiliários que visualizam nesses novos arranjos, novas formas de ampliar investimentos no mercado imobiliário.

Como podemos visualizar no trabalho de Baumgartner (2015) em que afirma que

> As universidades participam diretamente do mercado imobiliário através das demandas por novas áreas, vinculadas à expansão de seus campi, ou mesmo pela renovação de áreas no seu entorno. Indiretamente, a necessidade de moradia, transporte e serviços por parte da comunidade acadêmica (professores, estudantes e funcionários) aumentam a demanda por estes serviços, bem como por espaço. (Baumgartner, 2015)

Segundo Catelan (2013) as cidades médias, como é o caso da cidade estudada nesse trabalho, sempre desempenharam papéis e funções que "sempre foram atrelados tanto a uma forte presença regional como pela interação entre as escalas nacional e internacional". Em Baumgartner (2015) podemos ver também o alinhamento dessa lógica aplicadas as cidades e sua relação heterárquica, quando o autor escreve que

> Ainda bem que hoje podemos encontrar grandes universidades em cidades médias e pequenas, bem como universidades pequenas em cidades grandes. A rede urbana e a rede de ensino superior romperam os padrões e determinações das redes urbanas clássicas, bem como as universidades podem romper com a hierarquia histórica. (BAUMGARTNER, 2015)

A prática engendrada a partir do estabelecer de uma instituição de ensino superior pode se dar de diversas relações em rede que abarcam o mercado imobiliário, os meios de transportes, os materiais e as necessidades da população

estudante, o comércio e os serviços relacionados a essa nova economia que é gerada a partir delas. Ora as relações intraurbanas e interurbanas se complementam e se estabelecem em rede. Podemos visualizar em outros trabalhos vistos sobre esse processo são os deslocamentos pendulares por trabalho ou estudo, como observados em Dantas & Clementino (2010)

> Antes os cursos eram concentrados no turno noturno e, com isso, grande parte dos deslocamentos das outras cidades para o Campus também só aconteciam à noite e eram, em grande parte, restritos ao CAMEAM. Com a criação dos cursos diurnos, residir em Pau dos Ferros, o que alavancou o mercado imobiliário, em especial o de pequenos apartamentos; os que continuaram deslocando-se até seu município de origem começaram a utilizar outros tipos de serviços oferecidos em Pau dos Ferros, como os restaurantes, por exemplo (DANTAS E CLEMENTINO, 2010)

No caso trabalhado por Mota, a partir da Universidade Estadual de Maringá que houve um

> [...]processo de exclusão de população com rendas menores de espaços próximos às IES, como no caso da Vila Esperança e Zona 7 limítrofes a UEM, se dá pelo aumento da demanda por imóveis por parte das pessoas relacionadas a estas instituições, aumento do preço dos imóveis, das locações e das alíquotas de IPTU, e pela construção de casas e sobrados com padrão construtivo alto. (MOTA, p. 255)

Os autores acima citados trabalharam as instituições de ensino superior e sua relação com a cidade e incorporando a essas "pesquisas a dimensão espacial." (Corrêa, 1996, p. 183), as interações territoriais e espaciais serão importantes para discutirmos as modalidades de ensino, tanto presencial quanto a distância no que diz respeito aos desdobramentos dessas na cidade, aplicando mais diretamente a análise intraurbana.

2.3. Interações espaciais e territoriais a partir das instituições de ensino superior - apontamentos empíricos

O estudo sobre as cidades médias possui um maior acúmulo de discussão e é um tema debatido e discutido em diversos espaços acadêmicos há pelo menos quatro décadas com uma vasta bibliografia e com um repertório de análise sistematizado e detalhado sobre as contribuições teóricas-metodológicas.

A relação desses dois temas também se trata da construção de um objeto de análise relacionado ao seu entorno e em diversas escalas. Os trabalhos que fazem essa relação também remontam a última década e muito tem como mote a expansão e na chamada "interiorização" das instituições do ensino superior, ou seja, a criação de universidades cidades que não fazem parte de regiões metropolitanas com presença ou não de metrópoles, e sua influência nos municípios brasileiros.

No caso da sua instalação nas cidades médias, Santos e Silveira (2000) ressaltam que devido a expansão do ensino superior

> assistimos, no Brasil, a um fenômeno paralelo à metropolização [...] pois ao mesmo tempo crescem cidades grandes e cidades médias, ostentando ambas as categorias um notável incremento demográfico, beneficiado, em grande parte, pelo jogo dialético entre a criação de riqueza e de pobreza sobre o mesmo território. (SANTOS & SILVEIRA, 2000, p. 35)

E essa questão da cidade média será abordado nessa análise, não como construção de conceito, mas como aplicabilidade do mesmo para a cidade estudada como é o caso de Presidente Prudente no oeste paulista. No entanto, vale destacar a concepção que se deseja usar e que se entende por cidade média. Para Castelo Branco (2006)

> a definição de cidades médias não se vincula apenas á classificação por porte populacional. Relaciona-se também as suas funções e principalmente, ao papel que desempenha na rede urbana regional, nacional e internacional. (CASTELO BRANCO, 2006, p.246)

Nesse artigo *op cit* (2006) apresenta as diversas análises das cidades médias no Brasil, apontado a questão da hierarquia e demais questões que fazem parte do debate desse tema. A definição que podemos encontrar sobre o conceito de "cidades médias" está em Sposito (2004) à qual explica que

> O conceito de "cidades médias" é adequado, apenas, para as cidades de porte médio que desempenham papéis intermediários e/ou regionais no conjunto da rede urbana, daí a utilização do conceito similar de "cidades intermediárias" que é a terminologia adotada pelos pesquisadores de língua espanhola e utilizada por Milton Santos, por exemplo, em várias publicações. (SPOSITO, 2004, p.331)

Nesta mesma corrente de pensamento, com o intuito de compreendermos de modo mais qualitativo o debate da hierarquia urbana, Catelan (2013) ressalta que

> Nas pesquisas mais recentes no Brasil, o adjetivo "média" é mais resultado de análise qualitativa do que, simplesmente, de quantificação demográfica, porque quando utilizado, consideram-se as atividades, as funções e os papéis para compreendermos as dinâmicas dessas cidades, que dizem mais que a verificação exclusiva de seu tamanho. São as atividades, as funções e os papéis que as colocam em posições diferentes no âmbito das redes urbanas, o que depende de fatores diversos, decorrentes de suas interações espaciais em múltiplas escalas. (CATELAN, 2013, p.25)

Para entender como se dão as interações espaciais e territoriais na cidade média de Presidente Prudente a partir das instituições de ensino superior buscamos na dimensão empírica, por meio de trabalho de campo, com a aplicação de 500 questionários com os alunos de diferentes instituições, além de realizarmos entrevista com os professores nas instituições – FATEC, TOLEDO, UNESP e UNOESTE.

No entorno dessas instituições é possível observar no período de entrada dos alunos para as aulas, principalmente diurno (7h) e noturno (18h30m), uma intensa movimentação de ônibus intermunicipais, municipais e fretados de diferentes cidades. Os questionários demonstraram um número significativo de alunos que vêm de diversas cidades do entorno regional de Presidente Prudente como podemos ver no quadro 10.

Quadro 11. Origem dos alunos que responderam os questionários. 2018.

NÚMERO DE ESTUDANTES	CIDADE DE ORIGEM
162	Presidente Prudente
11	Teodoro Sampaio
10	Rancharia
10	Pirapozinho
10	São Paulo
10	Martinópolis
9	Álvares Machado
8	Santo Anastácio

8	Regente Feijó
7	Presidente Bernardes
6	Presidente Epitácio
6	Presidente Venceslau
4	Narandiba
4	Osvaldo Cruz
3	Para as cidades de: Assis, Bastos e Primavera
2	Para as cidades de: Alfredo Marcondes, Panorama, Barra Bonita, Bataguassu – Mato Grosso do Sul, Iepê, Mirante do Paranapanema, Paraguaçu Paulista, Tarabai, Sorocaba Pirapozinho, Tupã, Iacri e Emilianópolis.
1	Para as cidades de: Rinopólis, Palotina – Paraná, Ribeirão Preto, Jundiaí, Mirante do Paranapanema, Indaiatuba, Adamantina, Pontal, Nova Andradina Caiuá, Marabá Paulista, Urupês, Espírito Santo Turvo, Bataguassu, Itararé, Guarulhos, Marilia, Palmeira d'Oeste, Lutécia, São Carlos, São João do Pau D'alho, Catanduva, Mirandópolis, Paulo de Faria, Santo André, Araçatuba, Quatá, Gurupi – Tocantins, Colider – Mato Grosso, Anaurilândia – Mato Grosso do Sul, Laranjal Paulista, Indiana, Paraguaçu

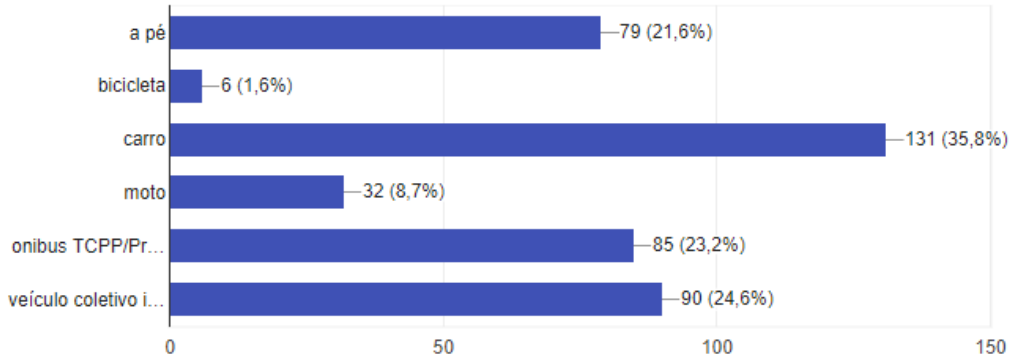
	Paulista, São João Batista do Glória – Minas Gerais, Faxinal – Paraná, Guarapuava – Paraná, Ji-Paraná, Santo Antônio, Curitiba, Gardênia, Nossa Senhora das Graças, São Bernardo do Campo, Piquerobi, Bogotá – Colômbia Mirante do Paranapanema, Ponta Grossa – Paraná e Ribeirão Branco

Fonte: Trabalho de Campo, 2017/2018.

Tratando do tema deslocamento nos nossos questionários podemos aferir que 23,8 por cento (%) dos estudantes abordados deslocam-se todos os dias para a cidade de Presidente Prudente, os outros 76,2% provem da cidade de Presidente Prudente ou mudaram-se para a cidade permanentemente para estudar no período de duração do curso.

Ao serem questionados sobre qual o deslocamento deles até a instituição, conforme o Gráfico 3, 35% dos estudantes afirmaram que vão à universidade de carro, aproximadamente 25% de veículo coletivo intermunicipal, 23,2% de ônibus intraurbana e 21% vão a pé.

Gráfico 3. Presidente Prudente. Modalidades de deslocamentos dos estudantes até a universidade.



Fonte: Trabalho de Campo, 2017/2018.

Todos esses estudantes que se instalaram em Presidente Prudente, mesmo que temporariamente, correspondem a uma interação diferenciada da cidade. No que se refere aos efeitos no âmbito dos empreendimentos imobiliários presentes no entorno das instituições localizada no jardim das Rosas próximos a UNESP; no Jardim Universitário próximo a UNOESTE – campus II e Jardim Bongiovani – UNOESTE – campus I. E uma menor interação espacial nesse sentido de modificações e alterações no imobiliário do bairro nas instituições TOLEDO e FATEC.

O Professor S. da FATEC explica porque essas interações espaciais ocorreram com menor intensidade no bairro onde se localiza a instituição ele coloca que *"O que realmente é... é um pouco complicado no bairro, são as vias que tem que no início o pessoal falava "não, mas nós vamos ampliar as vias para poder passar ônibus", mas vai ampliar que jeito? Não tem como. Tendo que tomar ônibus, numa avenida ali em cima, tem que descer a pé, por isso dificulta um pouco, mas a gente espera que com o tempo isso possa ser mudado, mas o grande entrave é realmente o espaço? Que não existe as ruas, já foram construídas é... estreita? E o ônibus hoje são enormes que traz os estudantes enfim, mas tem tido apoio, o pessoal tem... tem vindo, tem melhorado a questão da logística, placa, colocou lá na... na rodovia para indicar a faculdade é... a questão de... de divulgação. Enfim, eu acho que tem sido muito positivo a gente tem, porque na verdade, nós começamos do nada aqui. Não existia Fatec na região, na verdade foi um nome a ser construído, mas a gente vê que tá... tá indo bem, eu acho que pela quantidade de aluno. A cada ano o nosso vestibular traz mais alunos e o legal é que a gente tem conseguido atender a região. Nosso aluno ele não é de Presidente Prudente, ele vem de todo um entorno. E... eu acho que tem sido satisfatório. Essa questão aí."*

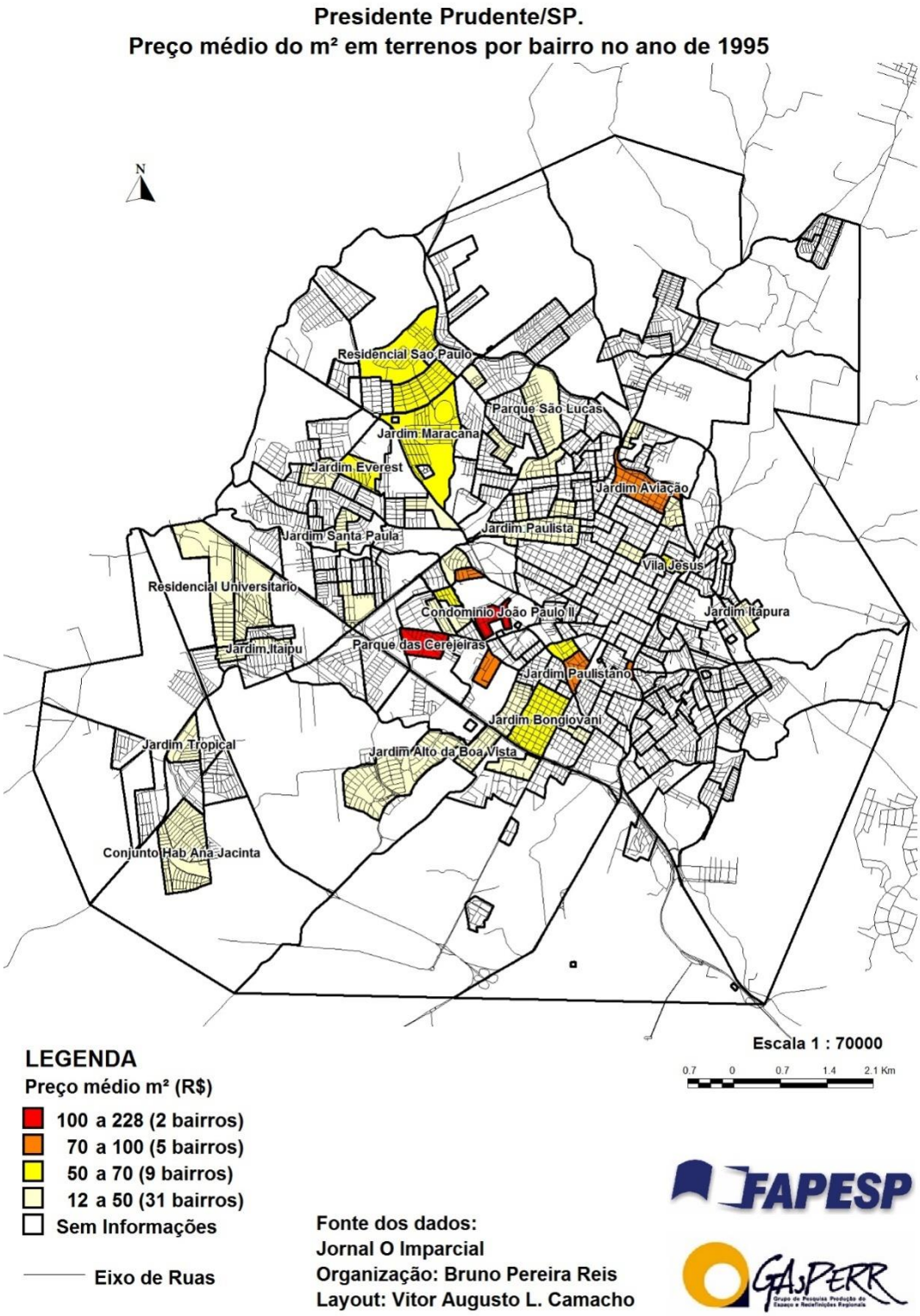
Outro fato que explica sobre parte dos alunos da FATEC segundo o S. é a condição de aluno-trabalhador. Como explica o professor: *"o nosso aluno da Fatec é o aluno-trabalhador. A gente tem essa característica ou talvez, de outras universidades é o aluno-aluno. O nosso, não, o nosso aluno é o aluno-trabalhador, é o aluno que trabalha e não tem tempo para estudar e talvez é isso que tenha sido o diferencial nas a política pública pra contemplar esse aluno, pra trazer esse aluno pra faculdade é... tem sido eficiente. A gente tem conseguido muitos alunos a partir disso tem... é o diferencial da faculdade."*

Esse aluno-aluno[14] que o entrevistado identifica diz respeito ao aluno que tem como ocupação apenas a rotina e o cotidiano acadêmico dedicando se exclusivamente aos compromissos da instituição ao qual o mesmo está matriculado. Esses estudantes têm como característica principal se instalarem nas cidades que desejam concluir o curso de ensino superior.

Os alunos que optaram por morar em Presidente Prudente e que antes não residia também foram apreendidos na nossa pesquisa de campo. Os mesmos afirmaram quando entrevistados que residem em Presidente Prudente por motivo de estudos. Nos mapas 9, 10, 11 e 12 podemos ver a alteração do preço do médio do m² por bairro em Presidente Prudente desde de o ano de 1995 até 2010.

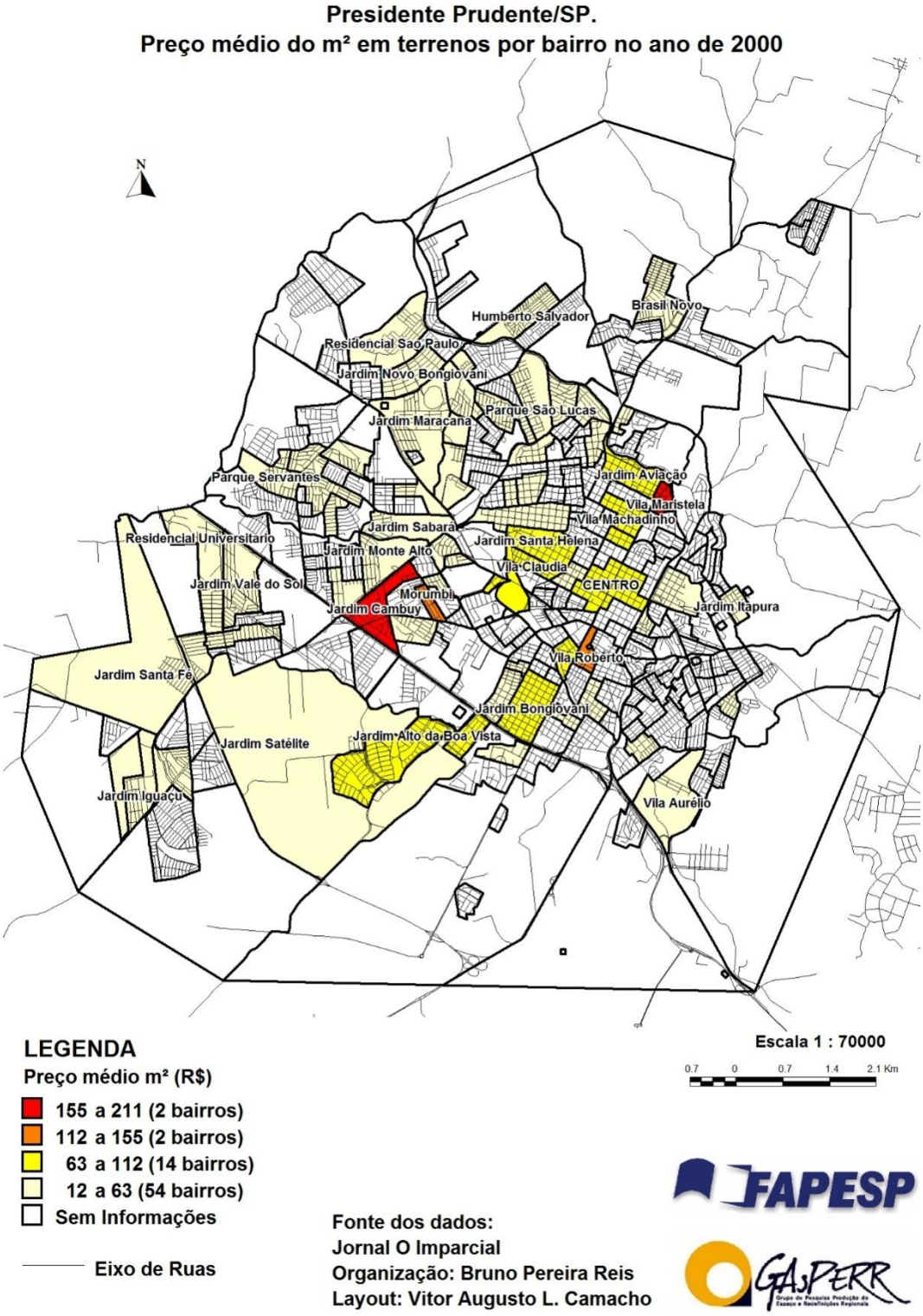
[14] Termo utilizado pelo entrevistado para se referir a estudantes que apenas estudam e não trabalham.

Mapa 9. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 1995.



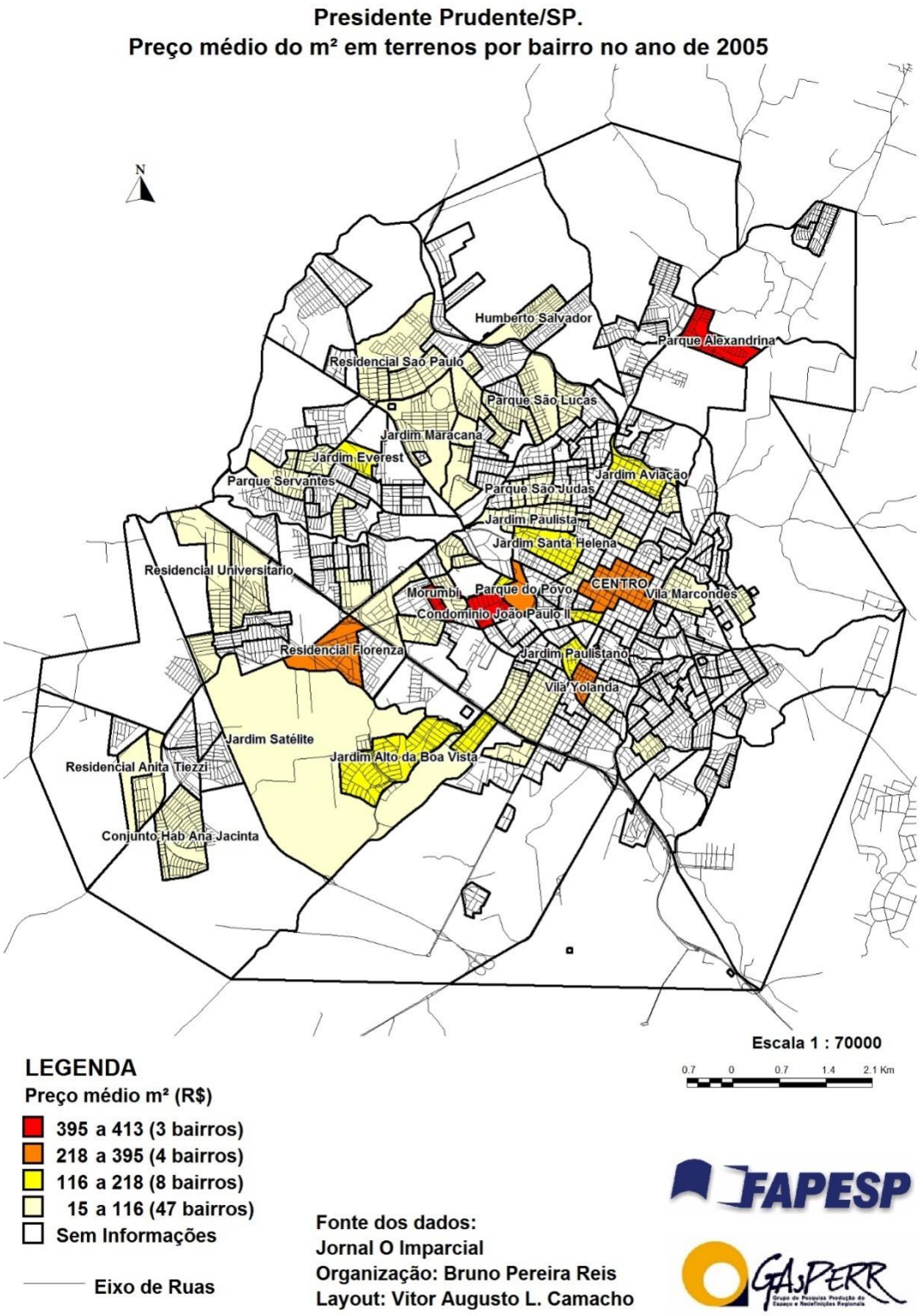
Extraído de: REIS, 2015.

Mapa 10. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 2000.



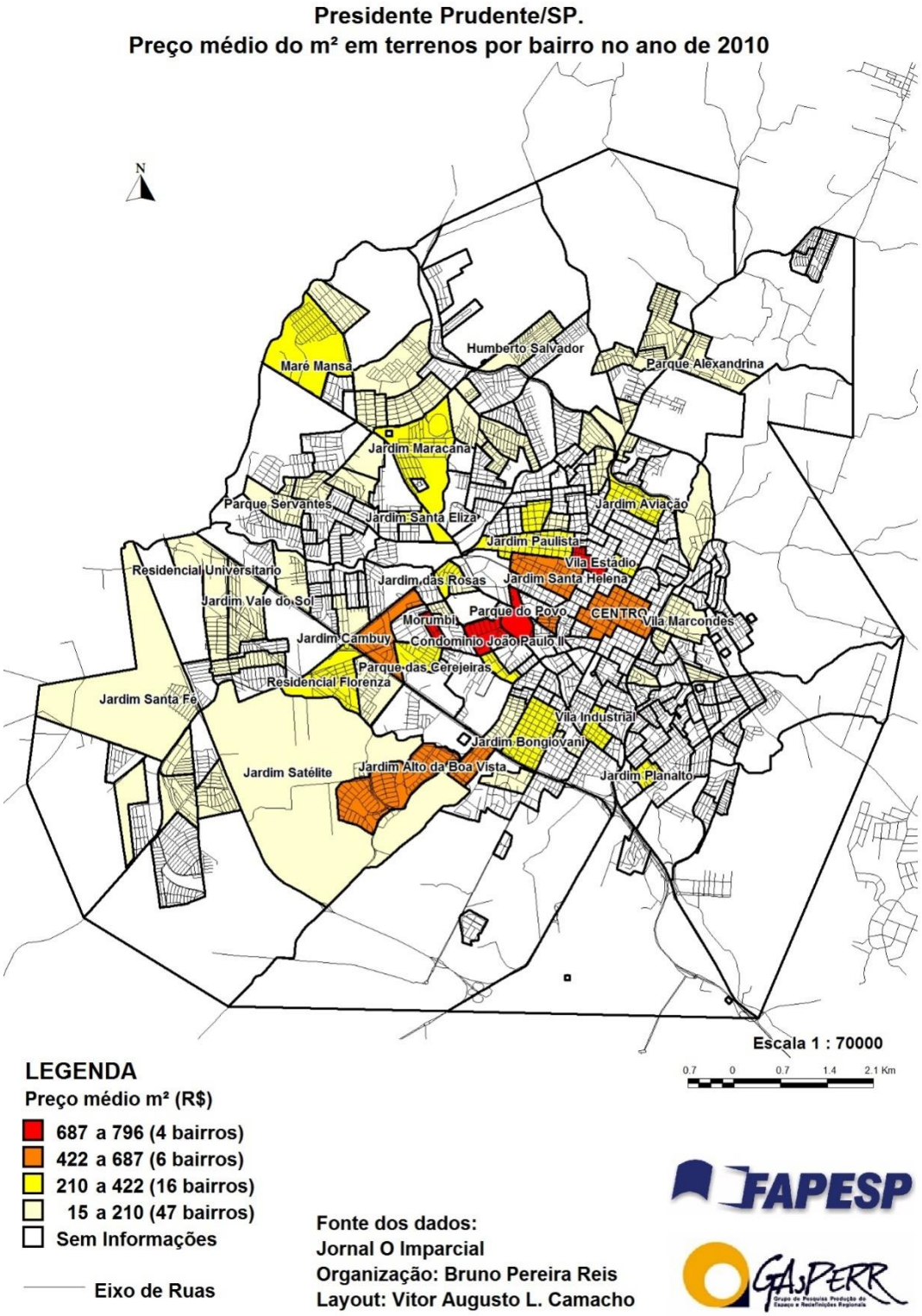
Extraído de: REIS, 2015.

Mapa 11. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 2005.



Extraído de: REIS, 2015.

Mapa 12. Presidente Prudente. Preço médio do m² por bairro no ano de 2010.



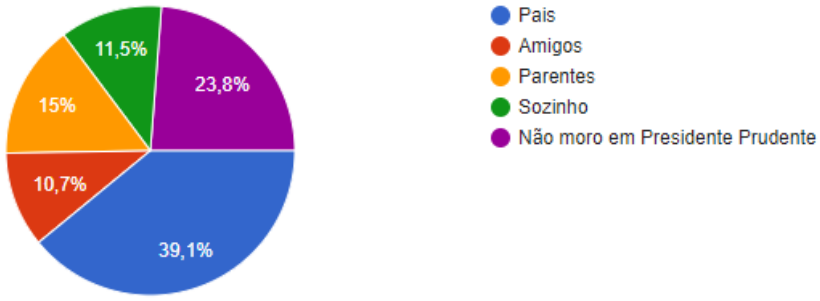
Extraído de: REIS, 2015.

Podemos observar através dos mapas acima que houve o aumento do preço médio dos bairros Jardim das Rosas, Jardim Bongiovani, Santa Helena que são próximos das instituições de ensino - UNESP e próximos a UNOESTE - campus I e a UNIESP. Nos trabalhos de campos realizados foram nítidas as diferenças no padrão residencial no entorno das instituições principalmente Unesp e Unoeste marcadas pelas construções de kitnets, repúblicas e apartamentos.

Estes bairros (Jardim das Rosas, Santa Helena e Bongiovani) compareceram com bastante frequência no questionário e concentram comprovadamente a partir de visita a campo uma população estudantil considerável se comparado aos demais bairros da cidade.

Na nossa amostragem de aplicação, sobre a questão da residência em Presidente Prudente e com quem residiam os estudantes obtemos a seguinte resposta (Gráfico 4).

Gráfico 4. Relação dos estudantes com as residências em Presidente Prudente



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

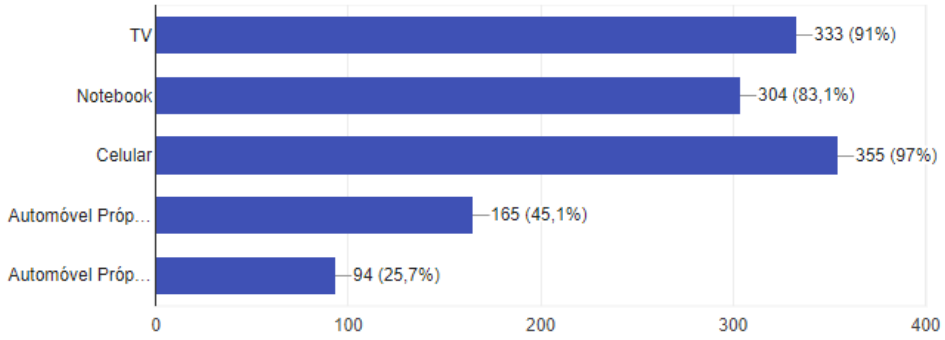
Do total de estudantes entrevistados que afirmaram residir em Presidente Prudente, parte, cerca de 76,2% responderam ao serem questionados sobre o bairro de residência e foram obtidas as seguintes respostas: Jardim Vale do Sol (7), Jardim das Rosas (10), Vila Santa Helena (5), Cidade Universitária (7), Jardim Prudentino (4), Jardim Maracanã (4), Jardim Planalto (3), Vila Euclides (3), Residencial São Marcos (3), Jardim Bela Vista (3), Jardim Marupiara (3), Vila Santa Izabel (2), Novo Bongiovani (3), Bongiovani (5), Maré Mansa (2), Parque Cedral (2), Vila Verinha (2), Parque Imperial (2), Vila liberdade (2), Jardim Everest (2), Parque Alexandrina (2), Jardim Itapura I e II (4), CECAP (4), Jardim Vale Verde (2), Jardim Nova

Planaltina (3), Vila Formosa (3), Residencial Florenza, Jardim Sabará, Inocoop, Cambuci, Jardim São Sebastião, Vila Comercial (2), Jardim Marupiara (2), Jequitibas 2, Vila Ocidental, Jardim Icaray, Jardim Paris, Jardim Caiçara, Vila Santa Teresa, Parque dos Girassóis, Jardim Aviação, Vila Mathilde Vieira, Vila do Estádio, Residencial Anita Tiezzi, Residencial Dahma, Bairro São João, Jardim Morumbi, Central Park Residence, Residencial Vista do Vale, Parque São Matheus, Vila Mathilde Vieiras, Jardim Humberto Salvador, Jardim São Sebastião, Jardim João Paulo II, Sítio São Pedro, Vila Angélica, Vila Operária, Jardim Aviação, Jardim eldorado, Monte Alto, Vila Nova, Vila Euclides, Conjunto Habitacional Ana Jacinta, Bairro Santa fé, Res. Cremonezi, Centro educacional Sesi, Vila Yolanda, Vila de Floresta do Sul, Jardim Itaipu, Jardim Santana, Vila Aristarcho, Jardim Cambuci, Brasil Novo, Santo Antônio, Jardim Paulistano, Jardim Guanabara entre outros.

As imobiliárias citadas nos questionários foram Rio Branco (3), Brasa Imóveis, Imobiliária Leal, Orion, Lider Imóveis, Imobiliária Sistema, Correta Imóveis, Ari Barriguela e 3 respostas correspondem a contrato direto com o proprietário por este último apresentar facilidades em locar um espaço.

Esses estudantes, tanto os que usam do deslocamento pendular, quanto os que migram temporariamente para a cidade de Presidente Prudente exercitam práticas de consumo coerentes com as suas necessidades ao serem questionados sobre suas fontes de renda e consumo obtivemos as seguintes respostas. No Gráfico 5, que diz respeito aos bens temos as seguintes respostas: 97% possui celular, 91% possui TV, 83% Notebook, 45% possuem moto e 25% possuí carro.

Gráfico 5. Presidente Prudente. Bens dos estudantes que responderam o questionário.

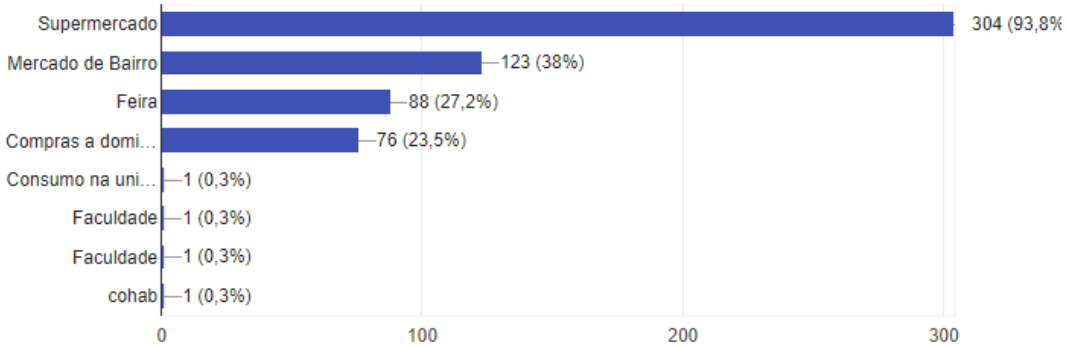


Fonte: Extraído do Google Forms – Respostas[15].

No âmbito do consumo, podemos observar as interações espaciais vinculadas às compras de primeira necessidade como mercado, feira e consumos alimentícios próximos a instituição de ensino superior. Os estudantes quando questionados sobre essa questão que envolvia também a quantidade em dinheiro utilizada para o mantimento do mesmo na instituição tivemos as seguintes respostas visíveis no Gráfico 6.

Os estudantes alegaram que os seus gastos na instituição e na cidade que a mesma se localiza giram entorno de: 10.000,00 (2), 4.000,00 (8), 2.000,00 (22), 1.500,00 (23), 1.200,00 (13), 1.000,00 (23), 700,00 (13), 500,00 (18), 200,00 (17), 100,00 (3) e 50,00 (14). Essas respostas abarcam tanto os estudantes que moram na cidade quanto os provenientes do deslocamento pendular.

Gráfico 6. Presidente Prudente. Respostas dos estudantes sobre o consumo.

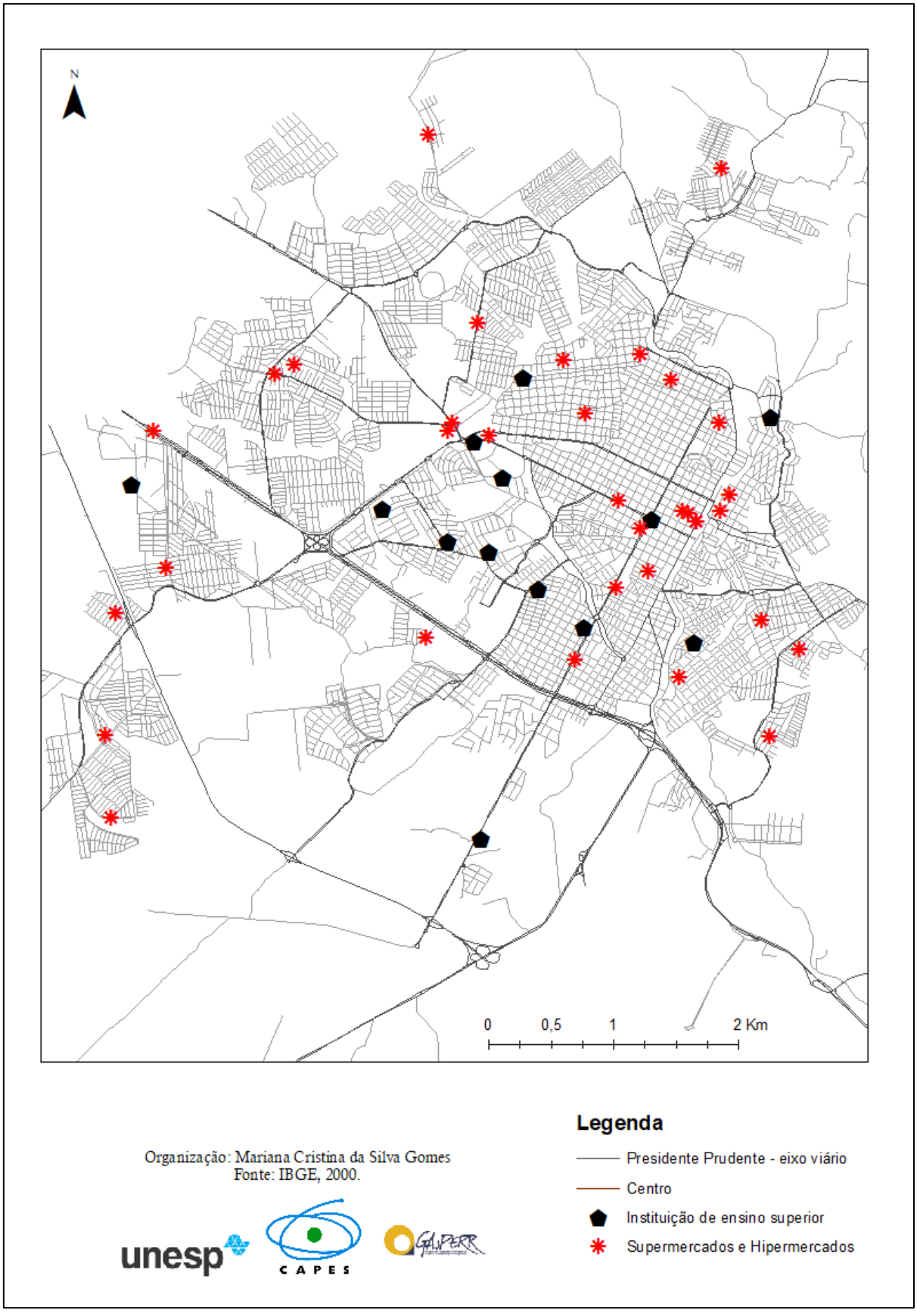


Fonte: Extraído do Google Forms – Respostas.

[15] No gráfico 5 os dois últimos itens são: automóvel próprio – moto e automóvel próprio – carro.

Como podemos observar a maioria dos estudantes que responderam os questionários utilizam o supermercado, uma vez que este está ligado a suprir demandas de primeira necessidade como alimentação. O mapa 13 apresenta a relação dos supermercados a partir da localização dos mesmos com as instituições de ensino superior.

Mapa 13. Presidente Prudente. Mapa dos super e hipermercados e as instituições de ensino superior.



Para saber como isso impacta na economia da cidade entrevistamos os comerciantes do entorno das instituições para verificar como as interações provocadas a partir das instituições de ensino são vivenciadas por eles. A primeira proprietária a ser entrevistada possuí seu comércio de bar e mercearia próximo a UNESP. A mesma nos conta que o empreendimento tem mais de 20 anos, segundo ela *"Aqui, nós estamos já há 20 anos, foi no dia 25 de abril de 1997.".* Ao ser questionada sobre as mudanças que ela verificou nesses 20 anos a mesma coloca que *"Então, a cidade cresceu. Tem vários... Ah! Tem muitos mais bairros agora e inclusive aqui nesse bairro, aqui, era bastante residencial e hoje não é, é residencial, mas.... de... particular assim, pessoas morando. E hoje tem bastante é... kitnet. aluguel de casas assim... predinho."*

Ao perguntarmos sobre o perfil de consumidor do seu empreendimento a mesma coloca que *"Perfil? Ah! Tem algumas pessoas que são pessoas que moram aqui mesmo, do bairro. Pessoas... depois maioria é estudante mesmo... da unesp."* Quando perguntamos se *"você acha que o ensino superior presente na proximidade do seu estabelecimento favorece a economia da cidade?"* a mesma respondeu *"Ah sim! Com certeza..."* E ao questionar se *"no período de greve ou de férias a ausência de estudante faz diferença na economia?"* A mesma coloca que *"Sim, consideravelmente".*

Quando questionada se a presença da universidade próxima ao seu estabelecimento é importante a entrevistada coloca que *"Sim, muito, muito importante, por que são quantos. Quantos alunos, aí, Acho que, um o que? Cinco mil alunos [...] e ainda mais os professores, os servidores, o pessoal que trabalha. Eu acho que sim. Tem bastante."*

Outro comerciante possui estabelecimento próximo a UNOESTE – câmpus I. Quando perguntamos quanto tempo tem o seu estabelecimento o mesmo comenta que o mesmo foi aberto em 94, questiono *"94!? Então tem aí mais de 20 anos..."* e ele responde *"23 anos"*. Perguntamos também "E ai o senhor... desses 23 anos que o senhor está aqui, o senhor notou alguma mudança na cidade, nas pessoas, nos lugares..." e eles nos respondeu "*mudança de... não, não muito, mudança... muda as coisas assim nas férias. [...] Nas férias muda .. pq... fica tudo muito ruim aqui pra nós..."* insistimos na pergunta *"Mas nos 20 anos ta igual?"* e ele responde *"É... sempre igual [...] sempre foi assim... agora que... de uns dois anos pra cá, ai, ai... que coisa piorou mais com essa crise aí não dá não o povo... ninguém tem dinheiro não. [...] se eu for contar a história tem muito tempo... o tempo (inaudível)... tempo que... tinha uma época... quando abriu terreno aqui...*

era um dia de serviço meu comprava um terreno aqui que era perto do cemitério ninguém queria... [...] Agora que eu comprei esse terreno aqui tem 12 terrenos então... eram seis órfãos, ele não queria dinheiro só dá um terreno e... uma edícula pra ele, eu tinha 14 terrenos, vendi 12 eu vendi, para pegar esse aqui. [...] Ninguém queria... 90, 1990."

Quando questionamos sobre o perfil dos consumidores do seu estabelecimento o mesmo pontuou que *"...só dá estudante mesmo, até porque se eu não tenho assim o que comer aqui, só tem espetinho, então aqui no sábado e domingo eu nem abro, praticamente nem abro, só segunda a sexta."*. Sobre a importância da instituição próxima ao seu estabelecimento perguntamos se a rotina do comércio/bar que ele mantém *"Acompanha a universidade ali?"* ele respondeu *"Sim..."*. Quando perguntamos *"E o senhor quando a instituição é... é... ela entra em férias o senhor sente na economia"* ele respondeu que *"Ah! Sente e muito, é muito ruim... baixa, aí zera, eu abro porque eu não gosto de ficar parado. [...] E o fim de ano é três meses, quase, é três meses. Começa dia 15 de novembro todo mundo que passa vai embora [...] Eu me preparo (risos) porque a coisa fica feia... porque a despesa é a mesma, sabe? A despesa é quase a mesma."*

Quando perguntamos *"...o senhor acha que a universidade ali nas proximidades ela favorece o comércio do seu estabelecimento?"* o senhor entrevistado nos respondeu *"e muito... quando vai embora os alunos daqui a cidade para, tem... é não sei, aqui e lá embaixo deve ter uns 16 mil alunos parece que isso aí que eu vejo falar... o campus 2"*. Ao conversarmos sobre o papel regional de Presidente Prudente ele coloca que *"...os alunos que vem aqui é da região inteira, desde Rosana, de Assis pra cá, a paulista toda cai aqui, de tarde e a noite aqui, os ônibus já leva, quando dá onze horas já quieta aqui, não tem mais nada porque vai tudo embora... [...] Vai tudo embora aqui... [...] se não fosse a faculdade aqui, seria... o que seria? Nada aqui... pelo meu estabelecimento aqui... bem a turma gosta de comer aqui."*

Os demais entrevistados próximos à instituição de ensino Toledo, consideraram que das mudanças verificadas por eles estão as mudanças nos prédios familiares, o fluxo com relação a faculdade e as mudanças de profissão. Quando questionados sobre o perfil de consumidores dos seus estabelecimentos segundo esse proprietário, são estudantes 95% dos consumidores e 5% bairro/transeunte. Ao mencionar sobre a importância da instituição próximo de seu empreendimento o mesmo colocou que a universidade *"Favorece por que as pessoas gastam com o comércio e*

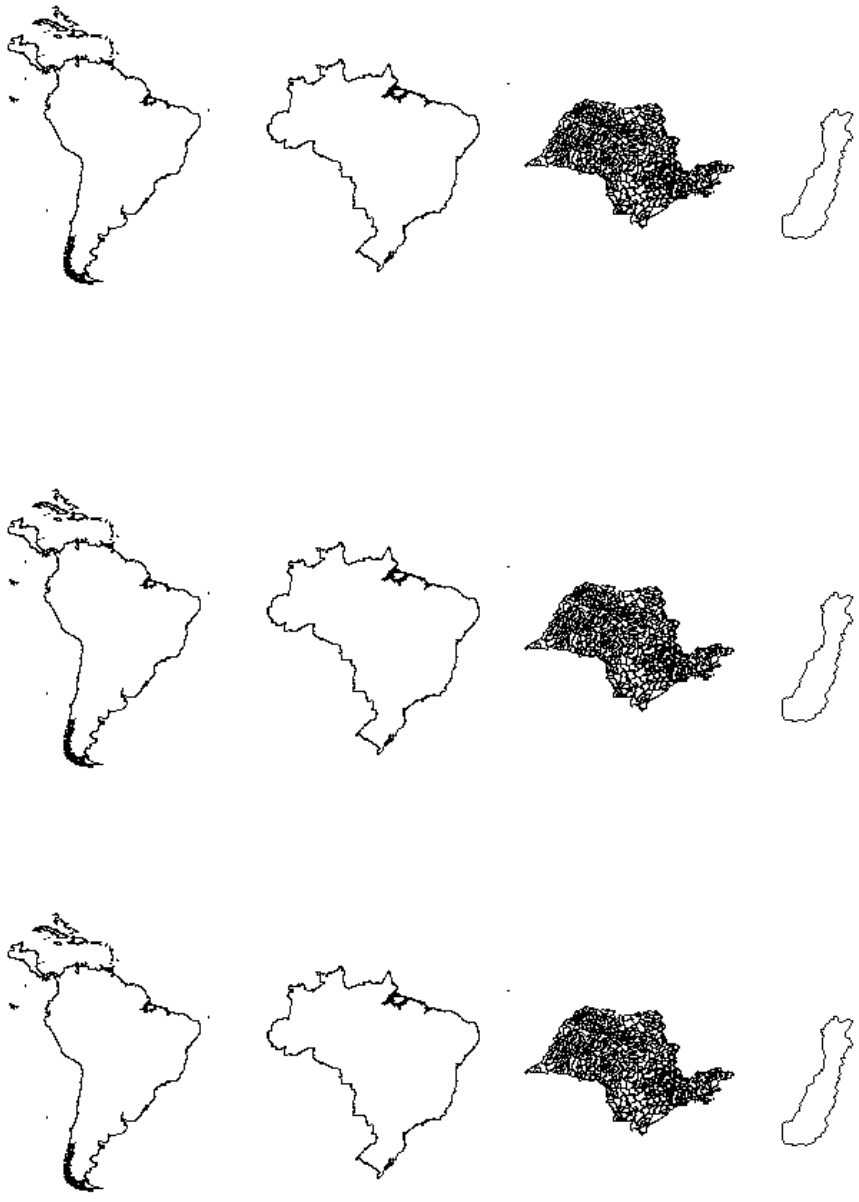
serviços". Ao tratarmos das questões relacionadas ao alcance regional da cidade de Presidente Prudente ele coloca que toda região, era bem conectada, mas, atualmente é ruim e dispersa.

Como podemos verificar por meio da análise relacional do empírico o estabelecer da instituição na cidade produz e modifica o espaço urbano. As interações espaciais e territoriais geradas a partir da instituição tem desdobramento em diversos ramos da economia da cidade, desde o estabelecer dos alunos enquanto sujeitos sociais e econômicos aos empreendimentos imobiliários e os empreendimentos comerciais que de certa forma se beneficiam e geram trabalho e renda a partir dessas movimentações. No capítulo seguinte veremos como essas interações convergem com a análise escalar e a partir das lógicas econômicas alteram e dinamizam o fluxo de estudantes na cidade.

Corroboram para essa análise os conceitos de rede urbana e escala geográfica, visto por uma perspectiva analítica multiescalar, uma vez que se pretende trabalhar com imbricações advindas de lógicas e dinâmicas da multiescalaridade. Para entender como atuam as lógicas das interações espaciais, trabalharemos escalas no próximo capítulo, bem como demonstraremos como se apreende no local lógicas resultantes de uma lógica global. Para esse trabalho, escolhemos realizar um exercício que compreende a escala enquanto perspectiva metodológica e por isso precisa ser aprofundada devido ao seu importante debate conceitual.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por um de de ditadura racionalista.

PAULO FREIRE – A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA



CAPÍTULO 3: A ANÁLISE MULTIESCALAR NA PERSPECTIVA DAS INTERAÇÕES ESPACIAIS E TERRITORIAIS GERADAS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

3.1. Os desafios da análise multiescalar: as escalas geográficas

Essa análise escolheu as instituições de ensino superior participantes da pesquisa e o seu grau de abrangência bem como os dados coletados em campo com relação a amostragem feita durante a execução do trabalho que dizem respeito aos questionários respondidos pelos estudantes de cada instituição, aplicação de questionários que, como já destacamos no início desta dissertação, foi um dos procedimentos metodológicos que mais nos possibilidade averiguar a relação das IES com a cidade e a construção da análise em diversas escalas.

Os mapas aqui apresentados, representam as complexas interações entre os agentes sociais envolvidos na pesquisa (estudantes, comerciantes e professores) e as instituições de ensino superior. A representação trata-se dos fluxos dos estudantes selecionados e ilustra a presença de diferentes contextos de captação de respostas aos questionários, distribuídos nas instituições pesquisadas.

Para esse capítulo assumimos uma discussão mais ampla do alcance das instituições de ensino superior trazendo um debate aprofundado das relações das instituições entre o intraurbano e o interurbano. Sobre esta relação, vale destacar que nosso ponto de partida é tratar das dinâmicas das múltiplas escalas presentes na espacialização das instituições de ensino superior e nosso objetivo não é desconsiderar a escala do intraurbano, como já pode ser percebido ao longo deste trabalho, pelo contrário, é apontar como os processos intraurbanos resultam, dentre muitos fatores, das forças advindas das diversas escalas, principalmente no que tange às instituições de ensino superior e suas formas de ingresso.

No que se refere ao intraurbano, Sposito contribui argumentado que a produção do espaço urbano se dá a partir de um "[...] conjunto de ações, de interesses, de valores, de ideias que, no plano material e simbólico [...] cria e recria o mundo urbano e as cidades." (SPOSITO, 2004, p. 51). Sendo assim, o espaço urbano é passível de construção e desconstrução e a partir dessa afirmativa, concordamos que a cidade materializada, fruto da produção do espaço urbano

> [...] virou negócio e, contrariamente, às tendências anteriores de expansão territorial urbana, o que se tem na cidade atual é o espaço planejado, resultado da intenção e das estratégias de parcelamento fundiário e produção imobiliária e não da história, propriamente dita, pensada como resultado de múltiplas ações, individuais e coletivas, que se acumulam lentamente. (SPOSITO, 2004, p. 294)

Essas ações são reflexos da atuação de diversos agentes que Corrêa (1989) apresenta em sua obra sobre a organização social numa sociedade capitalista e desigual que gera práticas espaciais de fragmentação e segregação e que é resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas por esses agentes que produzem e consomem espaço.

Sobre os agentes sociais que fazem e refazem a cidade nesta organização social, ele classifica que são: os proprietários do meio de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos, , sendo que atualmente podemos encontrar múltiplas condições e relações entre estes gerando, inclusive, particularidades que originam outros agentes com formas de atuação também novas como apontado por Corrêa (2014).

Pudemos ver as lógicas pelas quais os agentes elencados para o trabalho atuam no espaço urbano no Capítulo 2 e de como essa atuação é resultado da permanência e funcionamento das instituições de ensino superior, principalmente no que diz respeito ao comércio local que comprovadamente diminui o ritmo no período de recesso dos estudantes. Outros fatores também contribuem para que o envolvimento de empresas de capital local/regional até o internacional se interesse em investir em cidades médias como Presidente Prudente[16].

Se nos capítulos anteriores nos dedicamos a compreender as instituições superiores no âmbito da cidade de Presidente Prudente, neste, vamos lançar o olhar para fora, em outras escalas, bem como para o modo como as lógicas consideradas de fora rearticulam as escalas do local e do regional.

Acompanhamos os caminhos que os próprios dados da pesquisa nos levaram, mostrando que os efeitos da presença das IES no espaço urbano contribuem no processo de produção da cidade para muito além do movimento de formação acadêmica e da qualificação profissional de parte da população que vivem nestas cidades.

Como nós mesmos assumimos, o que está em tela é a produção do espaço urbano como síntese da concentração de forças econômicas e políticas capazes de

[16] Ver trabalhos da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias

ampliar a complexidade das interações espaciais e territoriais. Estamos convencidos de que por meio do debate das escalas geográficas podemos chegar nesse momento do trabalho com mais convicção no que tange as mudanças pelas quais uma cidade média como Presidente Prudente pode passar. Para avançarmos na análise escalar trataremos das escalas de forma mais essencial e seu debate conceitual para auxiliar na compreensão.

O conceito de escala é primordial para compreendermos a dimensão espacial da produção da cidade, bem como a política e a econômica, como formas de análise e ação. Concordando diretamente com Racine, Raffestin & Ruffy. (1983, p.127) quando colocam que esquecemos [...] de refletir sofre o fato de que as coordenadas necessárias à localização dos eventos modificam-se de acordo com a escala em que os eventos são analisados. O que supõe a existência das escalas de análise e das de ação. Como já destacamos, a complexificação das interações espaciais, olhadas por meio do processo de produção do espaço, atenta para mudanças consideráveis no rearranjo das escalas geográficas e a IES são conteúdos que promovem estas mudanças como o alargamento do alcance territorial daqueles que vêm viver na cidade de Presidente Prudente, bem como ampliação do consumo em âmbito geral, do morar, da mobilidade, do comércio e dos serviços. A presença das IES amplia também o acontecimento dos eventos que promovem interescalaridade e este movimento tem origem, direção, permanência no tempo e no espaço e movimento.

Santos (1996) tratar da escala dos eventos e afirma que

> A noção de escala se aplica aos eventos segundo duas acepções. A primeira é a escala da "origem" das variáveis envolvidas na produção do evento. A segunda é a escala do seu impacto, de sua relação. [...] No primeiro caso, temos a escala das forças operantes e no segundo temos a área de ocorrência, a escala do fenômeno. (SANTOS, 1996, p. 152)

Assim como na interpretação de Milton Santos (SANTOS, 1996), há um momento em que as escalas deixam de ser um termo/noção para, depois de um debate qualificado se transformar em conceito, Melazzo e Castro (2008) demonstram a importância do debate sobre essa busca conceitual sobre as escalas e escrevem que

> [...] a escala geográfica pode ser considerada ao mesmo tempo como uma noção, um conceito e uma teoria (ainda que em construção). Assim, a forma como a discussão das escalas será apropriada,

> compreendida e utilizada dependerá da construção teórica que as ciências sociais em geral, ou a Geografia em particular, lhe darão.

Concordando com os autores, podemos afirmar que na literatura sobre escalas existem diferentes definições e interpretações que são relevantes contribuições para este conceito. No entanto, a sua efetivação enquanto conceito passa pelo crivo da teorização e a partir da constatação de que por meio de um evento se chega a um consenso de seu uso. Esta é uma questão de método, tendo em vista que, neste sentido, a escala geográfica oferece uma dimensão de análise possível para compreendermos o movimento e os conteúdos espaciais como, por exemplo, o quão a presença de IES numa cidade média como Presidente Prudente pode alterar a produção do espaço e o alcance espacial que leva à ampliação da população e do consumo no comércio e serviços.

Concordamos com Moore (2018) sobre o fato de que nas últimas décadas a escala vem sendo construída a ponto de se tornar um dos conceitos fundamentais da geografia. Ao pensarmos a escala podemos nos direcionar às seguintes compreensões do seu uso enquanto: articulações, relações, interescalaridade, multiescalaridade, multidimensionalidade do/no espaço e interrelações.

Antes de Moore (2018) o debate sobre as escalas como elementos constitutivos da produção do espaço já foi intensamente debatido. Por isso, para entendermos o alargamento do alcance espacial das cidades médias por meio das IES vamos, antes, passar pela compreensão da escala geográfica enquanto conceito chave na Geografia e para nosso trabalho.

Castro (2005) trouxe uma contribuição primordial quando construiu duas dimensões metodológicas de análise. Segundo a autora,

> Como recurso matemático fundamental da cartografia a escala é, e sempre foi, uma fração que indica a relação entre as medidas do real e aquelas da sua representação gráfica. Porém, a conceituação de escala, como esta relação apenas, é cada vez mais insatisfatória, tendo em vista as possibilidades de reflexão que o termo pode adquirir, desde que liberto de uma perspectiva puramente matemática. (CASTRO, 2005, p. 117)

Racine, Raffestin & Ruffy (1983) e Souza (2013) também apontam a importância e a diferença das duas escalas, inicialmente a cartográfica, origem do termo, e em seguida a escala geográfica. Racine, Raffestin & Ruffy (1983) coloca que

"A escala cartográfica exprime a representação do espaço como "forma geométrica", enquanto a escala que poderíamos e sob muitos aspectos, deveríamos qualificar de geográfica, exprime a representação da relação que as sociedades mantêm com esta "forma geométrica". (RACINE, RAFFESTIN & RUFFY, 1983, p. 124)

Da mesma forma, Souza (2013) escreve que

> A escala cartográfica consiste, simplesmente, na relação matemática que existe entre as dimensões de um objeto qualquer no mundo real e as dimensões do desenho que representa esse mesmo objeto, como se visto do alto, em um mapa (ou carta, ou planta). A escala cartográfica pode ser apresentada sob a forma de uma escala numérica [...] (SOUZA, 2013, p. 180)

Portanto, a escala cartográfica e a escala geográfica são diferentes, uma tem função de instrumentalizar e possibilitar a leitura de um mapa, carta ou planta, sendo representada numericamente o que não ocorre com a escala geográfica, a discussão da escala geográfica é muito mais ampla. Como poderemos ver a seguir. Lacoste foi o grande percursor da origem da escala geográfica como conceito a partir dos seus estudos realizados onde trabalhava com as ordens de grandeza, compreendidas por seus leitores como "ordens de grandeza lacostianas".

Souza (2013) escreve que

> Lacoste não foi o primeiro e muito menos o único pesquisador sócio-espacial a propor um quadro de referência classificatória, identificam-se diversos níveis escalares da análise. Sua contribuição, porém, pode ser considerada emblemática por suas qualidades assim como por seus defeitos. (SOUZA, 2013, p. 185)

Podemos observar e compreender a partir de Kosik (1976) e Carlos (2009) que houve a necessidade do termo/conceito de escala geográfica, uma vez que, enquanto sujeito pesquisador é necessário estabelecer critérios para compreender a realidade, que é apreendida, refletida e compreendida a partir de uma leitura de mundo. Racine, Raffestin & Ruffy (1983) também atenta para isso no seguinte parágrafo "Cada um a seu jeito, os geógrafos behavioristas e os marxistas baseiam seus estudos dos processos na escolha de escalas geográficas diferentes [...]" (RACINE, RAFFESTIN & RUFFY, 1983)

Ainda sobre o poder explicativo do uso da escala os autores (1983) escrevem

> [...] que a escala só raramente é introduzida explicitamente como uma das variáveis fundamentais que vai condicionar tanto a natureza das observações quanto a imagem que delas se dará, que

> ao nível explicativo. Com algumas exceções de inspiração essencialmente metodológicas [...] (RACINE, RAFFESTIN & RUFFY, 1983, p. 124)

Nesse sentido, a escala faz uma delimitação parcial, recorte específico, uma vez que uma análise da totalidade seria algo inatingível. Para dar conta dessa realidade recorremos as definições de Escala Geográficas encontrada nos autores que podemos visualizar no quadro 11.

Quadro 12. Conceito. Definições de Escala Geográfica.

Autor	Definição
RACINE, RAFFESTIN & RUFFY (1983)	"Uma unidade de observação e o atributo que associamos a ela. [...] Nessas condições, a escala geográfica se inscreve num processo contínuo cujo o caráter de reversibilidade pode fazer parecer, em função justamente dessas abstrações, um fenômeno tanto homogêneo (ou uniforme) como heterogêneo (ou concentrado) e reciprocamente. (RACINE, RAFFESTIN & RUFFY, 1983, p.125)
CASTRO (2005)	[...] artifício analítico que dá visibilidade ao real (CASTRO, 2005, p. 133) [...] a escala introduz o problema da polimorfia do espaço, sendo o jogo de relações entre fenômenos de amplitude e natureza diversas. (CASTRO, 2005, p. 138)
SOUZA (2013)	A escala geográfica, por sua vez, deve ser subdividida em escala *do fenômeno*, escala *de análise* e escala *de ação*. (SOUZA, 2013, grifo do autor)

Organização: GOMES, 2017.[17]

[17] Em Neil Smith (1998) apesar de serem consideradas as escalas geográficas, o autor trabalha com as "escalas espaciais", como por exemplo: "O capital herda um mundo geográfico que já está diferenciado em complexos padrões espaciais. À medida em que a paisagem fica sob o domínio do capital (e se torna cada vez mais funcional para ele, no sentido a que nos referimos na seção anterior), estes padrões são agrupados em uma hierarquia cada vez mais sistemática de escalas espaciais. Três escalas primárias surgem com a produção do espaço sob o capitalismo: o espaço urbano, a escala da nação-Estado e o espaço global. " (SMITH, 1998, p. 196). Nesse quadro consideramos os autores que aderiram o conceito como "Escalas Geográficas".

Souza (2013), como ponderado anteriormente, reconhece a importante contribuição de Lacoste, o qual impulsionou uma renovação metodológica à Geografia ao defender a necessidade dos raciocínios multiescalares. Nesse sentido, Lacoste propôs um quadro terminológico com ordens de grandezas, o qual Souza (2013) define como formalista, rígido e de magnitude métrica.

> Outra crítica do autor incide na classificação *local, regional, nacional e internacional*, pois a considera estanque, inapropriada à pesquisa sócio-espacial e, de modo mais contundente, seria como um "senso comum acadêmico". (SOUZA, 2013, p.187)

Diante das críticas aos quadros de referenciais escalares, por um lado limitante e rígido, por outro, demasiadamente genérico, Souza (2013) propõe uma tipologia. A princípio parece contraditório essa proposição, pois, após duras críticas ao formalismo das classificações anteriores, mas o autor ressalva que a abordagem é relacional e a tipologia aparece como instrumento heurística e de utilidade didática para a organização do pensamento. Primeiro o autor explica a formulação das três escalas possíveis, a escala do fenômeno, da análise e da ação. Segundo Souza (2013) a escala de ação é

> De sua parte, a escala de ação diz respeito a um aspecto especifico e muito diretamente político: aquele referente, em um um raciocionio eminentemente estratégico, a reflexão acerca do alcance espacial das práticas dos agentes. É, portanto, um tipo de escala que se refere a determinados fenômenos sociais, concernentes a ações (em geral coletivas) e ao papel dos agentes/sujeitos. (SOUZA, 2013, p.182)

Sobre a mesma questão Ruffy, Raffestin e Racine (1983) percursores desta análise escalar, colocam que

> Toda tentativa de estudo de um espaço geográfico qualquer, em vista de lançar as bases de uma política ativa de organização (aménagement) do território, deveria passar por uma tomada de consciência desta dialética das escalas geográficas e cartográficas. Todas as nossas observações, na verdade, levam em conta simultaneamente as duas escalas que certamente estão em correspondência, mas não tem a mesma significação para a ação. Poderíamos até mesmo acrescentar a mediação destas duas escalas é feita através de uma problemática que é, ela própria, sempre sustentada, quer queiramos ou não, por uma relação de poder que mantemos com o território e o que ele contém. (p.129 – 130)

Adiante, segue no quadro 12 que contém as tipologias, essas que Souza (2013) afirma não estar acabada e finalizada, mas que pode ser expandida e aprimorada nas diferentes situações de análise.

Quadro 13. Tipologia didática das escalas ou níveis.

Tipologia	Definição
Escala (ou nível) do corpo	Considera que o primeiro sítio físico da identidade pessoal, a escala do corpo, é socialmente construído. (SMITH, 1993)
Escala (ou nível) do nano território	Para compreender o "intra-urbano", não basta compreender o "microlocal", ou seja o bairro, a rua, é necessário adentrar a casa para uma análise profunda.
Escala (ou nível) local a) Escala (ou nível) microlocal b) Escala (ou nível) mesolocal c) Escala (ou nível) macrolocal	Devido a variação de graus, tamanho, vivências, relações de proximidade e de poder políticos e administrativos, há uma subdivisão: (a) microlocal: equivale a recortes territoriais que, a despeito de apresentarem tamanhos diversos, teriam, todos eles, em comum o fato de que se referem a espaços passíveis de serem experienciados intensa e diretamente no quotidiano. (b) mesolocal: corresponde ao município, onde não é possível ter uma vivência quotidiana da cidade como um todo, intensa e direta; corresponde a um nível de governo que definirá um espaço de referência para a organização política e as pressões sobre o aparelho de Estado. (c) macrolocal: situação típica das grandes metrópoles, regiões metropolitanas, em que diversas unidades espaciais mesolocais se integram de modo denso, como um "minissistema urbano".
Escala (ou nível) regional	A região é, antes de tudo, um lugar. [...] Este nível além disso, muitas vezes coincide com um com um território político-administração formal e com uma unidade de governo estatal (estado, província, etc), ou

	pelo menos com um espaço de implementação de políticas-públicas. [...] situado entre o nível local e a escala do país, é possível coexistirem dois e até mais níveis regionais, como se fossem subconjuntos de conjunto maior. Um exemplo dessa complexidade é a microrregião, mesorregião e mesorregião.
Escala (ou nível) nacional	Souza coloca que: [...] O que estou aqui a chamar de escala "nacional" é, em princípio, e por uma questão de conveniência de comunicação, a *escala do país*, ou seja, aquela do território ocupado por um Estado formalmente soberano. (grifo do autor)
Escala (ou nível) internacional a) Escala (ou nível) de grupos de países b) Escala (ou nível) global	Pelo viés ideológico o autor divide essa escala/nível em dois. A primeira (a) [...] Consiste em um agregado de dois ou mais países, agrupados segundo critérios os mais diversos (que podem ter a ver com variáveis selecionadas pela própria realidade). A segunda (b) [...] Como o nome sugere, esta escala é aquela que abrange o mundo inteiro. Ela diz respeito, principalmente, a fenômenos de ordem econômica no âmbito do sistema mundial capitalista.

Fonte: SOUZA, 2013. Organização: NATALIA OLIVEIRA E MARIANA GOMES, 2017.

Além da formulação encaminhada por Souza, 2013 (ver quadro 12) podemos acrescentar o debate de mais uma forma de tipificar a escala, a escala espacial. Em nosso recorte empírico, pela articulação de múltiplas escalas dada pelas lógicas que envolvem a presença das IES, o debate das escalas espaciais é também relevante[18]. Correa (2014) aponta nesta direção, tendo em vista que para o autor,

> A escala espacial, além do ser elemento fundamental para o geógrafo, constitui parte integrante das práticas espaciais dos agentes sociais da produção do espaço. A consciência de sua importância parece ser maior, à medida que se amplia a escala dimensional do agente social. (CORRÊA, 2014. p. 42)

[18] O debate pela escolha do "geográfico" ou o "espacial" para se referir à escala apareceu no momento de exame de qualificação com contribuições do professor Everaldo Santos Melazzo e da professora Maria Encarnação Beltrão Sposito.

O autor colabora com o debate a fim de diferenciar a escala nos apresenta uma definição diferente de SOUZA (2013), mas essas construções são elementares ao debate da escala e complementam-se, uma vez que a escala espacial trata-se da dimensão nos processos analisados e a escala geográfica do debate que se faz sobre o conceito a partir da perspectiva geográfica.

Tendo todo esse processo de construção da escala como conceito e todas as diferentes formas incorporadas na análise, podemos afirmar que a definição que mais se aproxima é a discussão engendrada por Racine, Raffestin e Ruffy (1983) como uma categoria que será utilizada como exercício metodológico para entender a relação cidade-universidade e as resultantes dessa relação. Esta relação requer análise escalar e a interpretação das interações espaciais e territoriais para nos ajudar a entender a produção do espaço e também como se dão em diferentes escalas as relações das instituições com a cidade.

No capítulo 1 exploramos as progressões histórico-geográficas do ensino superior no Brasil e para que possamos analisar as escalas enquanto recurso metodológico precisamos entender o que significam as políticas de escala, bem como as questões de escala, uma vez que o acesso ao ensino superior e a seu funcionamento tratam-se de políticas estatais. A discussão a seguir trata significativamente desta relação.

3.2. As políticas de escala e questões de escala

Souza (2013) coloca que há três níveis de escala: a do fenômeno, da análise e da ação que podem ser definidas respectivamente como, o primeiro nível "[...] se refere a uma das características de um objeto real: a sua abrangência física no mundo." (SOUZA, 2013, p. 181); o segundo nível [...] é intelectualmente construída como um nível analítico (ou, a rigor, um do nível analítico) capaz de nos facultar a apreensão de características relevantes de alguma coisa que estejamos investigando ou tentando elucidar a partir de uma questão ou de um problema que tenhamos formulado. (SOUZA, 2013, p. 182, grifo do autor); o terceiro nível como "[...] aquele referente, em um raciocínio eminentemente estratégico, a reflexão acerca do alcance espacial da prática dos agentes. É portanto, um tipo de escala que se refere a determinados fenômenos sociais, concernentes a ações (em geral coletivas) e ao papel

de agentes/sujeitos." (SOUZA, 2013, p.182). Como podemos observar Souza (2013) coloca a terceira escala como a escala da ação e afirma que essa tem conotação política e estratégica.

A tentativa que se coloca a discutir nessa parte é justamente a escala e as tomadas de decisões que partem das políticas de um determinado território. Para tratar dessa questão da escala política ou política de escalas, que não significam a mesma coisa, mas que aqui tentamos entender o rebatimento de políticas que dizem respeito a escala nacional/internacional e que tem rebatimento na escala local/regional, entre outras, uma vez que o cotidiano é uma dimensão/escala que resulta das interações entre escalas. Pois, assim como coloca Racine *et al* (1983) a influência das escalas são as de [...] propriedades globais em níveis diferentes (RACINE; RAFFESTIN e RUFFY, 1983, p. 125)

Melazzo e Castro (2008) ao apresentar a relação do conceito de escala com a política, em Neil Smith, colocam que "A escala, como produção social, aparece como estratégia de produção da diferenciação espacial, como instrumento teórico para se apreender as diferenças espaciais e como lugar da luta política." (MELAZZO E CASTRO, 2008, p. 140)

Em Guimarães (2005) ao tratar das políticas de escala e saúde acrescenta também que "[...] essa complexa síntese de escalas geográficas que definiu o peso político daquele acontecimento. Isto é, quanto mais uma ação resultar na articulação de múltiplas escalas, maior a sua importância política. (GUIMARÃES, 2005, p. 1022)

Souza (2013) atribui o aspecto político a escala da ação, mas também afirma que um dos processos mais ricos, por meio dos quais escalas são articuladas e, as vezes, socialmente (re)construídas, é aquilo que os anglo-saxônicos vêm denominando "*politcs of scale*", ou "política de escala(s)". Muito se tem avançado nos últimos anos entre os geógrafos de formação, principalmente no Reino Unido e nos EUA, em matéria de reflexões sobre as conexões entre escalas e eficácia política. (SOUZA, 2013, p. 195)

Souza (2013) acrescenta que essa expressão política de escalas

> [...] (expressão cunhada, ao que parece, por Neil Smith) pode ser definida, em uma primeira aproximação, como "a articulação de ações e agentes operando em níveis escalares diferentes (isto é, que possuem magnitudes e alcances distintos) com a finalidade de potencializar efeitos, neutralizar ou diminuir o impacto de ações adversas ou tirar maiores vantagens de situação favoráveis; por exemplo, ampliando esferas de influência (ao expandir audiências, sensibilizar atores que sejam possíveis aliados etc.) e propiciando sinergias políticas (ao recrutar novos apoios, costurar alianças etc.) (SOUZA *apud* SOUZA, 2013:196; grifado do original)

Racine, Raffestin e Ruffy (1983) colocam que "[...] a escala se apresenta como mediadora entre a intenção e a ação. Desenvolvimento do sistema capitalista mudou a relação das duas escalas [...]" e ao tratar da "Escala da ação e do poder" o mesmo coloca que "Nenhuma ação é possível sem sua prévia representação e isso é uma constante verdadeira em todo reino animal, dos mais primitivos animais aos mais evoluídos homem. O que distingue suas representações respectivas é consequência do domínio da escala." (RACINE; RAFFESTIN e RUFFY, 1983, p. 133)

Concordamos com Sposito (2011) quando a mesma coloca que

> [...] as articulações entre o aumento das relações econômicas no plano nacional e internacional, como movimento que amplia e exige maior articulação entre escalas, e as dinâmicas de produção do espaço urbano que revelam e redefinem a diferenciação socioespacial. (SPOSITO, 2011, p. 123)

A presença das universidades na cidade é parte da soma de decisões em múltiplas escalas, decisões de cunho político e que envolvem política de escalas diferenciadas em diversas esferas.

Moore (2018) escreve que os projetos políticos alcançam sucesso ao pensarem de forma escalar e ainda segundo o seu aprofundado conhecimento sobre o tema destaca que "[...] as escalas não devem ser concebidas como níveis ou plataformas hierárquicas isoladas, mas devem ser definidas e politicamente contestadas sempre na relação de uma com a outra, como em uma escala musical.". Moore (2018) atenta o leitor para a intencionalidade das decisões políticas que envolvem a escala geográfica seja por decisões de um indivíduo ou imposições do sistema capitalista. Niel Smith também trata do ponto de vista da fixidez espacial do capitalismo, colocando que as escalas possuem três tipos sendo a escala do espaço urbano, escala do Estado-nação e escala do espaço global.

Podemos afirmar a partir dessa pesquisa que todos o processo histórico de produção da cidade , as políticas para a Educação no que tange uma geografia do ensino superior, que as decisões tomadas por meio dos agentes envolvidos nesse contexto modificaram significativamente o espaço urbano onde a mesma é instalada colaborando para conformação de trocas na escala inter-regional, passando pelo crivo da decisão em outras escalas, desde a escala de poder e da tomada de decisão para a escala da ação, a escala da análise e da prática, entre outras classificações.

A maior prova do rebatimento de políticas de escalas são os programas de acesso ao ensino superior dispostas pelo Ministério da Educação para as instituições de ensino superior tanto públicas quanto privadas. As interações espaciais e territoriais são intensificadas dada a esse contexto de maior inclusão ao ensino superior via Prouni, Fies e Sisu e, a partir deste contexto, é que nos colocamos a explicar o alcance desta política de escala e sua relação com a produção do espaço urbano, mas nitidamente notada no âmbito da perspectiva dos estudantes ingressantes no ensino superior nas instituições presentes na cidade de Presidente Prudente.

3. 3. Alcances e sobreposição dos movimentos de escala nas articulações das instituições de ensino superior

As políticas de escalas são importantes para entendermos o debate conceitual mais amplo e para colaborar com uma análise do processo que se ensejou estudar. Nesse sentido podemos observar que a Geografia do Ensino Superior nos ajuda a entender a seletividade dos espaços e a concentração do estabelecer das instituições de ensino superior em pontos estratégicos dos Estados presentes no território brasileiro.

O que se propõe neste subcapítulo é analisar de forma multiescalar as relações e as trocas que se manifestam na cidade a partir do estabelecer das instituições de ensino superior

A interface que se deseja fazer é a relação das escalas e a educação de ensino superior, a partir das instituições estabelecidas na cidade de Presidente Prudente verificando, por meio da origem dos estudantes, como se estabelecem as múltiplas escalas participantes dessas interações desde programas de acesso e inclusão ao

ensino superior até a presença de estudantes na cidade e as interações espaciais e territoriais produzidas através dessa relação.

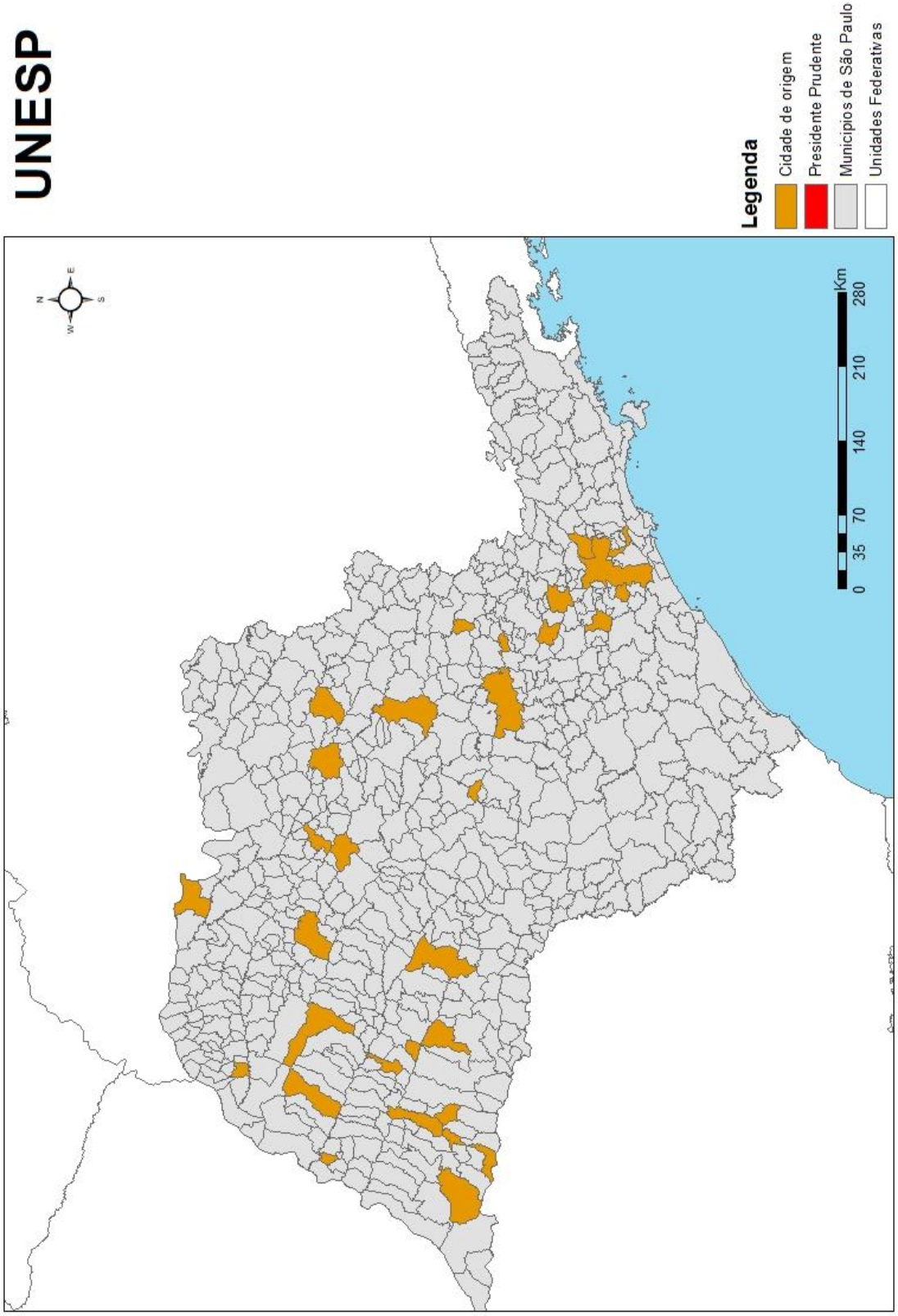
A instalação das instituições de ensino superior data de diferentes períodos, no entanto, é em período mais recente o maior número de matrículas com apontado no capítulo 1. Este aumento no número de estudantes e essas articulações tem relação com a ampliação do fluxo gerado pelas instituições do ensino superior e, consequentemente, um maior número de vagas de estudantes ingressantes nesse nível do sistema educativo muito tem relação como pudemos ver em campo com as possibilidades de acesso que se ampliaram a partir dos programas governamentais. As lógicas pensadas como um todo, em escala nacional, produzem mudanças que vão além da escala do local e tem abrangência na escala regional, por vezes extrapolando-as num jogo de escalas em diferentes níveis. Se pararmos por um momento para compreensão geral do todo, existem lógicas globais de produção de conhecimento e de exigências em produção de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Neste sentido, tudo está bastante articulado.

Ao que se segue, selecionamos 50 respostas dos questionários de cada IES participante da pesquisa, utilizamos a pergunta sobre as cidades de origem dos estudantes aplicados em cada instituição, por considerarmo-las uma forma clara de visualizarmos a espacialização na escala local e, até então, regional na cidade de Presidente Prudente/SP para entendermos o alcance multiescalar as análises abarcam as instituições UNESP, FATEC, UNOESTE e TOLEDO (ver mapas19).

No mapa 14, podemos observar a cidade de origem dos estudantes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Presidente Prudente. Se verificarmos o mapa da REGIC, ou mesmo o espaço regional nos mapas anteriormente demonstrados no capítulo 2, poderemos verificar que uma grande parte dos estudantes selecionados para análise da Universidade Estadual Paulista em caráter de amostragem, não fazem parte da região administrativa e também não contemplam os municípios da Região de Influencia segundo o REGIC.

19 Os mapas representam o município de origem pois o questionário não permitia saber se o aluno em sua cidade de origem, reside no campo ou na cidade. Neste caso, a palavra cidade foi usada de forma genérica apenas para a assimilação dos respondentes do questionário.

Mapa 14. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Unesp



Fonte: GOMES, 2017.

Em trabalho de campo pudemos verificar que as interações territoriais entre a cidade de origem do estudante e a cidade de estudo se dá por oferta e demanda do

curso da Universidade; pelo fato da Universidade ser pública e também pelo reconhecimento de qualidade da própria universidade, que dentro dessas características mobiliza os estudantes (quadro 13).

Quadro 14. Respostas dos questionários aplicados aos estudantes da Unesp[20]

Por que optou por essa universidade?
Pelo curso e por ser pública
Pela tradição de qualidade das instituições públicas brasileiras
Por ser uma universidade pública
Por ser a única pública que passei
Pelo fato de ser pública e a projeção nacional

Fonte: Dados coletados da pesquisa. 2017. Organizado por Mariana Gomes, 2018.

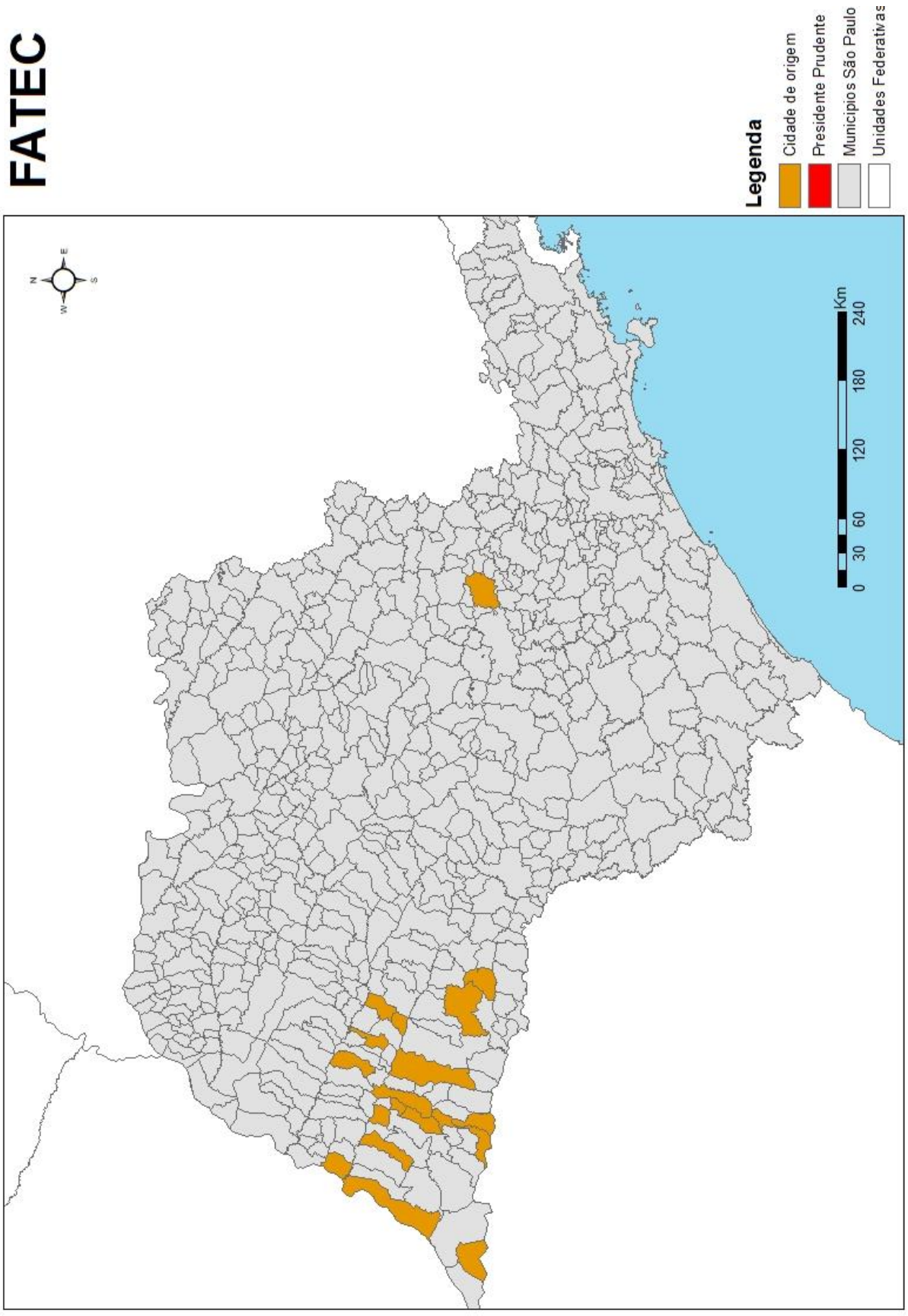
Os estudantes da Unesp vêm de diferentes cidades, tais como: Pirapozinho, Regente Feijó e Adamantina; e cidades mais distantes como: Americana, São Paulo, Peruíbe. Alguns estudantes vêm de cidades de outro Estado que não o de São Paulo como é o caso de Palotina no Paraná, Passos em Minas Gerais, Colômbia e Bolívia.

No caso da Fatec, verificamos as cidades de origem dos estudantes e podemos relembrar o que captamos da fala do professor-coordenador que afirma que o perfil do estudante da FATEC é o do estudantes-trabalhador e, por isso, podemos verificar que a maioria das cidades de origem dos estudantes são da região ou próximas, salvos algumas exceções.

Os estudantes da Fatec são de Adamantina, Alvares Machado, Assis, Bastos, Martinópolis. A cidade que comparece nas respostas e não faz parte da região é a cidade de Cassilândia no Mato Grosso do Sul.

[20] A questão "Por que optou por essa universidade? "podemos observar que o fato de a instituição ser pública e oferecer uma qualidade diferenciada influencia diretamente no deslocamento dos estudantes.

Mapa 15. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Fatec.



Fonte: GOMES, 2017.

No quadro 14 podemos observar que os motivos pelos quais os estudantes escolhem são principalmente por ser um ensino de qualidade; por ser pública e pelo curso.

Quadro 15. Respostas dos questionários aplicados as turmas da Fatec.

Por que optou por essa universidade?
Pelo curso
Por ser pública e pelo curso
Por ter um ensino de qualidade
Por ser pública
Ensino de qualidade, faculdade pública e área do meu interesse

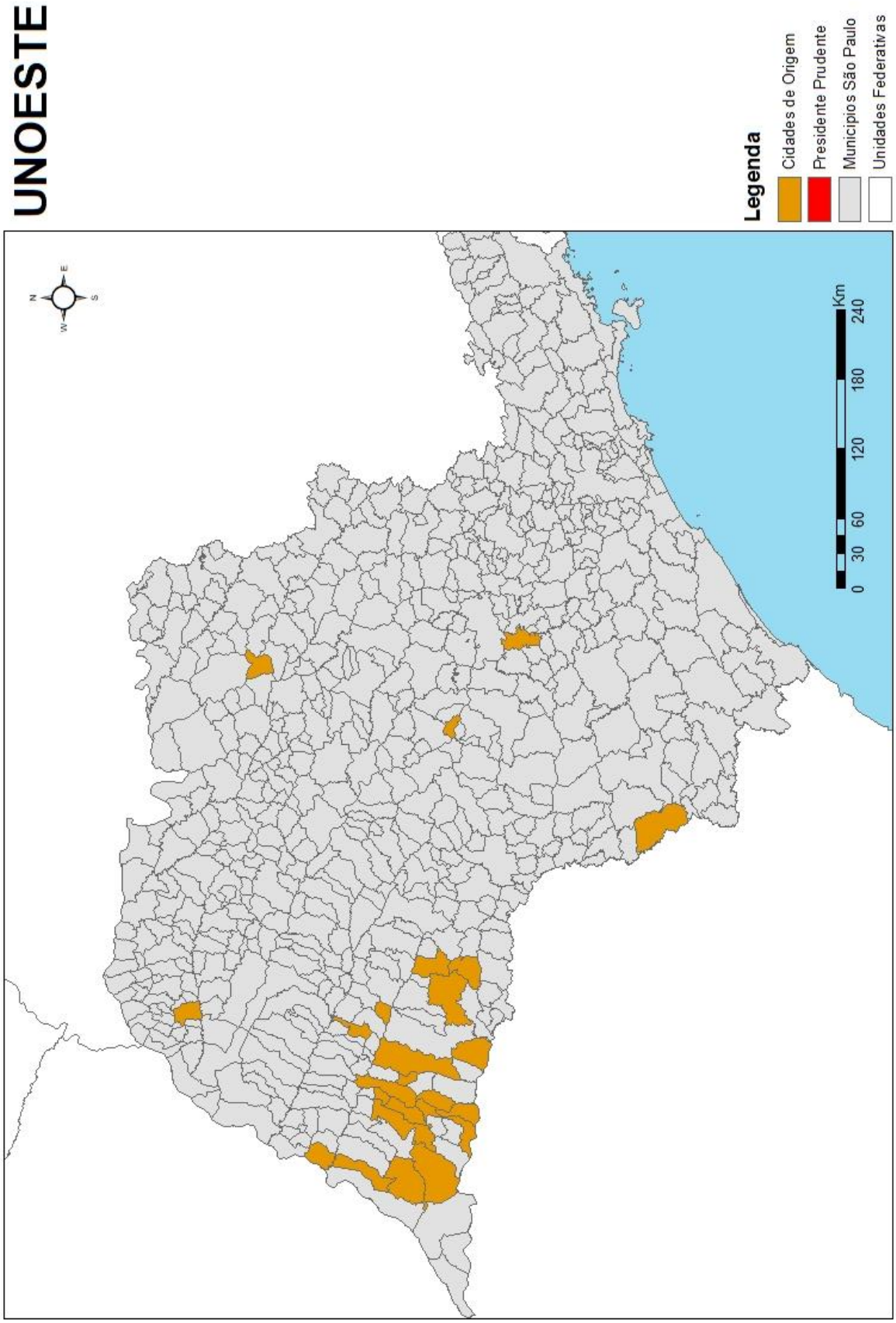
Fonte: Dados coletados da pesquisa. 2017. Organizado por Mariana Gomes, 2018.

Na Fatec pudemos verificar que muitos estudantes são da cidade de Presidente Prudente e dos municípios da região, cuja forma de deslocamento dos estudantes é em grande parte de veículo próprio ou de ônibus intraurbano ou intermunicipal.

No que se refere às instituições privadas – Unoeste - Campus I e Campus II e a Toledo, nas pesquisas de campo, nessas instituições podemos verificar padrões diferenciados de respostas em comparação com as instituições de ensino superior públicas.

Na Unoeste podemos verificar que os estudantes se deslocam de diferentes contextos e possibilidades, sendo que a maior parte tem Presidente Prudente como cidade de origem, mas, com um número considerável de estudantes oriundos das cidades de Alfredo Marcondes, Martinópolis, Alvares Machado, Anhumas, Assis, Bastos, Presidente Bernardes, Presidente Epitácio, Mirante do Paranapanema e Pirapozinho. Todas as cidades são bastante próximas a Presidente Prudente e a grande maioria faz parte da região de influência.

Mapa 16. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Unoeste.



Fonte: GOMES, 2017.

Para analisarmos a escolha dos estudantes pela instituição ensino Unoeste verificamos os diversos fatores que são postos para definir a escolha de tais sujeitos as instituições de ensino superior. Segundo estes, podemos verificar que os estudantes pontuaram corriqueiramente a variedade de cursos, a proximidade com a cidade e a política de bolsas da instituição, tais como as de cunho nacional do Ministério da Educação, o Prouni e o Fies.

Quadro 16. Respostas dos questionários aplicados as turmas da Unoeste.

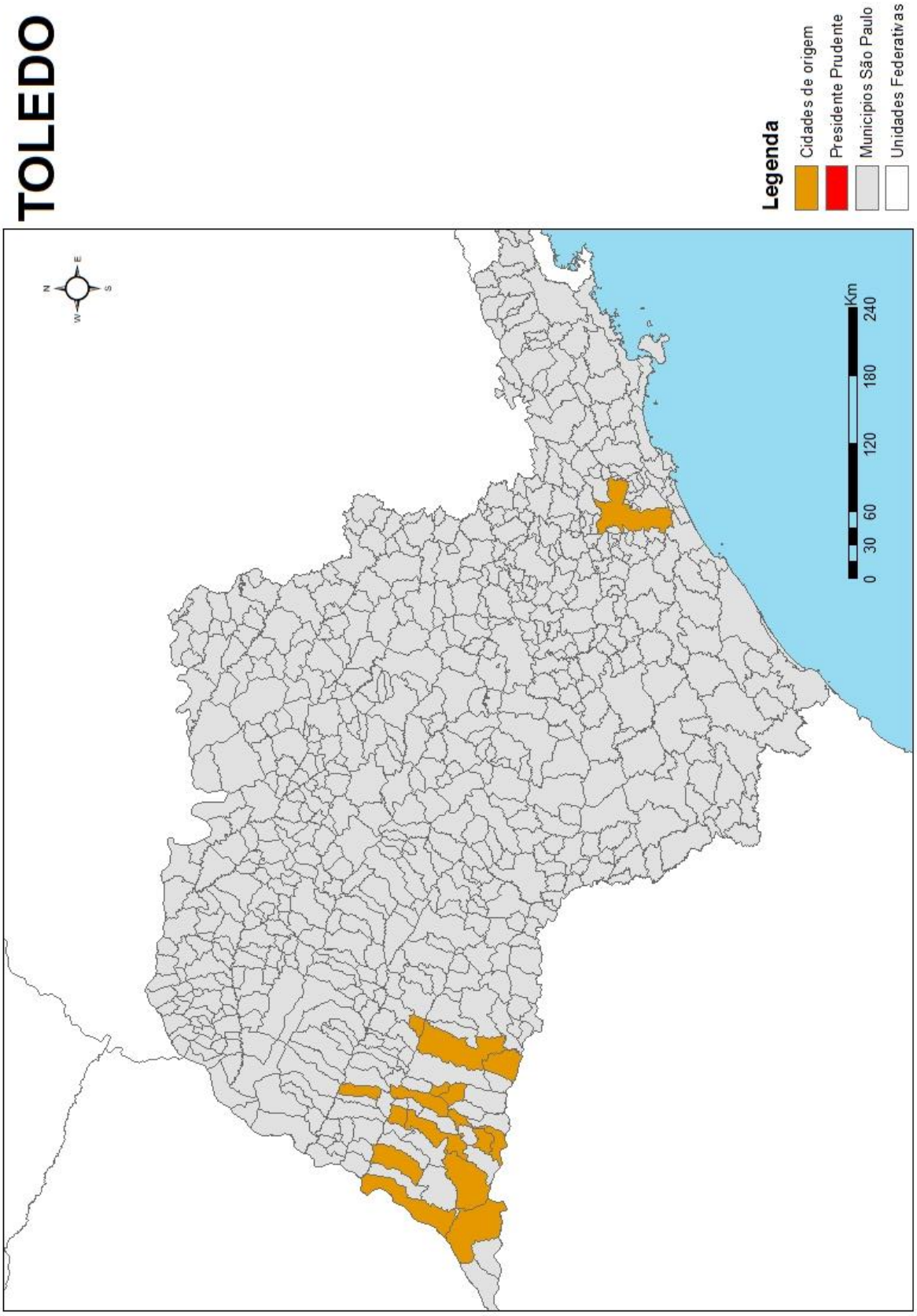
Por que optou por essa universidade?
Porque é a mais próxima da minha cidade
A mais próxima da cidade
Boa estrutura facilidades para bolsas
Cursos
Próximo a cidade de origem

Fonte: Dados coletados da pesquisa. 2017. Organizado por Mariana Gomes, 2018.

Em trabalho de campo de observação verificamos o grande número de ônibus intermunicipais se deslocando até a instituição de ensino superior e na proximidade da instituição. Um traço marcante da UNOESTE é o grande número de estudantes dos municípios da região, caracterizado por uma importante influência regional.

Outra instituição de ensino superior particular analisada neste trabalho é a Toledo. A maior parte dos estudantes são de Presidente Prudente. Outras cidades da região que compareceram foram: Presidente Bernardes, Presidente Venceslau e Regente Feijó, bem como cidades localizadas fora do Estado de São Paulo: Bataguassu e Três Lagoas no Mato Grosso do Sul.

Mapa 17. Presidente Prudente. Seleção de questionário dos estudantes da Toledo.

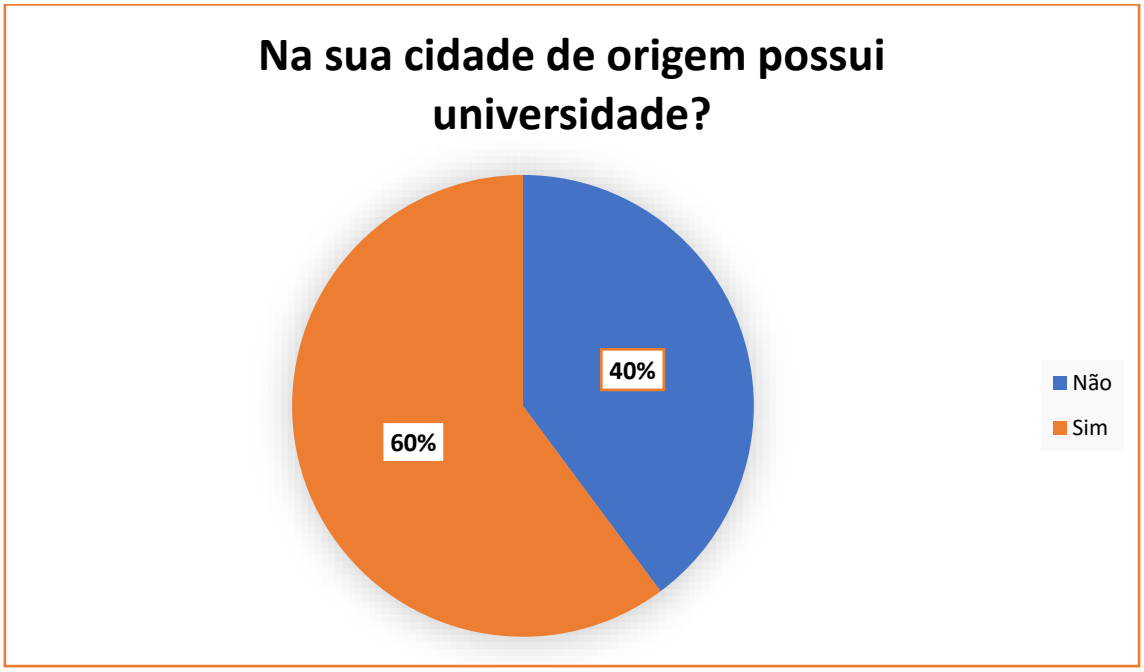


Fonte: GOMES, 2017.

Outras questões, nesse mesmo sentido foram feitas para todos os estudantes que aceitaram participar da aplicação de questionários no trabalho de campo, questões como, se "Na sua cidade de origem possui universidade?" (gráfico 7) ou "Você pretende trabalhar onde?" (quadro 16) que denotam o caráter espacial de transitoriedade no espaço e escalaridade.

O gráfico 7 demonstra que na nossa amostragem, a maioria dos estudantes que se deslocam para Presidente Prudente responderam que possuem universidade no município de origem. Ou seja, a necessidade de mesmo possuindo possibilidades de cursar um curso de ensino superior na própria cidade, outras lógicas impulsionam para que o estudante escolha uma instituição que não a presente em sua cidade.

Gráfico 7. Respostas aos questionários da pesquisa.



Fonte: Dados coletados da pesquisa. 2017. Organizado por Mariana Gomes, 2018.

O gráfico acima merece atenção pois denota a presença de lógicas espaciais outras para se entender o objeto de estudo selecionado. A maioria dos respondentes dos questionários sinalizaram também suas as perspectivas de futuro. As respostas demonstraram que a grande maioria gostaria de permanecer ou se estabelecer em definitivo em Presidente Prudente comprovando a centralidade que a cidade possui

perante a região, seja pelos serviços administrativos seja pela gama de ofertas de serviços comerciais.

Quadro 17. Perspectiva dos estudantes respondente.

Você pretende trabalhar onde?	Número de vezes que a resposta compareceu
Presidente Prudente	77
São Paulo	35
Onde houver emprego	23
Na minha cidade de origem	5

Fonte: Dados coletados da pesquisa. 2017. Organizado por Mariana Gomes, 2018.

Como pudemos ver as relações multiescalares proporcionadas através das instituições de ensino superior, colaboram para reforçar a centralidade da cidade de Presidente Prudente, bem como tem consequências de cunho econômico e social, estimulando os estudantes a permanecerem na cidade mesmo após o período de formação profissional.

As relações cidade-universidade também têm suas tensões e conflitos, concordamos com Baumgartner (2015) quando o mesmo ao analisar as instituições de ensino e confronta essas relações entre universidade - espaço urbano e regional enquanto recorte escalar - quando o autor escreve que:

> [...] afinal uma das grandes intervenções das universidades na produção do espaço urbano e regional é a aproximação destas escalas com o mundo, por meio do fluxo de conhecimentos, inovações, intercâmbios, linguagens, representações e deslocamentos. [...] Observamos que as relações espaciais que se estabelecem entre a população local e a comunidade acadêmica são, em muitos casos, conflituosas e instigadas, notadamente, pelos estilos de vida dissonantes, quer seja pelo padrão de consumo dos professores, pelas festas estudantis ou pelas crenças políticas da população local. (BAUMGARTNER, 2015)

Fatos estes verificados em constantes observações no trabalho de campo, com relação a essa convivência e problematizando-a, Baumgartner (2015) escreve ainda que:

> Nas cidades pequenas e médias constatamos um forte distanciamento entre a cidade e a universidade, mesmo que espacialmente ele não seja considerável, pois os grupos tendem a vivenciar espaços quase que pré-definidos pelo tipo/origem de usuário, "evitando" os encontros entre os diferentes – grupos de moradores e acadêmicos. Portanto, a cidade da universidade e a cidade da população local tendem a construir tantas morfologias urbanas quanto cotidianos distintos. (BAUMGARTNER, 2015)

Podemos reconhecer dentro dessa relação que analisamos e que verificamos em outros contextos que a interescalaridade e a troca de fluxos e fixos estão intrinsecamente relacionados com a análise escalar e que os deslocamentos fazem parte do jogo de escalas que são frutos das interações espaciais e territoriais.

Sobre as instituições de ensino superior a distância, concordamos com Mitchell (2005) ao se tratar das inovações tecnológicas e o aprofundamento das distancias onde os processos se dão em outra esfera, sobre esses processos o autor coloca que

> As telecomunicações digitais alteram os padrões espaciais das atividades dentro dessas redes, mas não (como muitos teóricos anteriores pensavam) pela simples substituição dos transportes por telecomunicações, produzindo a «morte das distâncias», e permitindo que tudo se passe em qualquer lugar, em qualquer momento. (MITCHELL, 2005, p. 339)

Sobre as interações proporcionadas pelo advento da tecnologia e para as trocas que não são diretamente efetivadas no espaço urbano, Corrêa (1997) vai tratar de múltiplas escalas regionais ao ver que as relações não são mais contínuas e sim contíguas a partir do avanço da tecnologia (CORRÊA, 1997, p. 102). Mostrando que as instituições de ensino superior EaD constroem relações contíguas entre a instituição e os estudantes.

Quantas escalas puderam ser abarcadas nesta análise? Demandas globais atreladas a ações locais a partir da divisão territorial do trabalho e a especialização da mão de obra podem ser verificadas no desdobramento dessas respostas cedidas pelos estudantes bem como a presença de políticas de escala para a ampliação do acesso ao ensino superior.

O que pudemos ver é que devido às demandas do mercado de trabalho numa sociedade industrial e capitalista verificamos uma lógica de escala global, que diz respeito às demandas por mão de obra, que tem rebatimentos em políticas de escala

nacional via programas governamentais de estimulo ao acesso do ensino superior e devido a divisão dos bens e serviços, ofertas e demandas do ensino superior no território brasileiro e todo a sua abrangência em escala local, ocasionado pelo resultante das duas últimas devido ao deslocamento dos estudantes em cidades onde são ofertados os cursos, o modo de vida que este demanda e as perspectiva de uma população estudantil em formação que produz espaço urbano e que são responsáveis pelas interações espaciais e territoriais no espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do presente estudo podemos observar que de fato a presença das instituições de ensino superior dinamiza o espaço urbano, exerce centralidade sobre o espaço regional e aprofunda as interações espaciais e territoriais. Complexas redes, técnicas e espaciais, se redesenham com a instalação de equipamentos e instituições como as IES, gerando diferenciação socioespacial tanto nas escalas que abarcam o espaço urbano, como naquelas que explodem aos seus limites, a considerar, principalmente, a regional e a nacional, no que se refere ao alcance espacial.

Por conta deste primeiro conjunto de elementos, fortemente ligados ao conceito de "escala" na Geografia, é que adotamos a crítica de Castro (2015) quando a autora aponta a insuficiência do uso apenas matemático ao que se compreende por escala, alertando que é necessário dotá-lo do valor qualitativo, confirmado nas contribuições de Racine, Raffestin & Ruffy (1983) e ratificado por Souza (2013) com o qual vemos a divisão da escala cartográfica e a geográfica, uma com o teor quantitativo e matemático e outra com a análise qualitativa mais voltada para a verificação das relações no espaço.

Essas possibilidades de análise a partir das escalas vão rebater num segundo ponto abordado a partir de nossa pesquisa que são as políticas de escala, uma forma de conceber a organização dos investimentos e dos recursos provenientes do Estado como meio de criar um aparato técnico, infraestrutural e social para o território-nação. As políticas de escala são, então, as escalas espaciais que dão vida a conteúdos da escala geográfica mais tradicionalmente reconhecidas por quatro dimensões: local, regional, nacional e global.

Ao olharmos para a espacialização das IES na cidade de Presidente Prudente vimos que não somente a localização destas instituições, mas, sobretudo, a capacidade de articulação na rede urbana interligando à escala local as escalas regional e nacional, apontam para um reforço das cidades médias enquanto cidades que são polos regionais por que se conectam fortemente com outras escalas. Além disso, por meio das análises de políticas de escala foi possível apreender que há processos complexos como o acesso, a inclusão e implementação de uma política que incluí – demandas no ensino superior, políticas públicas e economia da cidade.

Relação essa que recai nos estudos apresentados nos capítulos anteriores, cuja a leitura nos proporcionaram observar um número significativo de variáveis que estimulam as trocas multiescalares que abrangem as instituições de ensino superior e a sua influência tanto no espaço urbano e interurbano quanto nas interações espaciais, demonstrando, assim, o par produção do espaço urbano e abrangência regional a partir do ensino superior.

Nesse sentido, podemos afirmar que a centralidade da cidade de Presidente Prudente também se confirma pelo oferecimento de serviços educacionais, como verificados nas instituições de ensino superior, essa comprovação se fez presente nos discursos dos estudantes, nas coletas de informações com os professores e comerciantes.

Os resultados alcançados a partir da metodologia adotada nesta pesquisa nos possibilitaram compreender esse par de conceitos elencados para a análise, bem como os procedimentos metodológicos, que fazem parte do fazer científico e que nos proporcionou os resultados necessários para a demonstração deste estudo. A fim de recapitular, rapidamente, os procedimentos que nos levaram aos resultados apresentados nos capítulos 1, 2 e 3 nos quais podemos ver que as relações entre a cidade e as instituições de ensino superior foram: levantamento bibliográfico, confecção e aplicação de questionário, elaboração e roteirização de entrevistas, confecção de mapas, trabalho de campo e a sistematização destes dados. A sistematização dos dados coletados via aplicações de questionário e trabalhos de campo tiveram com a finalidade compreender a lógica das instituições de ensino superior e as interações espaciais e territoriais que se articulam por meio dela. Esses mesmos dados foram utilizados para a confecção de mapas que espacializam o processo que se pretendeu entender.

No capítulo 1, a discussão foi feita a partir do tema da geografia do ensino superior, ou seja, um conteúdo especializado que, de fato, altera dinâmicas e lógicas do processo de produção da cidade. Daí, optamos pelo olhar do "momento histórico", que aqui deixemos entre aspas para lembrar que se trata apenas de espaço-tempo cuja a história do ensino superior no Brasil foi colocado em evidência, à medida que foram apresentadas políticas e as reformas educacionais, melhoradas e atendidas pela presença de órgãos estatais públicos como o ministério da educação e o advento das redes privadas de ensino superior. Na cidade de Presidente Prudente

evidenciamos instituições de ensino superior que se encaixam em cada momento de mudanças das lógicas de espacialização no território brasileiro. Como apresentado, podemos verificar que as instituições têm suas origens em diferentes localidades, no entanto, se encontram estabelecidas, seja suas sedes ou polos/câmpus na cidade de Presidente Prudente, alterando assim o espaço urbano e a dinâmica da cidade.

Antes de avançarmos nesta síntese, é relevante lembrarmos que o debate conceitual apoiado no que se entende por interações espaciais e territoriais foi primordial para compreendermos a implementação das IES sob perspectiva multiescalar, na cidade de Presidente Prudente. Foi assim e por isso que construímos o capítulo 2. Por meio deste, aprofundamos os nossos conhecimentos sobre as práticas espaciais dos estudantes e as lógicas que norteiam os agentes econômicos presentes nas proximidades das instituições. As interações espaciais e territoriais estão presentes tanto no sentido de movimento quanto nas trocas permitidas a partir da localização das instituições e da influência que a mesma exerce nos estudantes.

A esse respeito devemos ressaltar que há diferenças nas lógicas de atuação das IES segundo aspecto como: se são privadas ou públicas, se são multi-câmpus ou não, se são mais ou menos ligadas ao setor produtivo local/regional. Quando olhamos para a oferta de curso da Unesp vemos que a preocupação na natureza das áreas está fortemente conectada ao conjunto do que é a Unesp no estado de São Paulo, muito embora, também haja setorização de cursos, com preocupação em se distribuir as grandes áreas conhecimento no território paulista. Isto ocorre de forma mais pontual quando olhamos para universidades como a UNOESTE, sobretudo, cuja história está conectada com a história da cidade de Presidente Prudente. No discurso dos representantes desta IE, bem como no site eletrônico dela, encontramos essa relação fortemente declarada. Nesta, mas também na TOLEDO, a relação de cursos está intimamente ligada com dois pontos relevantes para se compreender o papel das IES privadas numa cidade média como Presidente Prudente, que são: a cobrir ausências de cursos e áreas nas escalas de abrangência e, também, a conectar a natureza destes cursos com um circuito produtivo já desenhado. Sem dúvida, isso resulta num movimento maior entre as escalas ampliando a abrangência o que foi evidenciado no capítulo 3.

Assim, pudemos verificar que também é possível fazer a constatação a partir do movimento e das relações estabelecidas a partir da cidade com a região, da região com a rede urbana em múltiplas escalas. As cidades que correspondem as localizações dos estudantes nos mostram que existe uma relação de proximidade que pode ser explicada pela demanda regional, mas, também uma relação na qual são pontuadas cidades mais distantes e que extrapolam o nível regional, o que torna o objeto mais complexo a ser analisado e dá conteúdo a discussão da necessidade das análises multiescalares. Sobre este aspecto, reforçamos o quão cada IE é responsável pela dinâmica multiescalar nas cidades.

Mais uma vez, vale lembrar que estamos diante, de fato, como nos lembrou Santos e Silveira de uma "Geografia do ensino superior" tema compreendido sob dois aspectos escalares: a seletividade espacial e a distribuição das instituições de ensino superior no território brasileiro.

Dada a importância do tema cabe salientar que as verificações das interações espaciais e territoriais não devem se esgotar neste trabalho, por isso é sempre necessário apontarmos as possibilidades de novos estudos que possam estender o leque conceitual para a análise das instituições de ensino superior, bem como captar as questões que demostram economicamente e socialmente a presença dos estudantes na cidade. Haja vista que no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa surgiram questões que pelo recorte analítico por nós adotado não permitiu responder.

Em síntese, podemos afirmar a cidade, por diversos conteúdos, e as universidades é um destes, como resultante das múltiplas escalas e como espaço de grande influência regional reafirmando o papel de Presidente Prudente enquanto cidade média haja vista a implantação e permanência das IES que colaboram para provar a função exercida por Presidente Prudente enquanto cidade média no oeste paulista.

A pesquisa enquanto parte da produção de conhecimento nunca cessa e é importante pontuar que este trabalhou possibilitou a abertura de vários debates que possibilitam o avanço na compreensão e no fazer científico, proporcionando o debate e o desenvolvimento de novas possibilidades de pesquisa acerca do tema. A confecção deste trabalho trata-se de uma etapa importante de formação. Os temas elencados foram de grande valia para a pesquisadora que ao lidar com o objetivo de

pesquisa pôde avaliar as diferentes trajetórias dos estudantes no seu percurso profissional, para além do debate conceitual extremamente importante para o trabalho, os trabalhos de campos nos possibilitam diferentes vivências e abrangências acerca do objeto de pesquisa e dos resultantes conceituais elencados para análise.

Referências

ABREU, D. S. **Formação Histórica de uma cidade pioneira paulista**. 1972.

ALMEIDA, M. M. de.; SOUZA, A. de O. A criação da Universidade federal da grande dourados no contexto do desenvolvimento regional. **Anais XVI Encontro nacional de Geógrafos.** Porto Alegre. p. 1-9, 2010.

ALMEIDA, M. R. R. de. A dimensão socioespacial da furg: um estudo de caso sobre a universidade federal do rio grande no contexto de sua expansão'. 2011. 157 f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: universidade federal do rio grande, rio grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - Campus Carreiros

AMORIM, C. C. Território usado e instituição de ensino superior no Brasil – A expansão de sistemas técnicos. Scripta nova. **Revista eletrônica de Geografia y ciências socials.** Barcelona. v. XVI, num. 418. P. 1-16. 1 de novembro de 2012.

AMORIM, Wagner Vinicius. A produção imobiliária e a reestruturação das cidades médias: Londrina e Maringá/PR. 2015. 413 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

ARAÚJO, J. A. da S. **Centralidade urbano – regional de Campina Grande – PB: Os serviços de saúde e educação superior**, 168 f. 2012. Dissertação – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

BAUMGARTNER, W. H. Universidades públicas como agentes de desenvolvimento urbano e regional de cidades médias e pequenas: uma discussão teórica, metodológica e empírica. **Revista GeoTextos**, v. 11, n. 1, julho de 2015. p. 91-111.

BARRETO, R. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação. **Caderno do curso em doutoramento em Geografia**. FLUP, São Paulo. 2010. p.23 – 41.

BAUMGARTNER, W. H. Universidades públicas como agentes de desenvolvimento urbano e regional de cidades médias e pequenas: uma discussão teórica, metodológica e empírica. Revista GeoTextos, v. 11, n. 1, julho de 2015. p. 91-111.

BELLET, C.; GANAU, J. (Org). **Ciudad y universidad: Ciudads universitárias y campus urbanos.** Ed. Milenio: Lheida. 2006

BIAZON, V. V. A sociedade do consumo e a escolha do ensino superior. **Anais do Congresso Internacional comunicação e consumo.** São Paulo, 2014. p. 1 – 12

BOMTEMPO, D. C. Dinâmica Territorial, atividade industrial e cidade média: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP. 2011. 455 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente.

BRASIL. Decreto – lei nº5773, de 9 de maio de 2006. Dispões sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superiore cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Subchefia para assuntos jurídicos, Brasília, DF, 9 maio 2006. p. 17.

BRASIL. Lei n. 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 20 de dez/1996.

BRUNNER, J. J. (coord). **Educacíon superior en América Latina:** Uma agenda de problemas , políticas y debates em el umbral del año 2000. CLACSO: Buenos Aires. 1994. p. 114.

BURITI, M. M. dos S. Dinâmicas Territoriais e Interações Espaciais: O circuito espacial produtivo da avicultura de corte no município de Pocinhos – PB. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciência Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CAMAGNI, R. Economía Urbana. Barcelona: Antonio Bosh S.A.. 2004.

CATELAN, M. J. Heterarquia Urbana: interações espaciais interescalares e cidades médias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: www.culturaacadêmica.com.br

CAMACHO, J. F.; SOARES, B. R. **A expansão do ensino superior na definição de um aglomerado urbano descontínuo em torna da cidade de Uberlândia – MG**. Anais do Encontro de geografia da América Latina. Grupo de Trabalho: Geografia sócio-economica. p. 1 – 14. 2012

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da "Geografia Abstrata" a "Geografia Concreta". In: MENDONÇA, Francisco; LOWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da. Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMADAN, 2009. p. 73 a 90.

CARVALHO, E. do N. **A interiorização do ensino superior na Amazônia:** O caso de Santarém no oeste do Pará – 1985 a 2010. 2014. 267p. Tese – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

CASTELO BRANCO. M. L. Cidades Médias no Brasil. In: SOBARZO, O. et al. Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. 1ªEd. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.245-277.

CATELAN, M. J. As interações espaciais interescalares como perspectiva analítica: da estruturação ás articulações – a hierarquia e a heterarquia na rede urbana. In: _____ **Heterarquia Urbana:** Interações espaciais interescalares e cidades médias. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2013. p.37-82 (Recurso Digital)

CHEPTULIN, A. A dialética materialista. Categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 2004.

COCCO, R. G. Interações espaciais e sistemas de transporte público: uma abordagem para Bauru, Marília e Presidente Prudente. 2011. 265 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente.

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. Estudos sobre a Rede Urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

CUNHA, L. A. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, MENDES (org.) e outros. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica.2000.

DANTAS, J. R. de Q. **As cidades médias e o desenvolvimento regional:** Um estudo sobre Pau de Ferros (RN). 2014. 261p. Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014.

DANTAS, J. R. de Q.; CLEMENTINO, M. do L. M**. A expansão do ensino superior e as cidades médias:** um estudo sobre a atuação da UERN/Campos de Pau dos Ferros (RN). Revista Política e Planejamento Regional, Rio de Janeiro, v. 1. N. 2. p. 227 – 236. Julho/Dezembro, 2014.

DURHAM, Eunice R.- **O ensino superior no Brasil**: público e privado- Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo- documento de trabalho número 3, março de 2003

FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo, 1966.

FREIRE, H. P. A expansão do ensino superior nas cidades médias no nordeste brasileiro. **Anais do XVIII Encontro nacional de Geógrafos**. 1-11. 2016.

GASPAR, J. G. **O papel do ensino superior em Araguaína – TO:** O que dizem os estudos e os professores. 2011. 271p. Tese – Universidade de Lisboa. 2011.

GOEBEL, M. A.; MIURA, M. N. **A universidade como fator de desenvolvimento:** O caso do município de Toledo – PR. Revista Expectativa, Toledo, 35-47

GOMES, I. R. P. Cidades pequenas e rede urbana: Interações espaciais a partir do sudoeste do Estado do Mato Grosso do Sul. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humana, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

GUIMARÃES, R. B. Regiões de saúde e escalas geográficas. Cadernos de Saúde Pública, v.21 n.4, p.1017-25, 2005.

GUSMÃO, A. D. F. **Espaço regional e ensino superior em Vitória da Conquista** – BA. 2009. 113 f. Dissertação – Universidade de Sergipe. São Cristovam, 2009.

GUSMAO, A. D. F. Ensino superior e a dinâmica dos fixos e fluxos espaciais em Vitória da Conquista (BA), **Anais da Semana da Geografia da UESB.**

HAIASHIDA, K. A. **Quixadá:** Centro regional de convergência e irradiação da educação superior. 2014. 370 p. Tese – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

HOLANDA, J. M. **Dinâmica socioespacial do centro de Fortaleza com base nos serviços educacionais.** 2016. 193 f. Dissertação – Universidade federal do Ceará. Fortaleza, 2016.

HONÓRIO, L. de M. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa,** MG. 130f. 2012. Dissertação – Universidade federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LIMA, E. L. G. RIBEIRO, A. I. M. **A faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente 1959 – 1976**: Gênese da FCT – UNESP. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

LIRA, V. C. Estrutura Produtiva local, interações espaciais e produtividade industrial no Brasil. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MELAZZO, E. S.; CASTRO, C. A escala geográfica: noção, conceito ou teoria?. Terra Livre, v. 2, n. 30, p. 133-142, 2008.

Ministério da Educação. **Relatório: análise sobre a expansão das universidades federais**. 2003 – 2012. Brasília, 2012. 56 p.

Ministério da Educação. Relatório: **Educação para todos no Brasil 2000 – 2005.** Junho de 2014.

MIRALES-GUASCH, C. Da universidad-campus, aislada y suburbana, a polo metropolitana del conocimento. El caso de la universitat autônoma de Barcelona. **Rev. Scripta Nova**. Vol. XIV, num. 319. 1 de abril de 2010.

MITCHELL, William. E-topia: Tecnologias de Informação e Comunicação e a transformação da vida urbana,. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo; (orgs). A Sociedade em Rede do Conhecimento à aplicação política. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 2005. P.337 – 343

MONDINI, V. E. D,; DOMINGUES, M.J. C. de S. Entendendo a classificação da IES no Brasil. **Anais V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitária na américa del Sur**. Argentina. p. 1 – 17. 2005

MORENO, B. B. **A centralidade do ensino superior e o processo de redefinição socioespacial em Dourados – MS**. 277 f. 2013. Dissertação – Universidade estadual da Grande Dourados. Dourados, 2013.

MOROSINI, Marilia Costa. O ensino superior no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil.** – vol. III: século XX. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MOTA, A. A. da. **A cidade de Maringá e as instituições de Ensino Superior:** novos espaços de concentração e exclusão. Acta Sci Human. Maringá. v. 28. n. 2. p. 249 – 255.

MOTA, A. A. da. **A geografia do ensino superior de Maringá:** A dinâmica regional e as transformações no espaço urbano. 284 f. 2007. Dissertação – Universidade estadual de Maringá. Maringá, 2007.

MOTA, A. A. da. Os fluxos populacionais interurbanos e os papeis urbanos da cidade média de Maringá – PR. **Anais do XVI Encontro nacional de estudos populacionais**, Caxambu, 2008. P. 1-20

MOTA, A .A . da. A Geografia do ensino superior e as origens da univer(cidade). **Anais do V Coloquio Nacional do núcleo de estudos em espaço e representação .** v. 1, n.1, 2013.

MOURA, E. D. de. **Conectando o urbano e o ensino superior:** dinâmicas espaciais em Sinop – MT. 274 f. 2015. Dissertação – Universidade federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2015.

MOORE, A. Repensar a escala como uma categoria geográfica: da análise para a prática. GEOgraphia. Niterói, Universidade Federal Fluminense. ISSN 15177793 (eletrônico). GEOgraphia, vol. 20, n. 42, 2018: jan./abr.

NOGUERA, R. Ubuntu como forma de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**. v. 3, n.6. nov. 2011 – fev. 2012. p. 147 - 150

OLIVEIRA, R. B. de. A Proposta de Qualificação Profissional do REUNI: contradições e possibilidades'. 196 f. Mestrado em POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAÇÃO HUMANA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Rede Sirius

OLIVEIRA, V. F. de. Os sentidos da casa própria: condomínios horizontais populares fechados e novas práticas espaciais em Presidente Prudente e São Carlos. 2014. 226 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115733>.

PESSOA, T. D. G. "OS IMPACTOS DO PROGRAMA DE APOIO A PLANOS DE REESTRUTURAÇÃO E EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (REUNI) PARA A FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS(OS): O CASO UFRJ"'. 117 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991

RACINE, J. B.; RAFESTIN, C.; RUFY. Escala e ação: Contribuição para a interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano 45, n. 1, jan/mar. 1983, p. 133-145.

REIS. B. P. Produção do Espaço Urbano e Dinâmica Imobiliária em Cidades Médias. 2015. Monografia (Bacharel) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente.

RIBEIRO, W. de O. Interações espaciais na Rede Urbana do nordeste do Pará: particularidades regionais e diferenças de Bragança, Capanema e Castanhal. 2017. 356 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil,** Editora Vozes – 22ª ed. Petrópolis RJ, 2000.

SANFELIU, C. B. La inserción de la universidad em la estrutura y forma urbana. El caso de la universitat de Lleida. **Rev. Scripta Nova.** Vol. XV, num. 381, 20 de novembro de 2011.

SANTANA, E. T. de.; MARENGO, S. N. A universidade federal do recôncavo como política de desenvolvimento regional no espaço interurbano de Santo Antônio de Jesus. **Revista Geotextos**. vol. 8, n. 2, dez. 2012. 35 – 57.

SANTANA, E. T. **As instituições de Ensino Superior e a Produção do Espaço Urbano de Barreiras (BA) e Chapecó (SC).** Algumas reflexões iniciais. P. 1-10

SANTOS, D. P. **Educação Superior e desenvolvimento em Montes Claros/MG:** A contribuição do curso de geografia da FUNM (1964 -1971). 2015. 212 p. Tese – Universidade Federal de Uberlândia. 2015.

SANTOS, M & SILVEIRA, M. L. **O ensino superior público e particular e o território brasileiro.** Brasília: ABMES, 2000. 163 p.

SEMESP**. Mapa do ensino superior no Estado de São Paulo**. 2012. 56 p.

SIEBIGER, R. H. O processo de bolonha e os novos espaços transnacionais de educação superior latino- americanas: A universidade brasileira em movimento. **Caderno PROLAM/USP**. Ano 9. Vol. 2, 2010. p. 119-135.

SIQUEIRA, J. S. Eficiência das universidades públicas federais brasileiras: um estudo com foco no projeto REUNI' 26/03/2015 96 f. Mestrado em CONTABILIDADE - UNB - UFPB - UFRN Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BDTD/BCE-UnB

SOJA, E. **Geografias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Escala Geográfica, "Construção social da escala" e políticas de escala". In: **Os conceitos fundamentais da Pesquisa Socio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013. p. 179-216.

SOUZA FILHO, I. da C. **A inserção de uma instituição federal em uma cidade do sertão de Pernambuco** – Serra Talhada. 92 f. 2009. Dissertação – Universidade federal do Pernambuco. Recife, 2009.

SMITH, Neil. Escalas Espaciais do Capital. In: **Desenvolvimento Desigual, Natureza, Capital e Produção do Espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1998. p. 191-250.

SPOSITO, M.E.B. **O chão em pedaços: Urbanização, Economia e cidades no Estado de São Paulo.** 2004. 508 p. Tese – Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista campus de Presidente Prudente. 2004.

SPOSITO, M. E. B. & GÓES, E. M. Os espaços residenciais fechados e as cidades. In:_____ **Espaços fechados e cidades: Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial.** SP: Ed. Unesp, 2013. p. 133 – 158

SPOSITO, M. E. B. O **chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana.** 1983. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São Carlos, 1983.

SPOSITO, E. S.; SILVA, P. F. J. da. **Cidades Pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, 148 p.

SVARTAM, B. P. **A universidade pública em tempos neoliberais: comentários sobre o livro *Universidade, cidade, cidadania***. Rev. Estud. av. vol.30, no.86, São Paulo Jan./Apr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000100323

TERAMATSU, G. Geografia e Ensino Superior: Estado da arte das pesauisas de pós-graduação. **Anais do XI Encontro Nacional da Enanpege**. 1-12. 2015.

TURRA NETO, N. Áreas centrais de lazer noturno e estruturação do espaço urbano em cidades médias. In: In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória/ES. A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos. **Anais Eletrônicos**. Vitória-ES: UFES, 2014.

VANELLA, L. Los origens de la faculdade de filosofia de la universidad de Tucumán. **Cadernos de Educacion.** ano V – n. 5. Córdoba – julio de 2007. 65 – 81.

SITES CONSULTADOS:

ANHANGUERA

Disponível em: <http://anhanguera.com/graduacao/localidades/polo-presidente-prudente-sp.php>

Acesso em: 10/07/2017

CLARETIANO

Disponível em: <https://claretiano.edu.br/polos/presidente-prudente>

Acesso em: 10/07/2017

FAPESP. Agência FAPESP: Unesp faz 40 anos

Disponível em < http://agencia.fapesp.br/unesp_faz_40_anos/22582/>

Acesso em: 22/01/2016

FATEC

Disponível em: <http://www.fatecpp.edu.br/>

Acesso em: 10/07/2017

IBGE-CIDADES.

Disponível em:
<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354140>
Acesso em 20/01/2017

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília. Inep, 2016

Disponível em <http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>

Acesso em 10/05/2017

LAUREATTE

Disponível em: <http://www.eadlaureate.com.br/>

Acesso em: 10/07/2017

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/> Acesso em: 28/08/2015

MUSEU MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

Disponível em: <http://presidenteprudente.sp.gov.br/museu/>

Acesso: 20/06/2016

SEADE

Disponível em < http://www.seade.gov.br/ >

Acesso em: 20/05/2017

TOLEDO

Disponível em: <https://toledoprudente.edu.br/novosite/>

Acesso em: 10/07/2017

UNIESP

Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/presidenteprudente/>

Acesso em: 10/07/2017

UNIMETODISTA

Disponível em: http://portal.metodista.br/

Acesso em: 10/07/2017

UNICESUMAR

Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/ead/polo/presidente-prudente/>

Acesso em: 10/07/2017

UNICID

Disponível em: <https://www.unicid.edu.br/>

Acesso em: 10/07/2017

UNESP

Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/>

Acesso em: 10/07/2017

UNOESTE

Disponível em: <http://www.unoeste.br/>

Acesso em: 10/07/2017

UNOPAR

Disponível em: <http://polos.unoparead.com.br/presidenteprudente-sp>

Acesso em: 10/07/2017

ANEXO

QUESTIONÁRIOS NAS UNIVERSIDADES – PERFIL DOS ESTUDANTES

Esclarecimentos: 1. pesquisa realizada por professores da UNESP sobre as universidades e a produção do espaço urbano de Presidente Prudente, sem identificação dos respondentes da enquete;

2. no preenchimento de cada quadro, várias opções podem ser marcadas.

Gênero: ( )Feminino ( )Masculino Curso:_____ Período:_____

Cidade de origem[21]:_____ Bairro de Moradia[22]: _____ Renda Familiar aproximada:_____

O Ensino Fundamental e Médio estudou em: ( ) escola pública ( ) escola particular ( )outro. Especifique_____

Frequentou Cursinho pré- vestibular? ( ) não ( ) sim. Qual_____

Trabalha e estuda? Se sim, em que: _____ Possui: ( ) Tv ( )Notebook ( )Celular ( ) automóvel próprio ( ) moto própria ( ) casa própria

	Bloco	Acesso	Cotas	Bolsista

[21] Para alunos que mudaram pra Presidente Prudente exclusivamente para estudar.

[22] Se não souber o nome do bairro, preencha com o nome da rua.

Forma de Ingresso a Universidade	Qual a forma de ingresso nessa universidade?	( ) ENEM ( ) Vestibular interno. ( ) SISU ( ) Outro Especifique	( ) escola pública ( ) cotas raciais (Lei nº 12.711/2012) ( ) sem cotas	( )PROUNI . ( ) Bolsa da instituição ( ) FIES ( ) Outro. Especifique
	Permanência na universidade	Recebe ajuda de custos? ( ) Sim, Família. ( ) Sim, Amigos. ( ) Não	Bolsista em alguma das modalidades abaixo? ( ) Sim, Iniciação Científica ( ) Sim, auxilio permanência ( ) Sim, outro. Especifique ( ) Não	Se bolsista, qual o órgão: ( ) FAPESP ( ) CNPQ ( ) PIBID ( ) PIBIQ ( ) Outro. Especifique.

Condições de Moradia e Deslocamento	Você mora em Presidente Prudente com: ( ) País ( ) Amigos ( ) Parentes ( ) Sozinho	Quantas pessoas mora contanto com você? Indique um número abaixo.	Qual a condição de moradia: ( ) casa própria ( ) aluguel – casa ( ) aluguel - apartamento	Tipo de moradia: ( ) Pensionato ( ) República ( ) moradia estudantil ( ) Outros. Especifique
	Deslocamento até a universidade:	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) carro ( ) ônibus TCPP/Pruden Express ( ) veículo coletivo intermunicipal	Deslocamento na cidade:	( ) a pé ( ) táxi ( ) bicicleta ( ) moto táxi ( ) moto ( ) carro próprio ( ) ônibus

Gasto mensal com transporte:_____

Gasto mensal com moradia e despesas:_____

Na sua cidade de origem possui universidade?[23]

( ) Sim ( ) Não

Por que optou por esta universidade?

_____

Você pretende trabalhar onde:

_____

Onde é a área central da cidade de Prudente, para você?

_____

Espaços de consumo:

[23] Para alunos que mudaram pra Presidente Prudente exclusivamente para estudar.

	Onde compra?	Nome da Empresa, Indicar avenida, rua ou bairro	Frequência	Como paga?	Locomoção
Alimentação	( ) Supermercado	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____ _____	( ) 1 vez por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus ( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) mercado de bairro	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____ _____	( ) 1 vez por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus ( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) feira Indicar avenida, rua ou bairro: _____	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____ _____	( ) 1 vez por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus ( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio

	( ) outros (quitanda, armazém etc) Indicar avenida, rua ou bairro: _____	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____ _____	( ) 1 vez por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) Compras em domicílio	( ) internet ( ) telefone ( ) vendedor de porta em porta ( ) outro	( ) 1 vez por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado		

	Onde?	Nome	Frequência	Como Paga?	Locomoção
	( ) Sua casa ou de familiares ou amigo	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando		( ) a pé ( ) táxi ( ) bicicleta ( ) moto táxi ( ) moto ( ) carro próprio ( ) ônibus
	( ) Clube	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) cheque pré-datado ( ) a vista	( ) a pé ( ) táxi ( ) bicicleta ( ) moto táxi ( ) moto ( ) carro próprio ( ) ônibus
	( ) Praça/parque	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando		( ) a pé ( ) táxi ( ) bicicleta ( ) moto táxi ( ) moto ( ) carro próprio ( ) ônibus
	( ) Casas noturnas	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) táxi ( ) bicicleta ( ) moto táxi ( ) moto ( ) carro próprio ( ) ônibus

Lazer/ Esporte	( ) Shopping	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) Bares	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) Academia	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) Restaurante	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio
	( ) Cinema	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) a vista	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio

	( ) Outros	Nome _____ Avenida, rua ou bairro _____	( ) 1 vez ou mais por semana ( ) duas vezes por mês ( ) 1 vez por mês ( ) de vez em quando	( ) cartão de crédito ( ) crediário ( ) a vista ( ) caderneta ( ) cheque pré-datado	( ) a pé ( ) bicicleta ( ) moto ( ) ônibus	( ) táxi ( ) moto táxi ( ) carro próprio

Agradecemos a sua colaboração.

Pesquisadores do GAsPERR - UNESP

(gasperr@fct.unesp.br)